



O ATIVISMO DIGITAL SOB A PERSPECTIVA DE VILÉM FLUSSER: ESTUDOS
DE CASO ESCOLA FRIEDENREICH, MEU RIO, REDE NOSSAS E AS
MOBILIZAÇÕES CONTRA A MORTE DE MARIELLE FRANCO

Cláudia Siqueira de Souza Belém

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Engenharia
de Produção, COPPE, da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como parte dos
requisitos necessários à obtenção do título
de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientador: Roberto Bartholo

Rio de Janeiro

Julho de 2022

O ATIVISMO DIGITAL SOB A PERSPECTIVA DE VILÉM FLUSSER: ESTUDOS
DE CASO ESCOLA FRIEDENREICH, MEU RIO, REDE NOSSAS E AS
MOBILIZAÇÕES CONTRA A MORTE DE MARIELLE FRANCO

Cláudia Siqueira de Souza Belém

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO INSTITUTO ALBERTO
LUIZ COIMBRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DE ENGENHARIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS
REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
CIÊNCIAS EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO.

Orientador: Prof. Roberto Bartholo, Dr., COPPE/UFRJ

Aprovada por: Prof. Roberto Bartholo, Dr., COPPE/UFRJ

Prof. Marcos Cavalcanti, PhD, COPPE/UFRJ

Prof. Rita Afonso, PhD, Faculdade de Administração/UFRJ

RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL

JULHO DE 2022

Belém, Cláudia Siqueira de Souza

O Ativismo Digital sob a Perspectiva de Vilém Flusser: Estudos de Caso Escola Friedenreich, Meu Rio, Rede Nossas e as mobilizações contra a morte de Marielle Franco / Cláudia Siqueira de Souza Belém. – Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2022.

XV, 170 p.: il.; 29,7 cm.

Orientador: Roberto Bartholo

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de Engenharia de Produção, 2022.

Referências Bibliográficas: p. 168-176.

1. Ativismo digital. 2. Política. 3. Flusser. 4. Mídias sociais. 5. Meu Rio. 6. Marielle Franco. I. Bartholo, Roberto. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, Programa de Engenharia de Produção. III. Título O Ativismo Digital Sob a Perspectiva de Vilém Flusser: Estudos de Caso Escola Friedenreich, Meu Rio, Rede Nossas e as mobilizações contra a morte de Marielle Franco.

Ao meu pai, revisor de meus textos e inspiração e à minha mãe por seu apoio e carinho. Ao meu marido, Francisco, que pacientemente conviveu com meus fins de semana dedicados à pesquisa e à escrita e me estimulou a seguir adiante. E aos meus filhos, Bernardo, Helena e Cecília, colegas de UFRJ, companheiros de paixão por essa universidade que, apesar de todas as dificuldades e idiosincrasias, nos forma como cidadãos.

AGRADECIMENTOS

Antes mesmo de me formar em Comunicação Social na ECO/UFRJ, eu já estava dentro da redação do jornal O Globo. Cheguei quase ao mesmo tempo que os primeiros computadores, de tela verde, sem mouse e sem www. Eu me joguei na vida prática cedo. Foram 13 anos de jornalismo cultural e, em 2000, migrei para a comunicação me tornando sócia de uma agência. Meu caminho de volta para a academia se deu a partir do convite para que eu desse aulas na ESPM, na pós-graduação de Produção de Audiovisual. Eu já havia atuado como palestrante, professora de cursos de curta duração, inclusive na Fundação Getúlio Vargas (RJ). Mas fazer o planejamento de um curso de longo prazo, conectado com outras disciplinas, me fez ver como eu queria voltar a estudar.

Acabei por encontrar o MBKM do Crie na Coppe/UFRJ. Uma palestra do professor Marcos Cavalcanti me encantou. Foi um período intenso de muito aprendizado entre 2017 e 2018, ao lado de companheiros de diversos talentos e interesses. Em especial, meus colegas Ana Marília Sampaio Marques, Clara Daré, Pedro Marins e Sylvia Grec Sampaio Neiva, que aceitaram trabalhar juntos numa dissertação cujo tema era engajamento político. Obrigada a todos, vocês foram incríveis companheiros de jornada.

Quando decidi pelo mestrado no Programa de Engenharia de Produção na COPPE, foi Cavalcanti quem me sugeriu assistir às aulas do professor Roberto Bartholo. Ainda como ouvinte, tive a oportunidade de ler sob sua orientação, em sala de aula, o livro “O Universo das Imagens Técnicas”, de Vilém Flusser. Foi quase uma epifania. Percebi que existe ali um olhar, uma percepção do nosso mundo, um mundo estruturado a partir de imagens técnicas, que me abria um campo de pesquisa muito rico.

Flusser diz que o fotógrafo dança em torno do objeto em busca de novos ângulos, de novas perspectivas. É assim que me sinto, desde junho de 2018, quando comecei a frequentar o LTDS (Laboratório Tecnologias, Diálogos e Sítios). Bartholo tem sido igualmente paciente e rigoroso, preciso em suas orientações e um criador de horizontes. Ele abre portas novas a cada encontro. Portas que me levam a caminhos nunca percorridos por mim, mas construídos pedrinha a pedrinha por muitos que vieram antes. Encontrei um mestre para me guiar e um autor para me ensinar a enxergar a partir de

diferentes ângulos. E a Engenharia de Produção me traz as ferramentas para analisar o processo de comunicação dos ativistas digitais com um olhar diferente e complementar à minha formação de jornalista. Agradeço a Bartholo e a Cavalcanti por iluminar esse caminho até aqui e à professora Rita Affonso, da Faculdade de Administração da UFRJ, por ter aceitado compor a banca.

Resumo da Dissertação apresentada à COPPE/UFRJ como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Ciências (M.Sc.)

O ATIVISMO DIGITAL SOB A PERSPECTIVA DE VILÉM FLUSSER: ESTUDOS
DE CASO ESCOLA FRIEDENREICH, MEU RIO, REDE NOSSAS E AS
MOBILIZAÇÕES CONTRAS A MORTE DE MARIELLE FRANCO

Cláudia Siqueira de Souza Belém

Julho/2022

Orientador: Roberto Bartholo

Programa: Engenharia de Produção

Este estudo investiga a relação entre o conceito “revolucionário-artista”, criado pelo filósofo Vilém Flusser, e a atuação de ativistas digitais brasileiros. Flusser defende que as imagens técnicas são o centro da sociedade pós-industrial e o homem é parte do complexo funcionário-aparato. Reagindo de forma lúdica a essa entropia, os ativistas digitais poderiam ser os novos revolucionários que estressam e subvertem o programa? Partindo dessa pergunta, analiso em profundidade casos de ativismo político no meio digital no Brasil. Como a torcida de futebol Botafogo Antifascista convocou as manifestações contra o assassinato da vereadora Marielle Franco. A atuação da comunidade escolar na reação contra o fechamento da Escola Municipal Friedenreich. A criação de um modelo de ativismo digital pelas ONGs Meu Rio e Rede Nossas, incluindo estudo das organizações Minha Jampa e Minha Campinas; e o processo formativo Lideração, promovido pela Minha Campinas para lideranças comunitárias. A pesquisa é realizada a partir de dados de páginas em mídias sociais, entrevistas semiestruturadas, acompanhamento como ouvinte do Lideração, e complementada por textos e vídeos disponíveis na internet. Nas conclusões, trago algumas respostas e novas perguntas sobre a importância do aleatório no surgimento de atores de fora do ecossistema tradicional da política; o papel do fim da auralidade na disseminação das

fake news; como a identidade do ativista é moldada pelo exercício no meio digital; o processo da atuação em rede; os impactos do ativismo na vida dos entrevistados; e o papel do meio digital na substituição do debate político pelos memes.

Abstract of Dissertation presented to COPPE/UFRJ as a partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Science (M.Sc.)

DIGITAL ACTIVISM FROM THE PERSPECTIVE OF VILÉM FLUSSER: CASE STUDIES ESCOLA FRIEDENREICH, MEU RIO, REDE NOSSAS AND THE PROTESTS AGAINST MARIELLE FRANCO'S MURDER

Cláudia Siqueira de Souza Belém

July/2022

Advisor: Roberto Bartholo

Department: Production Engineering

This study investigates the relationship between the “revolutionary-artist” concept created by the philosopher Vilém Flusser and Brazilian digital activists. Flusser argues that technical images are the center of post-industrial society, and humanity is just part of the man-apparatus complex. Reacting playfully to this entropy, could digital activists be the revolutionaries that stress and subvert the program? Based on this question, I analyze in depth cases of digital political activism in Brazil. How the Botafogo Antifascista football fans called for demonstrations against the murder of councilor Marielle Franco. The role of the school community in the defense of the Friedenreich Municipal School. The creation of a model of digital activism by the NGOs Meu Rio and Rede Nossas, including the study of the organizations Minha Jampa and Minha Campinas; and the Lideração training process, promoted by Minha Campinas for community leaders. The research is based on data from social media NGOs pages, semi-structured interviews, monitoring as a listener of Lideração, and complemented by texts and videos available on the internet. In the conclusions, I bring some answers and new questions about the importance of randomness in the emergence of actors outside the traditional political ecosystem; the role of the end of authorship in the dissemination of fake news; how the activist’s identity is shaped by the exercise in the digital

environment; the process of the digital networking system; the impacts of activism on the lives of the interviewees; and the role of digital media in replacing political debate by memes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 A TEORIA DA COMUNICAÇÃO DE FLUSSER	18
2.1 O ATO POLÍTICO SE DESVANECE.....	23
2.2 O ARTISTA E O REVOLUCIONÁRIO.....	24
2.3 FLUSSER E O ATIVISMO DIGITAL	25
2.4 CONCEITOS TEÓRICOS	26
3 METODOLOGIA E ESCOPO DE PESQUISA	29
4 ESTUDO DE CASO: COMO A PÁGINA BOTAFOGO ANTIFASCISTA MOBILIZA AS MANIFESTAÇÕES CONTRA A MORTE DA VEREADORA MARIELLE FRANCO	36
4.1 QUEM É MARIELLE FRANCO.....	36
4.2 O FENÔMENO DAS TORCIDAS QUE SE AUTOINTITULAM ANTIFASCISTAS.....	38
4.3 A MADRUGADA DO DIA 15 DE MARÇO DE 2018.....	40
4.4 O IMPACTO DO FENÔMENO SOBRE OS NÚMEROS DA PÁGINA	45
4.5 O ACASO NO JOGO DE DADOS	50
4.6 ANÁLISE: O QUE MUDA - IMAGEM CONSTRUÍDA PELO ALEATÓRIO	54
5 MEU RIO: “INJETAR VALORES, ‘POLITIZAR’ AS IMAGENS”.....	59
5.1 CAMPANHAS MEU RIO.....	62
5.1.1 POLITIZANDO O VASO SANITÁRIO	66
5.2 ESTUDO DE CASO: CAMPANHA #ESCOLANÃOSEDESTRÓI, ENTRE O TRATOR E A ESCOLA	67
5.2.1 CRONOGRAMA DE POSTAGENS DA CAMPANHA	71
5.2.2 ANÁLISE DA CAMPANHA – ENGAJAMENTO	77
5.2.3 ANÁLISE DA CAMPANHA – ESTRATÉGIAS	81
5.2.4 ANÁLISE DA CAMPANHA – OBJETIVOS	89
5.2.5 VITÓRIA OU DERROTA?.....	91
5.2.6 ANÁLISE: SAIR DO MURO, PROTEGER O COLETIVO.....	95
5.3 REDE NOSSAS	101
5.3.1 AÇÕES DA REDE NOSSAS.....	102

5.3.2 EXEMPLOS DE CAMPANHAS DA REDE NOSSAS ATIVAS EM FEVEREIRO DE 2021	103
5.3.3 EXEMPLOS DE PROGRAMAS DA REDE NOSSAS ATIVOS EM FEVEREIRO DE 2021	103
5.3.4 EXEMPLOS DE PROJETOS DESINCUBADOS ATIVOS EM FEVEREIRO DE 2021	106
5.3.5 FERRAMENTAS DIGITAIS DE MEU RIO E REDE NOSSAS EM FEVEREIRO DE 2021	107
5.3.6 O NASCIMENTO DA REDE NOSSAS	108
5.3.7 A METODOLOGIA NOSSAS	111
5.3.8 IDENTIDADE ATIVISTA	115
5.4 ESTUDO DE CASO: MINHA JAMPA.....	116
5.4.1 CAMPANHAS E AÇÕES DA MINHA JAMPA	121
5.4.2 MUDANDO A CIDADE, MUDANDO A SI MESMO.....	123
5.5 MINHA CAMPINAS	126
5.5.1 ESTUDO DE CASO: PROGRAMA LIDERAÇÃO	127
5.5.2 ABAIXO-ASSINADO ASSINADO OU HASHTAG?	132
6 ANÁLISE COMPARATIVA	137
6.1 A MUDANÇA INSTITUCIONAL	138
6.2 ATUAÇÃO EM REDE	141
6.3 POLÍTICA. ANTES E DEPOIS DO ATIVISMO.....	143
6.4 A CONSTRUÇÃO DO ATIVISMO E DA LIDERANÇA.....	147
6.5 O PAPEL DO MEIO DIGITAL	153
6.6 PERSPECTIVAS PESSOAIS SOBRE ENGAJAMENTO, PROPÓSITO E MUDANÇA.....	159
7 CONCLUSÃO.....	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	168
ANEXO A - CARTA DE APOIO À ESCOLA MUNICIPAL FRIEDENREICH	177
ANEXO B - E-MAIL ENVIADO PELA EQUIPE DO MEU RIO NO DIA 30 DE NOVEMBRO DE 2012	16

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Reprodução do evento do Facebook em sua versão final, após as edições. ...	40
Figura 2 - Post da convocação para manifestação no Recife (PE), compartilhado na página do evento.....	41
Figura 3 - Post da convocação para manifestação no Belém (PA), compartilhado na página do evento.....	42
Figura 4 – Reprodução da página original, resgatada através do site webarchive, print salva em 01/11/2012 Fonte: Webarchive (2020).....	72
Figura 5- Post publicado na página do Facebook Meu Rio em 31 de outubro de 2012.	73
Figura 6 – Reprodução de post publicado em 31/10/2012, parte de uma série que inclui, entre outras, imagens para serem publicadas nas mídias sociais de pais, professores, alunos e alunas.....	83
Figura 7 - Reprodução do site Escola Não Se Destrói, acesso através da ferramenta WebArchive.....	84
Figura 8 - Reprodução de post publicado na página do Facebook do Meu Rio em 29-11-2012.....	86
Figura 9 - Imagem do Painel de Pressão.....	92
Figura 10 - Trecho da troca de mensagens pré-programadas na página do Facebook Beta, em 31/08/2019 e em 15/10/2019.....	105
Figura 11 - Imagem publicada por um usuário em resposta a post sobre curso de ativismo publicada em 02/07/2020 na página Beta no Facebook.....	105
Figura 12 – Fluxo de etapas para ingresso na Rede Nossas.....	109
Figura 13 - Imagem do trecho do site onde o usuário pode se inscrever para enviar e-mail diretamente para a caixa postal do Secretário Estadual de Educação. Há um texto sugerido que pode ser editado pelo usuário.....	122

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - “The number of people who engaged with the page, including any click or story created.” Período e dados comparativos: Média anterior dos 28 últimos dias até 13 de março de 2020 x Dados dos dias 14 a 19 de março de 2020. Dados gerados por ferramenta de medição do próprio Facebook.	46
Gráfico 2 - “Daily Total Reach: The number of people who had any content from your Page or about your Page enter their screen. This includes posts, check-ins, ads, social information from people who interact with your Page and more.” Período e dados comparativos: média anterior dos 28 últimos dias até 13 de março de 2020 x Dados dos dias 14 a 19 de março de 2020.	47
Gráfico 3 - Alcance - Principais países (excluindo Brasil) onde usuários foram alcançados pelo evento no período de 13 de março de 2018 a 19 de março de 2018	48
Gráfico 4 - Comparação do total de usuários que interagem com a página dividido percentualmente por gênero. Período comparativo: 28 dias antes do evento X 14 a 19 de março de 2018	49
Gráfico 5 – Engajamento total (soma de Curtidas, Comentários e Compartilhamentos) ao longo do período da campanha, expurgados os 2 posts fora do padrão.....	79
Gráfico 6 – Engajamento por tipo de ação ao longo do tempo (incluídos todos os posts): Compartilhamentos x Curtidas x Comentários.....	80
Gráfico 7 – Engajamento comparativo por tipo de ação (incluídos todos os posts): Compartilhamentos x Curtidas x Comentários.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Casos analisados e sua interrelação.....	31
Quadro 2 - Valores comparativos dos 2 posts com mais engajamento x Valores totais x Valores médios x Valores médios expurgados dos 2 posts com mais engajamento	78
Quadro 3 – Valores de engajamento por post	84
Quadro 4 – Análise das 6 funções dos posts da campanha e exemplos	90
Quadro 5 - Metodologia para campanhas de mobilização Nossas	113
Quadro 6 - Casos comparados – Mudança institucional	139
Quadro 7 – Casos Comparados – Atuação em rede	141
Quadro 8 – Casos comparados – Os efeitos do ativismo	143
Quadro 9 – Casos comparados – A construção do ativismo	147
Quadro 10 - Casos Comparados – Como o digital intervém.....	153
Quadro 11 – Casos Comparados – Como cada um vivencia o ativismo.....	159

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Critérios de seleção dos objetos analisados	30
--	----

1 INTRODUÇÃO

Desde a explosão das manifestações na Primavera Árabe (2010/11), na Praça Tahir (2011) e do Occupy Wall Street (2011), pesquisadores de diferentes correntes se voltaram para entender o funcionamento das mobilizações realizadas através da internet e de suas filhas, as mídias sociais. As descobertas dos estudiosos no calor desse primeiro momento até hoje impactam o modo de pensar sobre o ambiente de pesquisa do ativismo digital. São teorias fundadas a partir de entrevistas, dados e monitoramento de redes, observação e presença física nas manifestações, entre outros.

No Brasil, tivemos nossa própria descoberta desse fenômeno nos movimentos das Jornadas de Junho de 2013. Abrimos nossa caixa de Pandora, e como no mito grego, males se libertaram. Na caixa - ou jarro grego - presenteado a Epimeteu, marido da primeira mulher da Terra, chamada Pandora, a Esperança foi o único ser que não conseguiu escapar antes que Pandora voltasse a lacrar o falso presente de Zeus. Por aqui, nos anos que se seguiram ao grito #NãoVaiTerCopa e à ocupação digital pelos manifestantes, sobreveio um sentimento de que a política nas mídias sociais só servia a quem podia pagar por estrategistas criadores de fake news.

Porém, talvez a Esperança tenha conseguido escapar antes do fechamento do jarro. Alguns ativistas seguiram usando as redes e foram criando metodologias, desdobradas em estratégias de guerrilha on-line. Ampliaram sua atuação, aprenderam a pressionar os poderes públicos e os decisores. Criaram redes de confiança com apoiadores, pessoas e instituições, e parceiros. O momento de deslumbramento com a nova ferramenta passou. Não há mais espaço para a ingenuidade.

A partir de um estudo de campo marcado pela troca e pelo diálogo com os entrevistados, esta dissertação pretende contribuir para a análise das aplicações da tecnologia no ativismo político, em especial aquele que vai contra as desigualdades sociais. Para além da extensa pesquisa desk, o encontro – virtual por conta da pandemia da Covid-19 – com ativistas de diferentes perfis e formações é a base das descobertas dessa dissertação, ao lado do acesso a dados de páginas administradas por eles. É um texto permeado de números, processos, histórias, porém pobre de respostas e afirmações, e rico de perguntas e provocações.

É natural que pesquisas sobre ativismo digital surjam em faculdades de Comunicação, ou Sociologia, ou Ciência Políticas. Mas desde o começo busquei um outro olhar, que me abrisse a barriga da baleia, que me ajudasse a iluminar as traquitanas que rangem, rodam, se encaixam e se quebram dentro do programa. Eu queria o olhar do personagem, Neo, ao final do filme “Matrix”. Eu sei, ler os códigos ao invés de ver a ilusão é pedir muito. Mas achei que a Engenharia de Produção me permitiria essa imersão. E fui feliz na escolha.

A proposta foi acolhida no ambiente do PEP/COPPE/UFRJ. E aqui, pelas mãos do meu orientador professor Roberto Bartholo, descobri que o conhecimento necessário para essa investigação talvez não esteja só nas novas ciências, mas também na velha Filosofia. Vilém Flusser e sua visão possibilista são inspiração, alimento e bússola desta pesquisa. Devo confessar que saí para o campo perdida. Ainda bem. Carregando comigo minha experiência de jornalista, fui largando esse lastro pelo caminho e me tornando pesquisadora. O uso da metodologia de pesquisa Grounded Theory mudou minha forma de ouvir e de perguntar. As orientações de Bartholo mudaram minha forma de escrever. Os textos de Larissa Adler Lomnitz, indicados por Bartholo, me ajudaram a entender a importância de me abrir para a escuta, e me modificaram de forma profunda. Tenho um longo caminho a percorrer, mas me sinto agora muito mais pesquisadora do que antes.

Perdida, busquei primeiro o que estava próximo. O jovem estudante de Filosofia Ivo Mineiro acabou sendo minha porta de entrada, e o caso da torcida Botafogo Antifascista, da qual ele é um dos gestores, se tornou um prefácio para os outros casos estudados nesta dissertação. Um caso fechado em si que revela grande conexão com conceitos flusserianos. A partir deste capítulo, me senti segura para avançar e ir construindo os seguintes, estudos de casos que derivam todos da criação das ONGs Meu Rio e Rede Nossas.

Há uma troca constante entre o que descubro no campo e o que Flusser me traz. É um diálogo entre pesquisa e teoria. Desse contato, nasce uma pergunta que atravessa esse texto sem encontrar uma resposta definitiva. Afinal, assumi a visão possibilista de Flusser como minha e, mais, preferi a visão possibilista dialogal. Por isso, ao invés de resposta, ofereço muitas dúvidas e algumas propostas. Minha pergunta é: Seriam os ativistas digitais os artistas revolucionários de Flusser?

2 A TEORIA DA COMUNICAÇÃO DE FLUSSER

Vilém Flusser é um filósofo de múltiplos interesses. Um deles é o das relações dialogais e discursivas e a evolução dos meios criados para essa comunicação, em especial a partir da criação dos aparatos geradores de imagens técnicas. Admirador da fenomenologia de Edmund Gustav Husserl – “I learned with Husserl that to live is not to discover meaning, but to give meaning”¹ (FLUSSER, 2002, p. 203) –, ele constrói e desconstrói seus argumentos através de análises aparentemente conflituosas.

Interessa para este estudo a perspectiva possibilista com que ele aborda o desenvolvimento da História da sociedade a partir da análise da evolução da capacidade de abstração do homem, em especial o quinto degrau desse processo. “Flusser proposes a model for ‘knowledge transmission’ that distinguishes five moments, or rungs, throughout human history where further levels of abstraction are reached.”² (PEREIRA *et al.*, 2016, p. 1).

O primeiro degrau é o momento em que o homem está imerso no mundo real e o conhecimento é transmitido através de ações. O segundo é quando começamos a intervir no mundo de forma a informar os materiais de sentidos e funções a partir da sua desconstrução e construção de um novo objeto, ou seja, da criação de ferramentas como a pedra lascada. Por fim, a capacidade imaginativa traz a possibilidade de uma comunicação do conhecimento, a possibilidade do registrar, compartilhar e ensinar através da imagem em duas dimensões (PEREIRA *et al.*, 2016).

Este é um momento chave. A habilidade do homem de criar imagens para ele e para os outros é única, “because none of the species preceding him seem to have created anything comparable to images such as the cave paintings in Dordogne”³. (FLUSSER, 2002, p. 110).

As imagens como registro do cotidiano e base de aprendizagem para as gerações futuras, entretanto, aos poucos deixam de traduzir o mundo. Perdem a sua razão de ser original, e passam a ser elas mesmas a referência, substituindo o real.

¹ “Aprendi com Husserl que viver não é descobrir sentido, mas dar sentido”.

² “Flusser propõe um modelo de ‘transmissão de conhecimento’ que distingue cinco momentos, ou degraus, ao longo da história da Humanidade, onde novos níveis de abstração são alcançados.”

³ “porque nenhuma das espécies que o precederam parecem ter criado algo comparável a imagens como as pinturas rupestres em Dordogne”.

As imagens podem substituir-se pela circunstância a ser por elas representada, podem tornar-se opacas e vedar o acesso ao mundo palpável. O homem pode agir em função das imagens ('magia'). Dezenas de milênios se passaram até que tivéssemos aprendido a tornar transparentes as imagens, a 'explicá-las', a arrancar com os dedos os elementos da superfície das imagens e a alinhá-los a fim de contá-los; até que tivéssemos aprendido a rasgar o tecido do contexto imaginado e a enfiar os elementos sobre as linhas, a tornar as cenas 'contáveis' (nos dois sentidos do termo), a desenrolar e desenvolver as cenas em processos, vale dizer, a escrever textos e a 'conceber o imaginado'. (FLUSSER, 2008, p. 13).

A escrita fonética que nasce para desvelar a imagem é o quarto degrau na evolução descrita por Flusser. As imagens tradicionais, idolatradas, perdem seu sentido: "Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos" (FLUSSER, 1985, posição 189). Opacas, elas não mais mediam a relação com o mundo externo, passam a substituí-lo. A tradição filosófica e teológica questiona essa relação com o mundo mediada pela imagem desde Platão (FLUSSER, 2002). O homem pré-histórico está inserido no mundo natural. E vai passo a passo se desconectando desse mundo, criando ferramentas de linguagem que permitam entendê-lo e parcialmente dominá-lo, mas acabam por substituí-lo.

Para Flusser, junto com a escrita fonética nasce uma nova forma de pensar: a consciência histórica. O alfabeto fonético e a escrita linear são as ferramentas que permitem o "understanding and explanation, the beginning of consciousness."⁴ (PEREIRA *et al.*, 2016, p. 2). A causalidade passa a ser a forma de estar no mundo para o Ocidente, para a sociedade letrada. O mundo mágico, mítico, das imagens segue convivendo com o mundo histórico, em constante troca, atrito e mudança. Porém perde a sua centralidade, que é ocupada pela escrita. "A sua introdução representa uma primeira revolução da mídia, sendo ela responsável por uma série de conquistas que destacam, segundo Flusser, essa fase da História: a ciência, a lógica, o pensamento causa-efeito, tudo resumido como pensamento linear." (HANKE, 2015, p. 98).

A fotografia como primeira criação do que chama de imagem técnica, limitada pelas possibilidades da programação da caixa preta da máquina fotográfica, é para Flusser o quinto degrau na escala de abstração do homem. Ela também nasce para dessacralizar a palavra, que então é idolatrada e se torna opaca, deixa de mediar a

⁴ "compreensão e explicação, o início da consciência".

relação com o mundo para substituí-lo. O conceito “imagem técnica” - “produzida por aparelho” em contraposição às “imagens tradicionais” (FLUSSER, 1985) - abrangem desde a fotografia até as mídias sociais, criadas posteriormente à morte de Flusser. A imagem técnica, nascida na origem da Revolução Industrial, é o degrau de abstração alcançado a partir da criação dos aparatos, que passam a ocupar o espaço central na sociedade.

Starting with the four-dimensional time-space continuum of our life-world, Flusser leads us from the world of three-dimensional sculpture to that of the two-dimensional image and one-dimensional writing, ending with zero-dimensional binary code and its representational form, the pixel.⁵ (STRÖHL, 2002, p. 27).

Essa imagem técnica pixelada tem o poder de se fazer crer a própria realidade. Toma-se como fato a fotografia do fato. Acredita-se que a fotografia é o real, e não um mapa para parcialmente traduzir o real. “History advanced linearly, but photographs transcended history and they froze the events into happenings”⁶ (FLUSSER, 1990, p.15). “Não que as imagens eternalizem eventos; elas substituem eventos por cenas” (FLUSSER, 1985, p. 15). Passa-se a agir em função das cenas criadas. A narrativa imagética se sobrepõe à experiência vivida. Desde atitudes banais como considerar que só se viu um monumento depois que se alcança o mesmo ângulo da foto mais conhecida dele - turismo de confirmação -, até tomar decisões pessoais, relacionais e políticas em função de gerar novas imagens que se tornam novos biombos entre o homem e o mundo natural. Até as atitudes de revolta servem a alimentar o *aparatus* de novas imagens.

Os atos servem ao programa, existem para gerar imagens técnicas. E as imagens técnicas mediam a relação com o mundo. Nós as percebemos como o real, e não como a representação do real. E, quando vamos em visitas ocasionais ao real, buscamos reproduzir aquilo que nos foi informado pela imagem.

É inovadora a forma como Flusser percebe a fotografia como modelo exemplar do que chama de “complexo operador-aparato”. “Quem predomina na sua produção: o

⁵ “Começando com o continuum tempo-espaço quadridimensional de nosso mundo de vivências, Flusser nos conduz do mundo da escultura tridimensional ao da imagem bidimensional e da escrita unidimensional, terminando com o código binário zero-dimensional e sua forma de representação, o pixel.”

⁶ “A história avançou linearmente, mas as fotografias transcenderam a história e congelaram os eventos em acontecimentos.”

fotógrafo ou o aparelho? Obviamente, a resposta adequada à situação é esta: o fotógrafo funciona em função do aparelho, o aparelho em função do fotógrafo e ambos são funções da produção de fotografias” (FLUSSER, 2008, p. 178).

A fotografia é o primeiro passo do homem em direção à sua desumanização? A imagem técnica tira o homem da centralidade. A revolução industrial põe o homem em torno da máquina. Se antes as ferramentas nos circundam para, com elas, transformarmos, informarmos o produto da natureza, agora cercamos os aparatos que nos transformam em funcionários - “pessoa que brinca com aparelho e age em função dele” (FLUSSER, 1985).

“O aparelho só faz aquilo que o homem quiser, mas o homem só pode querer aquilo de que o aparelho é capaz” (FLUSSER, 2018a, posição 152). Esse é o momento da humanidade na pós-história. O homem faz parte de um complexo, integrado à máquina, como funcionário, e ambos alimentam o programa. Não se diferenciam mais humanos e aparatos. São escolhas pré-programadas. Se são operadores e não programadores, não há escolhas; o homem se submete ao cardápio que lhe é oferecido.

“Antigamente o que estava em causa era a ordenação formal do mundo aparente da matéria, mas agora o que importa é tornar aparente um mundo altamente codificado em números, um mundo de formas que se multiplicam incontrolavelmente” (SANTAELLA, 2013, p. 8). Tudo almeja se transformar em imagem técnica. O humor em memes. Os temas de debate em hashtags rastreáveis. A revolta em vídeos viralizáveis de manifestações que só existem se e para gerar conteúdos para as mídias sociais, os sites e a imprensa. Até as atitudes de revolta servem ao aparato. “Tudo se precipita rumo às imagens para ser fotografado, filmado e videoteipado o mais rapidamente possível a fim de ser recodificado de discurso em programa” (FLUSSER, 2008, p. 84).

Como age o homem frente a essa realidade pautada pelo programa? “Os entorpecidos se divertem com os *gadgets* revolucionários, com os circuitos fechados e com os diálogos eletrônicos programados” (FLUSSER, 2008, p. 94). Este homem está desconectado de si. Para jogar o jogo, o homem ou o novo ativista precisa ser competente e disciplinado. Como o jogo é um processo lúdico, é preciso no decorrer do jogo esquecer-se de si mesmo e se amalgamar ao jogo. (FLUSSER, 2015). Neste sentido, o entorpecido, o jogador integrado ao complexo *homem-aparatus* está de tal

forma envolvido com o jogo que se perde. E o evento não se dá individualmente, ele é coletivo, é da estrutura atual da sociedade. “Há vontade generalizada de dispersão, distração, divertimento” (FLUSSER, 2008, p. 91).

Mas este homem tem uma função: alimentar a máquina, que se gere sozinha.

The game becomes independent of man; it follows its own rules determined by chance; it becomes an autopathic game of permutations, thus transforming humans into game pieces, into numbers, and into functionaries. Programmed human beings — and the game programs themselves — are becoming increasingly well programmed for the programming of the game⁷. (FLUSSER, 2002, p. 123).

O jogador brinca com o jogo para alimentá-lo de novos dados. E, nisso, se abstém de brincar de forma a extrapolar o que está programado, de arriscar o novo, de brincar contra o programa; ou fora dele.

Já o crítico saudosista aponta seu olhar estarecido para a direção errada. Flusser constrói uma imagem para explicar o que ocorre na emergência da estrutura social desse novo modo de estar *homem-aparatus*, é

[...] como submarino que irrompe através da calota polar e faz com que o gelo se desintegre em blocos. Nós, os observadores, tendemos a prestar atenção nos estalos do gelo e nos blocos se desintegrando, em vez de nos concentrarmos no submarino emergente. Eis a razão por que tendemos a falar em ‘decadência’ da sociedade, em vez de falarmos em ‘emergência’ da sociedade. (FLUSSER, 2008, p. 88).

Esse não reconhecimento do submarino emergente é o desinteresse pelo novo e o apego pela tradição.

Entre o entorpecido e o saudosista, existe a possibilidade de um homem contemporâneo, como no conceito firmado por Agamben (2009), capaz de olhar para o submarino sem passar a agir em função dele? “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e ao mesmo tempo, dele toma distâncias.” (AGAMBEN, 2009, p. 59).

⁷ “O jogo torna-se independente do homem; segue suas próprias regras determinadas pelo acaso; torna-se um jogo autopático de permutações, transformando assim os humanos em peças de jogo, em números e em funcionários. Seres humanos programados – e os próprios programas do jogo – estão se tornando cada vez mais bem programados para a programação do jogo.”

2.1 O ATO POLÍTICO SE DESVANECE

Para Flusser, os novos revolucionários não vão necessariamente para a rua, munidos de faixas e celulares. “Os que atualmente berram (os Guevaras, os Khomeinis, os Kadafis) não podem despertar a consciência adormecida, já que enriquecem os programas das imagens que nos divertem” (FLUSSER, 2008, p. 94). Flusser vê na queda televisionada de Nicolae Ceaușescu, na Romênia, em 1989, talvez o primeiro evento da nova forma de se estar no mundo, da cena criada para a câmera, do ato tecnológico substituindo o ato político.

Something seems to have happened there, it is called here a revolution. I think that is a wrong term, because revolution is a political category and it doesn't look to me that what happened over there is political at all. Now whatever happened there may, in the future, be interpreted as a turning point. It may be that what French and American philosophers used to call post-history. Post-histoire has found its first, or almost first, expression in that small country, off Broadway if I may say so.⁸ (FLUSSER, 1990, s.p.).

E os exemplos se sucedem: o rapaz frente ao tanque na Praça da Paz Celestial (1989), o tracejado das armas robóticas da Guerra do Golfo (1990), as manifestações da Primavera Árabe (2010/2011).

Primeiro o ato político se torna um ato de mídia capturado pelas câmeras de TV dos programas jornalísticos. Até que passa a ser produzido para se tornar imagem pelas mãos dos próprios contestadores, que carregam câmeras e celulares conectados à internet. A imagem⁹ capturada pelo fotógrafo Ben Birchall nos protestos decorrentes da morte de George Floyd no Reino Unido durante a derrubada da estátua de Edward Colston em Bristol é representativa do ponto de mudança em que estamos. Há tantos celulares apontados para a estátua sendo lançada ao rio, que pouco vemos das

⁸ “Algo parece ter acontecido ali, chama-se aqui uma revolução. Acho que é um termo errado, porque revolução é uma categoria política e não me parece que o que aconteceu lá seja político. Agora, o que aconteceu lá pode, no futuro, ser interpretado como um ponto de virada. Pode ser o que os filósofos franceses e americanos costumavam chamar de pós-história. A pós-história encontrou sua primeira, ou quase primeira, expressão naquele pequeno país, off-Broadway, se assim posso dizer.”

⁹ Foto de Ben Birchall publicada na reportagem “UK protesters topple statue of slave trader Edward Colston in Bristol, no site da CNN, em 8/6/2020. Disponível em <https://edition.cnn.com/2020/06/07/europe/edward-colston-statue-bristol/index.html>. Acessado em 18 Jul. 2020.

expressões nos rostos dos que filmam e fotografam. Retornamos a Flusser: tudo almeja se transformar em imagem técnica. E o ato político se desvanece.

Para Flusser (2015), o sentido do homem na Lua é a produção de uma imagem. Toda a ação política existe para a produção das imagens. Ele afirma que a imagem é a meta da História no mundo das imagens técnicas.

2.2 O ARTISTA E O REVOLUCIONÁRIO

“O fatal divórcio moderno entre as artes e a tecnologia está quase no fim. O pensamento político está mudando. Está se tornando consciente do estreito vínculo entre estruturas políticas, pensamento e ação científica e expressão artística” (FLUSSER, 2018b, p. 3).

Quando Flusser cita o artista como revolucionário que se apropria e investe contra o complexo homem-aparato, ele extrapola as referências que possam reduzir a arte à criação artística que ocupa as galerias. Como a videoarte, a arte digital, todas as vertentes que desde os anos 1970 vêm experimentando subverter o uso da TV, da internet, da digitalização da voz e outros, como o mestre videasta Nam June Paik. O revolucionário artista de Flusser engloba essa forma de criação e expressão, mas vai além.

Esta pesquisa se concentra em ativistas digitais que atuam politicamente através de ferramentas on-line, não possuem conexões com partidos políticos, e não seriam considerados artistas pelo conceito de arte como criação de objetos artísticos. Esta decisão permite lançar um olhar mais aprofundado num tipo específico de ativismo e explorar as conexões que ele possui com o conceito de Flusser do artista revolucionário.

O ser humano está prisioneiro desse complexo pós-textual? E, portanto, pós-histórico já que o pensamento linear nasce da escrita fonética e se encaminha para a morte guiado pela imagem diluída em pixels? Para Flusser, sim e não. Sua abordagem possibilista abre um novo caminho ao perceber nos artistas e naqueles que investem contra o aparato a humanidade em revolta. Não a revolta das armas, das manifestações públicas, ou das imagens que tomam a mídia de massa. Uma revolta brincante. Uma revolta movida pela curiosidade, pelo desejo de investigar, pela vontade de arriscar possibilidades não planejadas. Melhor, não programadas.

Neste sentido, o artista flusseriano é todo aquele que se coloca em oposição à postura do funcionário. É aquele que ao invés de agir em função do aparelho, se opõe a ele. Busca esgotar todas as suas possibilidades pré-programadas e subverter seu uso, já que o sujeito envolvido no programa está submetido à estrutura do mesmo. “This transposes the notion of an artist as a supposed creator to the notion of an artist as the one who resists the structures of power”¹⁰ (TRATNIK, 2016, p. 1).

2.3 FLUSSER E O ATIVISMO DIGITAL

Para Flusser, no mundo pós-histórico não existe diferença entre espaço público e privado. Se o conceito de política está fundado no sentido do público, a política não mais existe. Tornou-se um palco onde políticos atuam para câmeras, conectadas à mídia de massa ou às mídias sociais. Os políticos se tornam funcionários, os ativistas tradicionais se tornam funcionários, os revolucionários se tornam funcionários do programa, prontos a alimentá-lo de novas imagens.

Aplicar a lente da teoria de Flusser sobre o ativismo digital pode revelar novos aspectos sobre o artista revolucionário, que pensa a partir das imagens técnicas. “For those who think in written lines, the term means the possibility of acting upon history from within history. For those who think in films, however, it will mean the possibility of acting upon history from without”¹¹ (FLUSSER, 2002, p. 25).

Este trabalho analisa as intenções, as ações e os resultados da atividade de ativistas digitais no Brasil a partir do conceito flusseriano de novo revolucionário: aquele que procura “injetar valores, ‘politizar’ as imagens, a fim de criar sociedade digna de homens” (FLUSSER, 2008, p. 95).

¹⁰ “Isso transpõe a noção de artista como suposto criador para a noção de artista como aquele que resiste às estruturas de poder.”

¹¹ “Para quem pensa em linhas escritas, o termo significa a possibilidade de agir sobre a história a partir da história. Para quem pensa em filmes, no entanto, significará a possibilidade de agir sobre da história de posição externa.”

2.4 CONCEITOS TEÓRICOS

Complementando a Teoria da Comunicação de Vilém Flusser, este estudo se utiliza de conceitos teóricos desenvolvidos por pesquisadores dedicados ao ambiente ativista em meio digital, mas não só.

Tomamos emprestado da Engenharia de Produção os conhecimentos específicos da Gestão do Conhecimento. Eles são aplicados na análise da reprodutibilidade da metodologia da Rede Nossas, ONG de ativismo político.

Da Filosofia, além das teorias flusserianas, esta pesquisa se apoia no conceito de Diálogo presente no livro “EU e TU”, de Martin Buber. Buber, considerado o filósofo do diálogo, apresenta duas palavras-conceito: EU-TU e EU-ISSO. O diálogo nasce na relação EU-TU, em que pelo menos um dos sujeitos se abre para entrar em relação com o outro. Essa relação dialogal pode ser mediada, como por exemplo por cartas. Ela pode ser entre seres humanos, mas também entre uma mulher e seu cão, ou entre um xamã e uma árvore.

O discurso é produzido na relação EU-ISSO. Onde os sujeitos envolvidos na relação estabelecem contato, mediado ou não, com imagens, conceitos, e não com o outro. É o outro objetificado, transformado em objeto com funcionalidades. O diálogo surge da relação, o discurso é construído. No modo de funcionamento do programa, das mídias sociais, da internet, é intrínseco o discurso como modelo de relação. Este estudo busca as brechas por onde o diálogo surge, atravessando o programa.

Das pesquisas sobre o ativismo no meio digital, tomo emprestado um conceito que também permeia este trabalho: “choreography of assembly”, criado por Paolo Gerbaudo (2012). Em contraposição aos primeiros trabalhos dos teóricos Castels, Hardt e Negri, Gerbaudo acredita que os movimentos sociais da era digital possuem lideranças sim, lideranças soft, que articulam uma coreografia, mediada por aparatos tecnológicos de comunicação. “This process of condensation around a common identity cannot be reduced to the simple sharing of information, since it crucially involves an ‘emotional investment’ on the part of participants”¹² (GERBAUDO, 2012, posição 822). O trabalho

¹² “Esse processo de condensação em torno de uma identidade comum não pode ser reduzido ao simples compartilhamento de informações, pois envolve fundamentalmente um “investimento emocional” por parte dos participantes”.

de articulação se dá com o envolvimento emocional dos participantes, num formato diferente das mobilizações que circundam um grande líder carismático. “This form of choreographic leadership works through a logic of consensus rather than a logic of command”¹³ (GERBAUDO, 2012, posição 869).

Este conceito de Gerbaudo dialoga com a ideia que Flusser expõe na palestra “Television Image and Political Space”, realizada em 1990. Flusser diz que o movimento da queda do ditador Nicolau Ceaușescu, na Romênia, em 1989, é um marco da mudança da política tradicional para a pós-história. Em que o homem passa a atuar para a câmera. É um momento de virada, em que o líder carismático é substituído pelos coreógrafos ou articuladores que atuam organizando e conectando a miríade de movimentos que acontecem a partir de ações individuais nas mídias sociais e na internet.

O conceito de ativismo no ambiente digital no Brasil – internet, mídias sociais, aplicativos – nasce com os movimentos populares de 2013. Para identificar esse novo modo de atuar politicamente existem diferentes termos. A expressão “Ativismo online” surge com frequência em artigos acadêmicos procurados na base Scopus até 2020. Porém nesta pesquisa optamos por não usar esse termo já que ele restringe a ideia da ação ativista ao uso da internet tradicional, não incluindo o celular ou os aplicativos (JOYCE, 2010). “Data ativismo” é um termo mais abrangente e que inclui os ativistas que lutam pela democratização dos dados ou que usam os dados como forma de ativismo, sendo muito identificado com o movimento hacker¹⁴. Em uma busca por títulos de artigos realizada na Base Scopus, em 13 de março de 2022, o termo digital activism resulta em 7.387 artigos. Já a busca pelo termo data activism, na mesma base, resulta em 84.291 artigos. Porém, a abrangência mais ampla do termo “Data ativista” acaba por incluir movimentos que não são analisados neste estudo, ou seja, que não estão necessariamente no espectro político, o que poderia gerar um mal-entendido atraindo estudiosos de outras áreas. Há ainda o uso do termo “Cyber ativismo”, que surge em menor número nas pesquisas.

¹³ “Esta forma de liderança coreográfica funciona através de uma lógica de consenso em vez de uma lógica de comando”.

¹⁴ O movimento hacker ou hack ativismo é uma forma de ativismo através da atuação direta sobre programas, códigos fontes e algoritmos de instituições com o intuito de chamar a atenção da sociedade para aquela instituição, bloquear sua atividade ou ainda revelar informações sigilosas.

Este estudo opta pelo termo “Ativismo digital”, que remete ao uso da internet como suporte para uma agenda ou causa, e inclui ações on-line como a criação de sites, a divulgação de informações em mídias sociais, newsletters, abaixo assinados e outros (MITU, 2014).

3 METODOLOGIA E ESCOPO DE PESQUISA

O artista flusseriano investe contra o aparato, subverte o uso para o qual foi programado, está em constante teste dos limites das opções predefinidas. Ele não está apartado do aparato, ao contrário, o conhece profundamente e joga com ele. Esse espaço em que trafega o artista ativista está em constante mudança, pressionado de um lado pela produção de imagens técnicas para alimentar o aparelho, com novas ferramentas, novas plataformas, novas redes, novos métodos de consumo e de propagação. De outro pelo mundo presencial, cada vez mais esvaziado, espetacularizado, discursivo.

O que este estudo pretende investigar é o processo realizado por ativistas digitais brasileiros e o quanto suas estratégias são eficazes ao testar os limites do programa versus quanto está subjugado ao complexo homem-aparato, num esforço que se revela apenas uma reafirmação da posição “funcionário” dos ativistas usuários.

Partindo do arcabouço teórico de Flusser, esta pesquisa avança em direção ao artista-revolucionário descrito pelo filósofo. Para isso, opto pelo Estudo de Caso, metodologia que se beneficia da construção prévia de preposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados. De acordo com Yin (2009), o estudo de caso pode ser usado para explicar, descrever ou explorar eventos e fenômenos no ambiente onde eles ocorrem. Esse método permite o desenvolvimento de novas teorias, e é eficaz quando voltamos o olhar para eventos contemporâneos, como é o caso desse estudo aqui apresentado, segundo Cauchick (2010).

Os objetos de estudo precisam estar inseridos no ambiente digital de forma a que seja possível analisar a aplicação do argumento flusseriano de investir de dentro do programa e contra o programa. Para tornar ainda mais específico o estudo, seleciono casos de repercussão dentro do ambiente tradicional da política, mas que envolvem atores não tradicionais, que possam atuar como artistas-revolucionários intencionais ou involuntários.

A pesquisa leva em conta os seguintes critérios de seleção dos grupos de ativistas e organizações, detalhados abaixo na Tabela 1.

Tabela 1 – Critérios de seleção dos objetos analisados

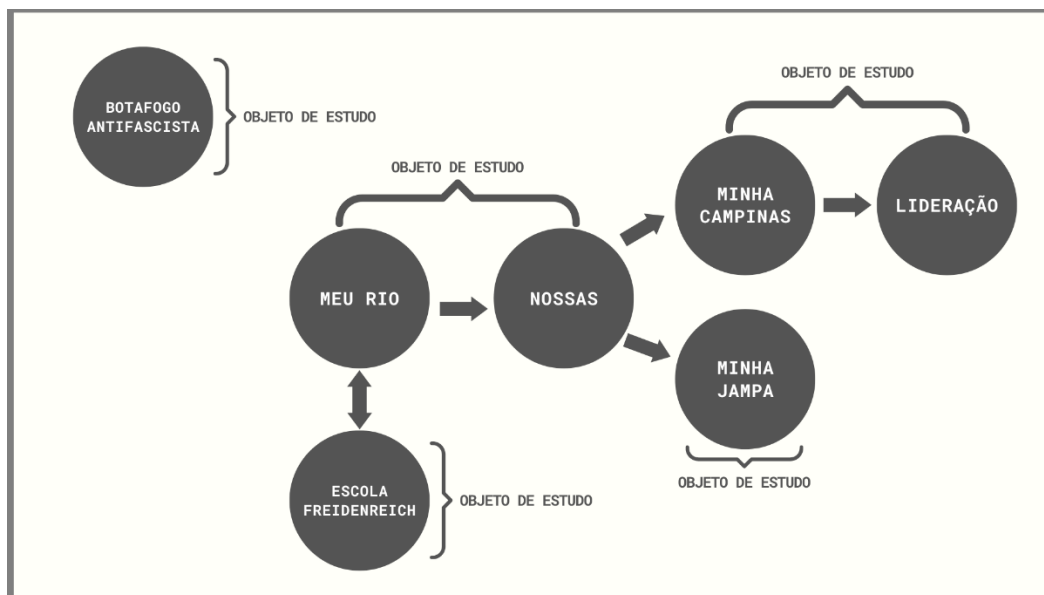
Critério	Característica
Ambiente	Mobilizam no ambiente da política, mas não estão associados a partidos ou estruturas tradicionais
Meio	Usam prioritariamente ferramentas on-line, como sites e mídias sociais
Atuação	Dependem da participação de uma base de ativistas ou simpatizantes para seu sucesso
Propósito	Movem-se a partir de causas segmentadas, com interesses específicos
Resultado	Querem provocar mudanças na relação entre cidadãos e instituições políticas tradicionais

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

No quadro 1 abaixo, fica claro não só fluxo de apresentação dos casos mas também sua interrelação. O caso da Torcida Botafogo Antifascista é encapsulado, analisado *per si*, sem relação com os demais. O depoimento de Ivo Mineiro, entrevistado no início da pesquisa, única entrevista presencial anterior à pandemia da Covid-19, é posto em relação com os demais depoimentos no capítulo 6, Análise Comparativa.

Os capítulos seguintes ao caso da torcida Botafogo Antifascista tratam da análise de casos que se relacionam com a ONG Meu Rio. No capítulo 4, o protagonismo é da comunidade escolar que, apoiada pela equipe do Meu Rio, defende a manutenção da Escola Municipal Friedenreich. No capítulo 5, o estudo começa com foco na ONG Meu Rio e na criação da Rede Nossas, sua expansão para outras cidades a partir de uma relação com organizações locais independentes. Duas dessas organizações são estudadas: Minha Jampa e Minha Campinas. E complementa a análise de casos o processo formativo Lideração, promovido pela Minha Campinas.

Quadro 1 - Casos analisados e sua interrelação



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Os casos selecionados permitem, cada um deles, a análise de aspectos da teoria da comunicação de Flusser, acrescida de base teórica construída por pesquisadores posteriores a ele, como Manuel Castells, Michael Hardt, Antonio Negri e Paolo Gerbaudo. Estes têm a oportunidade de ver a máquina da internet em funcionamento. São selecionados objetos que se diferenciam e se complementam em aspectos abaixo listados:

a) Botafogo Antifascista – Pequena página de torcida de futebol com viés político que agenda manifestação pública na ferramenta Eventos na rede social Facebook na noite da morte da vereadora Marielle Franco e mobiliza milhares de pessoas;

b) Meu Rio – Entidade fundada com a intenção declarada de usar as ferramentas digitais e a mobilização on-line para atuar sobre o Estado e seus representantes eleitos, indicados e funcionários. A ONG possui páginas nas mídias sociais Instagram, Twitter e Facebook, cria sites de campanhas além do site institucional e lança mão de outras ferramentas on-line;

c) Comunidade escolar relacionada à Escola Municipal Friedenreich – Campanha de mobilização baseada nas mídias sociais do Meu Rio, em sites, em uma ferramenta de monitoramento on-line, além de ações presenciais, em prol da

preservação da Escola, que seria demolida como parte das obras de reformulação do Estádio do Maracanã para a Copa do Mundo de 2014;

d) Rede Nossas, Minha Jampa e Minha Campinas, e o programa Lideração – A Rede Nossas é uma ONG nascida a partir do interesse da equipe do Meu Rio de oferecer o conhecimento acumulado com as campanhas para outras ONGs, e estimular o surgimento de novas organizações similares em outras cidades, como a Minha Jampa (João Pessoa, PA) e a Minha Campinas (Campinas, SP). Ela se utiliza de páginas oficiais nas mídias sociais Instagram, Facebook, Medium e Twitter, da página do Youtube da Rede Nossas e de sites, o institucional e temporários criados para campanhas específicas. O Lideração é um programa formativo na metodologia Nossas oferecido a lideranças comunitárias pela Minha Campinas.

Dentro do procedimento metodológico adotado, a pesquisa de cada caso tem quatro bases de levantamento de informações: entrevistas com atores diretamente envolvidos nos eventos estudados, acompanhamento de treinamentos on-line de ativistas, acesso a dados das mídias sociais das instituições e levantamento de informações em textos, vídeos e reportagens disponíveis na internet.

O estudo do caso Botafogo Antifascista parte de dados de relatórios oficiais da rede social Facebook do período estudado, gerados por operadores da página a pedido da pesquisadora. É ainda realizada uma entrevista semiestruturada presencial com um dos operadores da página.

A prática de Gestão do Conhecimento intrínseca à cultura organizacional do Meu Rio, da Rede Nossas, da Minha Jampa e da Minha Campinas permite que este estudo tenha acesso previamente autorizado a documentos base usados para registro de reuniões, ações e campanhas. No caso do Meu Rio e da Minha Jampa (ONG parte da Rede Nossas), a pesquisadora é ainda convidada e tem ainda acesso direto como “editora” à página do Facebook, podendo gerar relatórios, acessar posts que são editados ou escondidos do feed de notícias. Para o caso da Escola Municipal Friedenreich, este acesso permite o levantamento manual de todos os posts que fazem parte da campanha, bem como de todas as reações dos usuários, entre curtidas, comentários e compartilhamentos, formando assim um histórico detalhado da campanha on-line.

A pesquisadora tem acesso ao treinamento virtual do programa Lideração, criado pela ONG Minha Campinas, em que lideranças locais são apresentadas à metodologia de ativismo digital criado pela Rede Nossas. São encontros semanais e virtuais através da plataforma Google Meets. A pesquisadora não só assiste, como atua como voluntária, realizando o registro de todas as reuniões em documentos organizados pela equipe da Minha Campinas, que ofereceu a oportunidade de participação à pesquisadora e comunicou a todos os alunos participantes sobre a realização do estudo.

Todo o estudo é acrescido de pesquisa desk em sites e páginas oficiais em mídias sociais das entidades e das campanhas disponíveis no período da pesquisa. Para ter acesso a páginas que estão fora do ar ou foram modificadas e avaliar o que estava publicado nos sites das campanhas no período em que estavam ativas, a pesquisa se utiliza do site Internet Archive – Wayback Machine¹⁵ que gera randômica e aleatoriamente impressões de páginas da internet.

Os dados gerados em relatórios pela própria rede social Facebook estão submetidos aos critérios da rede e sempre são apresentados com o texto explicativo divulgado pelo Facebook. A ferramenta de análise “alcance” não está disponível no caso Friedenreich porque ela não existia no período em que a campanha é realizada. É importante notar que os dados fornecidos pelo Facebook de “alcance” são sempre aproximados. Os dados de “curtidas”, “comentários” e “compartilhamentos” são colhidos no período da pesquisa e não no período temporal da campanha e podem conter distorções, como ações tomadas no período entre o fim da campanha e a geração do relatório. Todos os termos usados em relação a mídias sociais respeitam a terminologia utilizada pelas próprias redes. No caso Botafogo Antifascista, são usados os termos padrão do Facebook em abril de 2020. Nos demais casos, são os termos disponíveis na rede entre janeiro e maio de 2021 para as páginas do Meu Rio e Minha Jampa. Todos os textos retirados de posts e comentários de usuários do Facebook estão mantidos na sua grafia original, incluindo erros de gramática, pontuação e uso de maiúsculas. Todas as entrevistas respeitam o estilo de discurso dos entrevistados, erros de gramática e termos informais.

¹⁵ Disponível em: <https://archive.org/web/>. Acesso em: 14 abr. 2021.

Os entrevistados são fundamentais objetos do estudo já que são atores das ações. As entrevistas realizadas são limitadas a e-mails, vídeo conferência e áudios de WhatsApp, por restrições impostas pelo enfrentamento à Covid-19, com exceção de Ivo Mineiro, da torcida Botafogo Antifascista, que é entrevistado antes do início da quarentena, em 2020. As entrevistas pela internet são realizadas em vídeo para que os interlocutores possam se ver, e criar uma relação de confiança que permita à entrevistadora buscar também informações subjetivas e emocionais.

Para analisar as entrevistas, a pesquisadora aplica em parte a Metodologia Grounded Theory, “um processo indutivo utilizado para gerar teoria pela coleta e análise de dados de forma sistemática e simultânea” (IKEDA; BIANCHI, 2009, p. 7). São estudadas as respostas de quatro grupos de entrevistados:

- Um gestor da página Botafogo Antifascista;
- Uma mãe de aluna e um funcionário da Escola Municipal Friedenreich;
- Três membros diretores e funcionários da Minha Jampa, que têm nessa ONG sua primeira experiência de ativismo político remunerado;
- Duas lideranças locais da primeira turma do bairro Cidade Singer 2, na região do Campo Belo, periferia de Campinas, São Paulo, que realizam o curso on-line “Lideração” de mobilizadores ministrado pela Minha Campinas.

Outras duas entrevistas realizadas com uma ativista do Meu Rio e uma da Minha Campinas compõem esta dissertação mas não fazem parte da análise comparativa do capítulo 6. Além das entrevistas realizadas, passam pela análise os comentários e as interações registrados no encontro de avaliação do programa Lideração, organizado pela Minha Campinas, que ocorre ao final do treinamento das lideranças. A pesquisadora opta por essa metodologia porque este estudo está fortemente embasado na pesquisa de campo e a Grounded Theory permite que, a partir de um referencial teórico em formação, se possa “olhar além das teorias existentes, trazendo novas perspectivas e contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade do pesquisador” (IKEDA; BIANCHI, 2009, p. 14).

I propose that grounded theory gives you tools to answer ‘why’ questions from an interpretive stance. By interrogating our data - and emerging ideas - with analytic questions throughout the research, we

can raise the level of conceptualisation of these data and increase the theoretical reach of our analyses (CHARMAZ, 2012, p. 4).

O processo tem três etapas, definidas por Strauss e Corbin (1990): Codificação Aberta, Codificação Axial e Codificação Seletiva. Aplicada da seguinte forma neste estudo: as entrevistas foram codificadas linha a linha. Depois, os códigos foram agrupados em subtemas e correlacionados. Ao final, os subtemas de todas as entrevistas foram comparados entre si, gerando seis grandes campos temáticos, detalhados no tópico 10. Análise Comparativa. A cada etapa, a pesquisadora retorna às entrevistas para reler as frases originais, e faz anotações com insights que depois podem ser usados ou descartados.

O processo de aplicação da Grounded Theory foi rico e muito útil ao longo do processo de elaboração desta dissertação, permitindo comparações entre os casos, e gerando descobertas.

4 ESTUDO DE CASO: COMO A PÁGINA BOTAFOGO ANTIFASCISTA MOBILIZA AS MANIFESTAÇÕES CONTRA A MORTE DA VEREADORA MARIELLE FRANCO

Neste capítulo analisamos o fenômeno do aleatório no engajamento político no universo das imagens técnicas, a capacidade de mobilizar sem intencionalidade, pelo encontro de elementos coincidentes que não necessariamente nascem do espectro político. Esses fenômenos são verdadeiramente aleatórios? Ou o próprio mecanismo está estruturado de forma a posicionar atores de fora do cenário político na liderança da mobilização, conscientes ou inconscientes dessa posição? Quem se opõe ao aparelho? E qual o efeito provocado pela ação involuntária de engajamento? Ao final, avaliamos o impacto do evento sobre o objeto de estudo. O que muda com a visibilidade alcançada em função do evento aleatório que expôs a página do Facebook e seus administradores?

Tomamos como estudo de caso um evento aparentemente inesperado: a mobilização para os grandes atos que tomam as cidades brasileiras no dia seguinte ao assassinato da vereadora brasileira Marielle Franco e seu motorista, Anderson Pedro Gomes, na noite de 14 de março de 2018. Para Flusser, o *revolucionário* pode vir de qualquer lugar. Ele investe contra o programa, com ou sem intenção de gerar uma ação política. Com ou sem percepção dos resultados. O revolucionário desse estudo é um grupo de torcedores de um time de futebol do Rio de Janeiro que administram uma página na rede social Facebook. É ali, num evento on-line organizado a partir de um desabafo pessoal, que nascem os atos públicos que reúnem milhares de pessoas que até hoje perguntam: “Quem Matou Marielle?”.

4.1 QUEM É MARIELLE FRANCO

O site MarielleFranco.com.br mantido pela viúva e por amigos de Marielle Franco a apresenta da seguinte forma: “Marielle Franco é mulher, negra, mãe e cria da favela da Maré” (MARIELLEFRANCO, [s.d.]). Socióloga com mestrado em Administração Pública. Eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), com 46.502 votos, era também Presidente da Comissão da Mulher da Câmara de Vereadores. Tinha uma atuação intensa a favor de

temas como o feminicídio, causas negras, favelas e milícia. Na noite de 14/03/2018, depois de participar de um encontro com mulheres chamado “Jovens Negras Movendo as Estruturas”, é assassinada em um atentado (MARINATTO, 2018). Treze tiros atingem o veículo, matando também o motorista Anderson Pedro Gomes. O texto do site complementa: “Quem mandou matar Marielle mal pode imaginar que ela era semente, e que milhões de Marielles em todo mundo se levantariam no dia seguinte.” (MARIELLEFRANCO, [s.d.]).

O texto está correto, as manifestações contra o assassinato de Marielle começam a tomar as cidades brasileiras já na manhã do dia seguinte, apesar de sua morte e de seu motorista ocorrerem tarde, após as 21h. Marielle é uma política com atuação local, eleita pela primeira vez vereadora, depois de ter trabalhado como assessora no gabinete do vereador e candidato derrotado a prefeito e a governador da cidade e do estado do Rio de Janeiro, Marcelo Freixo, ao lado de quem coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). Marielle é, até o seu assassinato, uma desconhecida para a maioria das pessoas de fora da cidade do Rio de Janeiro.

Ela tem uma origem parecida com a de muitas meninas da periferia das grandes cidades brasileiras: família pobre, poucas oportunidades de estudo, gravidez precoce, mãe aos 19 anos. Sua vida muda quando uma amiga morre de bala perdida e ela, impactada, passa a estudar num curso comunitário preparatório para o processo de ingresso à faculdade. Marielle faz do acesso ao ensino um caminho para seu crescimento profissional e de seu interesse pela política. Eleita em 2016 para seu primeiro cargo público de vereadora da cidade do Rio de Janeiro, Marielle, nos poucos mais de dois anos de legislatura, apresenta projetos de lei como o que determina a campanha educativa contra assédio e violência sexual em transportes públicos; amplia a rede de casas de parto que recebem parturientes com baixo risco; cria creche noturna para que os pais possam estudar à noite, já que trabalham de dia; obriga profissionais de saúde a realizar os abortos previstos em lei nem sempre respeitada pela rede pública de saúde; cria o Dia da Luta Contra a Homofobia, Lesbofobia, Bifobia e Transfobia no calendário do município.

Os assassinos e os mandantes da morte de Marielle Franco são desconhecidos até a publicação dessa dissertação. Marielle é um símbolo de resistência para diferentes

lutas que refletem a variedade de frentes que a política brasileira toma hoje. Seu rosto está gravado em camisetas, bandeiras, grafites nos muros das cidades do país. “Quem matou Marielle?” não é só uma pergunta, é um grito de revolta que ecoa em manifestações, em mídias sociais e em discursos.

4.2 O FENÔMENO DAS TORCIDAS QUE SE AUTOINTITULAM ANTIFASCISTAS

É no ambiente de embate ideológico e de valores pós-manifestações de 2013 que nasce virtualmente a torcida Botafogo Antifascista¹⁶, em 26 de agosto de 2015. Na sua página no Facebook, o grupo se autodefine como “Militância contra o fascismo, seja ele dentro ou fora dos estádios. ‘Honrando as cores do Brasil, de nossa gente’.”

Há um movimento entre os jovens torcedores brasileiros inspirado nas torcidas do time de futebol italiano Livorno, autointitulado antifascista, em contraste com as UltraS que até hoje defendem o antissemitismo e as bandeiras de Mussolini, especialmente ligadas aos times Lazio e Verona (DOIDGE, 2013). É a aplicação no futebol e no ambiente das torcidas daquilo que ECO (1995) classifica como Ur-Fascism: “there is no struggle for life but, rather, life is lived for struggle. Thus pacifism is trafficking with the enemy. It is bad because life is permanent warfare.”¹⁷

A participação de torcidas de clubes de futebol no ambiente político é antiga, identificada desde a Itália de Mussolini. Gerbaudo (2012, posição 1145) chama a atenção para o papel das UltraS nos conflitos na Praça Tahir em 2011: “the football ultras of el-Ahly and Zamalek, with their highly pyramidal structures, were crucial in coordinating and waging street fights with the police”. Já Lomnitz (2009) aponta a participação dos *porros* – torcedores organizados originalmente em torno de times e que, depois, se tornam parte fundamental do controle político sobre os estudantes universitários e uma milícia à disposição de poderes repressores. “Alguns grupos de *porros* se tornaram gangues de briga organizadas cuja conexão com encontros

¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/botafogoantifas/>. Acesso em: 17 fev. 2020.

¹⁷ “não há luta pela vida, mas, ao contrário, a vida é vivida pela luta. Assim, o pacifismo está traficando com o inimigo. É ruim porque a vida é uma guerra permanente”.

esportivos já não representava sua função principal, senão a de ser grupos de provocadores” (LOMNITZ, 2009. p. 43).

Segundo pesquisa do jornal El País, há cerca de 60 torcidas que se autointitulam antifascistas atuando no Brasil (MAGRI, 2019). Suas bandeiras são o fim da violência dentro e fora dos estádios, a maior participação das mulheres, ingressos a preços acessíveis, o fim da discriminação de gênero, orientação sexual, cor, religião, entre outras, pelas torcidas e pelos jogadores.

No Rio de Janeiro, há quatro grandes torcidas de futebol em torno de quatro grandes clubes: Flamengo, Fluminense, Botafogo e Vasco. A torcida do Botafogo é cerca de 1% do total de torcedores brasileiros (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019), sendo a terceira maior entre os times baseados na cidade.

A página do Facebook *Botafogo Antifascista* é uma dessas torcidas. Ela nasce em 2015 da afinidade de torcedores do time que se conhecem virtualmente e se unem na página criada no Facebook para defender a democratização do futebol e o fim do preconceito nos estádios e fora dele. É esta página que – então com apenas 2.577 seguidores - em 14 de março de 2018 promove e mobiliza milhares de pessoas nas manifestações realizadas no dia 15 de março em capitais do Brasil contra o assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Pedro Gomes. As manifestações que varrem o país são inicialmente convocadas através da ferramenta Eventos da rede social Facebook (Figura 1).



Figura 1 - Reprodução do evento do Facebook em sua versão final, após as edições.

Fonte: Facebook do Botafogo Antifascista (2018).

4.3 A MADRUGADA DO DIA 15 DE MARÇO DE 2018

Marielle Franco é assassinada por volta das 21h30m, no dia 14 de março de 2018. Antes que a notícia ganhe destaque na imprensa brasileira, mensagens sobre o crime já circulam em grupos de WhatsApp. Um dos administradores da página Botafogo Antifascista, Caio Safi, assim que é impactado pela notícia, abre o evento “Marcha contra o genocídio negro! SOMOS Marielle Franco” na ferramenta de eventos da página no Facebook e posta um texto que depois é editado, chegando à forma final:

É o seguinte, tô muito mal e não tô conseguindo pensar direito, depois edito isso aqui. Mas não dá pra ficar calado, os próximos seremos nós. Especialmente se você for negro. Concentra de 17:00 até 18:00 e partimos em marcha para a Cinelândia, local onde Marielle nos representava. Se os movimentos ou partidos quiserem encabeçar ou capitanear o ato são muito bem vindos, eu só tô plantando uma ideia aqui. Marielle fez sua parte e hoje descansa ao lado de Malcolm X e Luther King.

Luther King. Nós continuamos aqui e precisamos lutar. (BOTAFOGO ANTIFASCISTA, 2018, [s.p.]).

Ato contínuo, milhares de pessoas passam a compartilhar o evento em suas páginas pessoais no Facebook. O resultado é observável no feed do próprio evento: o desabafo catalisa o sentimento de usuários da rede. Um usuário posta como comentário: “Vamos copiar o link do evento e convocar geral”. Em minutos, surgem curtidas, confirmações de presença, compartilhamentos.

O evento ganha repercussão inclusive fora de sua localização, a cidade do Rio de Janeiro. Usuários do Facebook de outras cidades entram em contato com os administradores da página via mensagem privada pedindo que sejam criados eventos também onde moram: São Paulo, Belo Horizonte e Brasília (Figura 2 e Figura 3). Quem não pede para abrir o evento, abre o seu próprio e publica na página do evento criado pelo usuário do Botafogo Antifascista.



Figura 2 - Post da convocação para manifestação no Recife (PE), compartilhado na página do evento.
Fonte: Facebook do Botafogo Antifascista (2018).



Figura 3 - Post da convocação para manifestação no Belém (PA), compartilhado na página do evento.
 Fonte: Facebook do Botafogo Antifascista (2018).

[...] a gente começou a organizar evento assim ‘Ato Marielle São Paulo’, ‘Ato Marielle Belo Horizonte’, ‘Ato Marielle Santa Catarina’, e recebendo mensagem na caixa de mensagem da página ‘ah, a gente quer um evento em Florianópolis’. Então a gente criava o evento para Florianópolis e mandava o link. Assim meio que quem tinha feito era a nossa página, bem entre aspas, mas também era um perigo porque podia dar qualquer tipo de problema na manifestação e a gente seria o *bob* que teria criado tudo aquilo. Muito esquisito, muito esquisito. (IVO MINEIRO, entrevista presencial, Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 2020).

Ao fim, protestos são contabilizados pela imprensa em pelo menos 12 cidades brasileiras (MARINATO, 2018). T tamanha rapidez e volume só é possível dentro da Web, como salientam Mckeon e Gitomer (2019, p. 2) ao apontar que as mídias sociais mudam as estruturas tradicionais de mobilização, incluindo como membros dos movimentos “are recruited, how communication takes place, how members interact, and what type of protest activities members engage in. Social media has increased the speed

and interactivity of communication and has transformed the landscape of political protest”¹⁸.

O trajeto originalmente sugerido para a manifestação no Rio de Janeiro reflete o tamanho que o organizador esperava de um evento pequeno organizado por uma página de pequeno alcance: da Praia de Botafogo até o Palácio Guanabara. Um percurso curto - cerca de dois quilômetros - que não faz parte do histórico de manifestações na cidade do Rio de Janeiro. Acuados com a repercussão, o time de administradores da página se mobiliza para dividir as tarefas de gerir as demandas do público nos comentários madrugada adentro.

Os usuários do Facebook que se conectam ao evento tomam para si o debate sobre os detalhes da realização: onde, a que horas, que roupa vestir, qual o nome que o evento deve ter (BOTAFOGO ANTIFACISTA, 2018). O primeiro comentário no evento é sobre violência em Acari, bairro pobre da periferia do Rio. O segundo já dá início ao debate que ajuda a cocriar o evento: a usuária A (14 de março de 2018) recebe 12 curtidas com o texto “Genocídio é de pretas e pretos”, em crítica ao primeiro título do evento que dizia “genocídio de cariocas”. O terceiro post, de B (14 de março de 2018), é sobre a localização do evento: “Tinha que ser na Candelária, marchando até o Panteão de Caxias. O Estado está sob intervenção¹⁹ e a pressão tem que ser no general Braga Netto”. O quinto post, de C (14 de março de 2018), aborda data e hora dos protestos: “Vamos fazer isso amanhã, sexta, sábado, domingo!!!”.

Ainda na noite do dia 14, usuários do Facebook interagem publicando posts que pedem a mudança de local. A usuária D (14 de março de 2018) propõe: “Vamos fechar o centro! Que mané zona sul!”. A usuária E (14 de março de 2018) cria uma enquete (ferramenta oferecida na época pela rede social) e pergunta: “Onde deve ser realizado o ato?”. Com duas respostas possíveis: Alerj ou Câmara dos Vereadores²⁰. A usuária F

¹⁸ “são recrutados, como a comunicação ocorre, como os membros interagem e em que tipo de atividades de protesto os membros se envolvem. A mídia social aumentou a velocidade e a interatividade da comunicação e transformou o cenário do protesto político”

¹⁹ Em 16 de fevereiro de 2018, o governo federal decreta uma intervenção na área de segurança pública no estado do Rio de Janeiro. Como interventor, é designado um general do Exército, que passa a ter comando direto sobre as polícias estaduais e sobre a Secretaria de Administração Penitenciária até 31 de dezembro desse ano. A medida tem caráter de excepcionalidade em relação ao Estado de Direito e suscita dúvidas sobre sua constitucionalidade. (CESEC, [s.d.]).

²⁰ Ambos os edifícios públicos onde funcionam a Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro e a Câmara de Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro são referência quando há atos políticos no Rio. Eles se localizam no Centro da cidade.

(14 de março de 2018) escreve: “mas porque uma marcha pela Vereadora da Cidade do rio que faleceu no centro do rio será na zona sul e ainda no palácio do Estado??”. E atrai 31 curtidas e 9 comentários de pessoas diferentes que debatem onde o evento deve ser realizado. O administrador Ivo Mineiro conta que ele e os outros gestores da página se rendem à pressão dos comentários durante a madrugada e publicam: “Companheiros, trocamos o local do evento. Ele começará, a princípio, na ALERJ e seguirá para a cinelândia. Nós estaremos aceitando sugestões, só damos a ideia do evento”. Depois de críticas, os administradores voltam a postar: “Pessoal, existem N lugares em que a gente pode se manifestar. Mas eu quero o mandante. QUERO O PMDB, QUERO O PEZÃO”.

Atônitos com a repercussão, a reação primeira deles é responder aos comentários, abrir novos eventos em outras cidades, reagir à demanda do público que é canalizado para a página pelo algoritmo do Facebook. “Cara, quando a gente começou a ver o evento e a cada atualizada na página o evento do Facebook tinha mais mil pessoas confirmadas. Quando chegou a 15 mil pessoas, a gente só mandou a mensagem no grupo de WhatsApp que a gente tem para comunicação “é... agora está grande demais para a gente não fazer alguma coisa”, conta Ivo.

Na madrugada, quando o número de mensagens e comentários cresce de forma quase impossível de ser atendida pela equipe, os administradores decidem entrar em contato com o partido da vereadora assassinada, o PSOL, e conseguem apoio técnico e mão-de-obra para lidar com a demanda. Por fim, acabam por ceder parte da administração do evento para pessoas ligadas ao partido, que assumem a conversa nas redes com o público final.

“Nunca imaginamos que o evento fosse repercutir daquela forma. Passamos a madrugada acordados tentando responder a todo mundo. Eram mensagens de vários lugares do Brasil,” conta Ivo Mineiro (entrevista, Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 2020), um dos administradores da página. “Acho que estava todo mundo na internet, pelo menos todo mundo que se importava com a Marielle. E a única agenda que existia naquele momento era a nossa. Todo mundo começou a confirmar presença”.

No processo, a autoria do evento se dissolve. Quem determina o onde, o quando e até o como se vestir (preto? branco?) não é a página, mas o conjunto de pessoas que com ela interage, provocando um debate que constrói coletivamente as respostas. Os

administradores da página são coreógrafos da ação coletiva, no sentido proposto por Gerbaudo (2012).

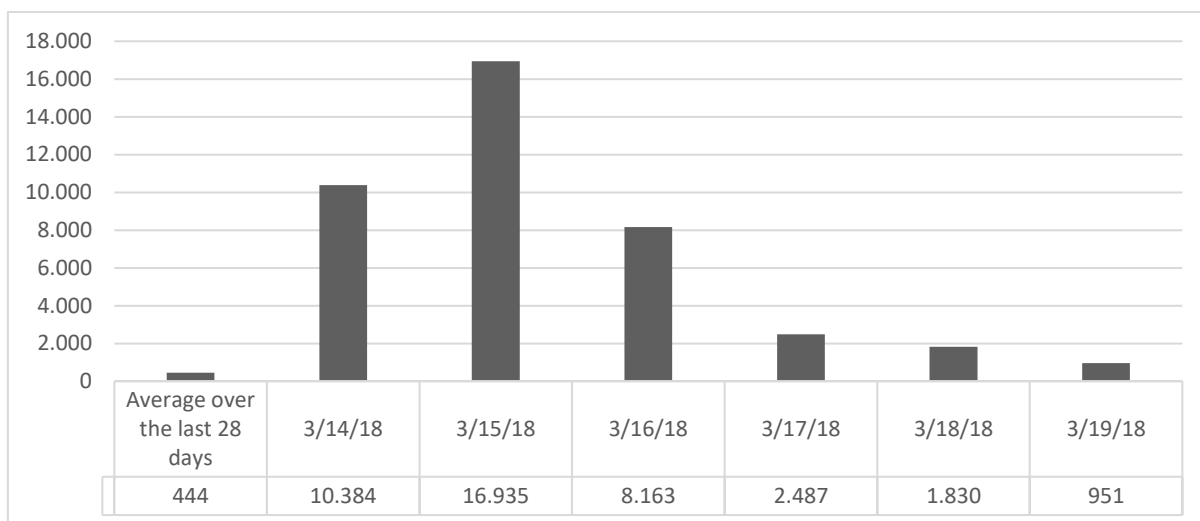
É um movimento coreográfico que extrapola o tamanho da página do Facebook, e mesmo sua função original. O evento não cabe no papel da página. E a dança que os usuários da rede fazem em conjunto também transbordam para espaços não tradicionais da política. As instituições do mundo histórico não dão conta do movimento coreografado das redes do mundo pós-histórico. “Porque também começam a contar com a página para uma coisa que a gente não estava muito disposto a fazer. Porque não era função da Botafogo Antifascista organizar o protesto, a manifestação oficial - entre aspas - pela morte da Marielle. Era uma função muito mais da família, do partido, da corrente interna do partido da qual Marielle fazia parte, e não a gente. Só que chegou um momento em que meio que tinha que ser a gente”, desabafa Ivo resumindo os acontecimentos da madrugada do dia 25 de março de 2018.

4.4 O IMPACTO DO FENÔMENO SOBRE OS NÚMEROS DA PÁGINA

No dia 13 de março de 2018, a página conta com 2.577 seguidores. No final do dia 15, esse número salta para 4.108, um aumento de 60%. A postagem do evento alavanca o número de pessoas que curtem a página. 36 mil pessoas “confirmam a presença” no evento, inclusive depois que a manifestação ocorre, numa posição política de afirmar a importância da manifestação. 52 mil estão “interessados”.

Apesar de Marielle ser assassinada entre 21:09 e 21:12 do dia 14 de março, as poucas horas que faltam para o dia 15 são suficientes para que o número de pessoas que se engajam com a página suba da média anterior dos últimos 28 dias de 444 interações por dia para 10.384 no total do dia 14 de março. Um aumento de 2.338%, como pode ser visto nos Gráficos 1 e 2.

Gráfico 1 - “The number of people who engaged with the page, including any click or story created.”²¹
 Período e dados comparativos: Média anterior dos 28 últimos dias até 13 de março de 2020 x Dados dos dias 14 a 19 de março de 2020. Dados gerados por ferramenta de medição do próprio Facebook.

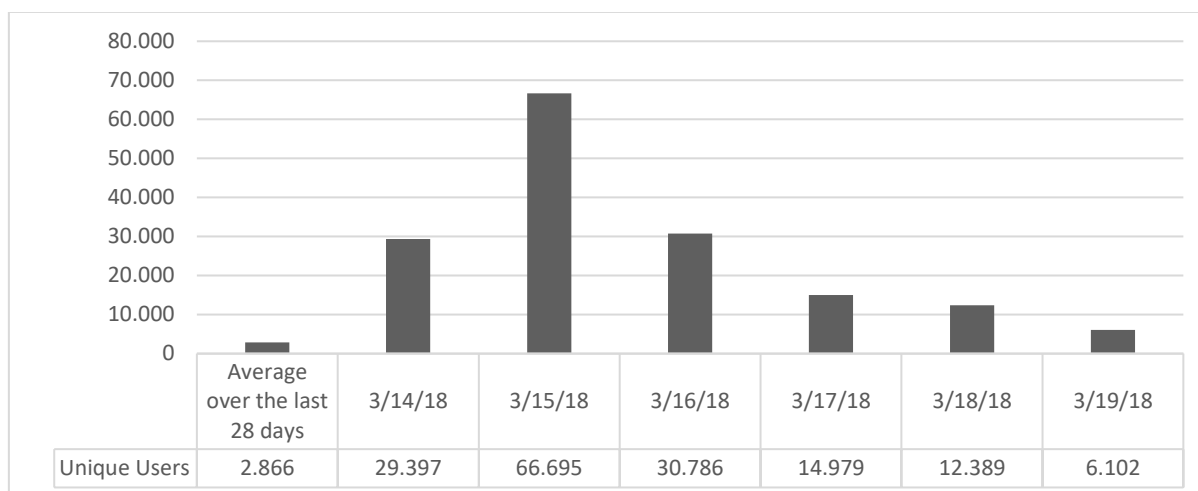


Fonte: Elaborado pela autora a partir do relatório do Facebook fornecido pelos administradores da página.

Levando em conta a métrica “Total de usuários únicos alcançados, ou seja, que têm algum conteúdo da página apresentado em seu feed de notícias” descrito na ferramenta de monitoramento de dados do Facebook, o número também dá um salto. Da média diária de 2.866 nos últimos 28 dias anteriores a 13 de março, inclusive, para 29.397 em 14 de março e 66.695 em 15 de março.

²¹ “O número de pessoas que se envolveram com a página, incluindo qualquer clique ou história criada.”

Gráfico 2 - “Daily Total Reach: The number of people who had any content from your Page or about your Page enter their screen. This includes posts, check-ins, ads, social information from people who interact with your Page and more.”²² Período e dados comparativos: média anterior dos 28 últimos dias até 13 de março de 2020 x Dados dos dias 14 a 19 de março de 2020.



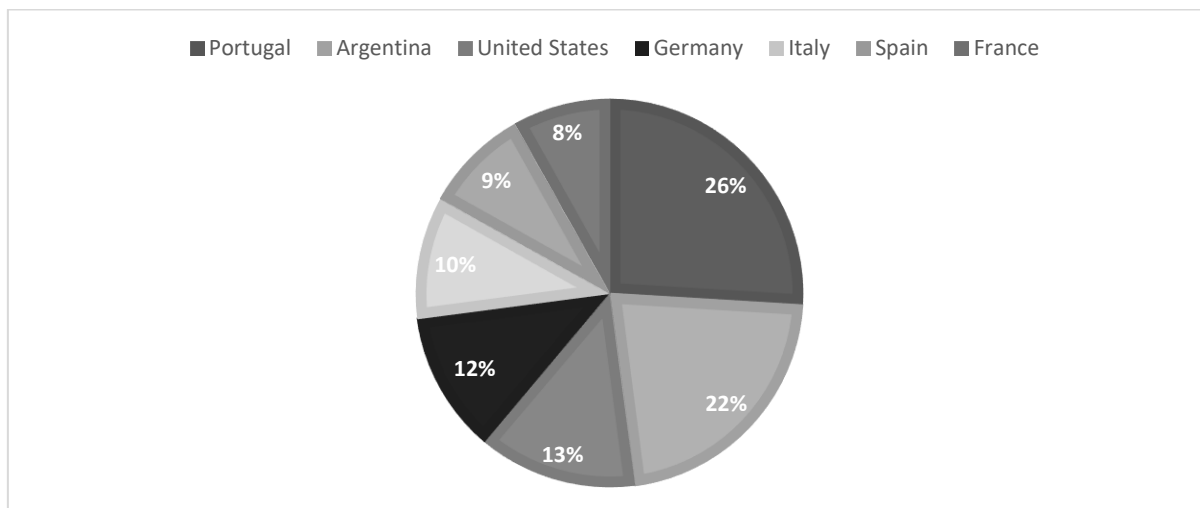
Fonte: Elaborado pela autora a partir do relatório do Facebook fornecido pelos administradores da página.

Mesmo sendo a página gerida por torcedores de um time baseado no Rio, ela passa a ter alcance em outros estados e mesmo fora do Brasil. Entre os dias 13 e 19 de março, 5.592 usuários únicos do Facebook de 81 cidades brasileiras “talks about the page”. Essa expressão do Facebook inclui todas as pessoas que curtem, dão like, mencionam, marcam uma foto, comentam ou compartilham um post diretamente da página. Entre as cidades brasileiras, o Rio de Janeiro (RJ) se configura como a que mais gera curtidores da página no período entre 13 e 19 de março de 2018, com o total de 9.541. É seguida por São Paulo (SP) com 1.641; Niterói (RJ) com 780; Belo Horizonte (MG) com 340; e Brasília (DF) com 236.

O número total do “alcance da página” entre 13 e 19 de março é ainda maior (27.764), e inclui usuários do Facebook de outros países (Gráfico 3). A métrica “alcance” é descrita pelo Facebook como “the number of people who had any content from your Page or about your Page enter their screen. This includes posts, check-ins, ads, social information from people who interact with your Page and more. (Unique Users)”.

²² “Alcance total diário: o número de pessoas que visualizaram qualquer conteúdo da sua página ou sobre sua página. Isso inclui postagens, check-ins, anúncios, informações sociais de pessoas que interagem com sua página e muito mais.”

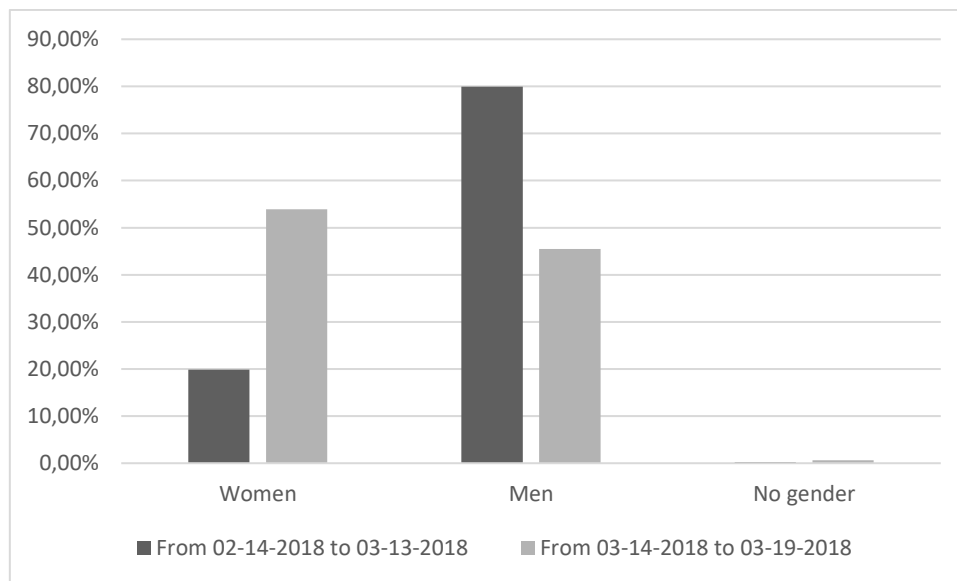
Gráfico 3 - Alcance - Principais países (excluindo Brasil) onde usuários foram alcançados pelo evento no período de 13 de março de 2018 a 19 de março de 2018



Fonte: Elaborado pela autora a partir do relatório do Facebook fornecido pelos administradores da página.

Além da ampliação geográfica, o engajamento ao evento e o aumento de exposição da página provocam uma mudança no perfil do usuário na categoria gênero. Na métrica “The number of People Talking About the Page by user gender (Unique Users)” colhida em entre 14 de fevereiro e 13 de março, 19,86% dos seguidores se autodenominam mulheres; 79,92%, homens; e 0,2% não se identificam por qualquer gênero (Gráfico 4). Entre os dias 14 e 19 de março, o perfil dos usuários analisado dentro do mesmo parâmetro aponta para uma mudança radical: 53,8% se autodenominam mulheres, 45,45% homens e 0,65% não declaram gênero.

Gráfico 4 - Comparação do total de usuários que interagem com a página dividido percentualmente por gênero. Período comparativo: 28 dias antes do evento X 14 a 19 de março de 2018



Fonte: Elaborado pela autora a partir do relatório do Facebook fornecido pelos administradores da página.

O Facebook oferece diferentes formas de participação nos eventos criados por pessoas e páginas e que indicam o nível de interesse pessoal pelo evento: “Tenho Interesse” e “Vou”. O evento pode ainda ser compartilhado, curtido e receber comentários, que por sua vez podem também ser comentados. Os eventos podem ser públicos ou particulares, e podem ser configurados para receber ou não posts e comentários.

O evento *Marcha Contra o Genocídio Negro! SOMOS Marielle Franco!* é aberto ao público, sem restrições. Em dados colhidos em 13 de março de 2020, conquista 36 mil cliques no botão de “Vou” e 52 mil cliques em “Tenho Interesse”. Após a publicação e ao longo dos dias seguintes, o evento segue como um *hub* que atrai usuários para falar do assassinato, do ato público, mas também debatendo questões como esquerda X direita, racismo, atos públicos em diferentes cidades e outros temas. O evento possui 969 publicações realizadas por usuários do Facebook e por administradores da página, que atraem por sua vez comentários, curtidas e compartilhamentos.

Entre os comentários nos dias 14 e 15, destacam-se opiniões políticas pró e contra Marielle, pessoas que confirmam sua presença e marcam outros usuários,

compartilhamentos de eventos de outras cidades convocadas pela própria página Botafogo Antifascista e de outras páginas; e a página compartilha ainda as informações sobre a manifestação convocada pelo PSOL. Durante o ato público concomitante em várias cidades do país, vídeos e fotos são postados gerando um intenso e variado registro ao vivo do que está acontecendo nas ruas e praças. Uma rede que conecta todos os interessados, mesmo os que estão fora das manifestações presenciais.

4.5 O ACASO NO JOGO DE DADOS

“Only the moment is real; it is a node in the surrounding field of possibilities. This field is structured like a game of dice: its possibilities create accidental combinations, so that, as the game continues, even the most improbable combinations become accidentally necessary.”²³ (FLUSSER, 2002, p. 118).

Para Vilém Flusser, História é explicação progressiva de imagens, desmágicação, conceituação. No mundo histórico, o acaso está subtraído, “nothing is a given fact; everything is the consequence of causes and the cause of consequences. The chain of causality is recognizable and can be controlled”²⁴ (FLUSSER, 2002, p. 118). A escrita é a parteira do mundo iluminista, cartesiano, progressista, linear.

O estar no mundo pós-histórico se contrapõe a isso. O acaso reconquista seu espaço. “This is being in a world of absurd chance; in a world that has by accident realized a few possibilities out of a large, but limited number”²⁵ (FLUSSER, 2002, p. 118). Tempo e Espaço estão unidos no presente. O homem pós-histórico sabe que joga um jogo de possibilidades que convergem para o presente e dele partem.

Dados possuem lados e números. Pré-determinados. É possível jogá-los por horas ou dias gerando diferentes combinações, que ocorrem ao acaso dentro das possibilidades pré-programadas pela própria natureza dos dados. Assim é o mundo pós-

²³ “Só o momento é real; é um nó no campo circundante de possibilidades. Este campo é estruturado como um jogo de dados: suas possibilidades criam combinações acidentais, de modo que, à medida que o jogo continua, até as combinações mais improváveis tornam-se acidentalmente necessárias.”

²⁴ “nada é um fato dado; tudo é consequência das causas e causa das consequências. A cadeia de causalidade é reconhecível e pode ser controlada”

²⁵ “Isso é estar em um mundo de acasos absurdos; em um mundo que acidentalmente percebeu algumas possibilidades de um número grande, mas limitado”

histórico vivenciado pelo homem inserido no programa. O homem trabalhador – *homo faber* – é substituído pelo *homo ludens* (FLUSSER, 1985).

Ao *homo ludens* só resta o jogo. É possível reprogramar o programa, mas o programa continua rodando. “The attitude of posthistorical being is one of a calculated game of chance, its world picture being a field of possibilities inscribed in a program”²⁶ (FLUSSER, 2002, p. 119). Se o mundo é um jogo cujas possibilidades já estão inscritas no programa, o acaso excluído no mundo histórico passa a ser uma chave para a compreensão do mundo pós-histórico.

No caso das mídias sociais, as possibilidades são limitadas pelo próprio programa. Mas a alta densidade informacional gera um aumento na frequência dos fenômenos aleatórios. A internet e as mídias sociais são mais permeáveis ao inesperado gerado pelo aleatório do que situações cotidianas do mundo presencial.

A página Botafogo Antifascista tem um formato anárquico de postagem: qualquer administrador pode publicar conteúdo sem aprovação prévia dos demais. Quem visita a página não sabe quem é o autor, já que o post não é identificado. “A página como um todo é muito esquisita, porque ela tem uns 20 administradores, todo mundo pode postar qualquer coisa que quiser, não tem nenhum tipo de comunicação interna para ver que tipo de post faz mais sentido em que momento. Então qualquer um pode chegar lá e postar o que quiser”, explica Ivo.

Caio Safi - ao postar seu desabafo minutos após saber do assassinato de Marielle Franco - toma uma atitude flusseriana, indo contra o aparelho. Sua atitude subverte a função para a qual a rede foi programada: gerar audiência para os anunciantes. Sua atitude injeta valor em um evento do Facebook.

A página faz a defesa de uma postura política num sentido amplo, mas está restrita pelo espaço de interesse relacionado aos fãs do Clube Botafogo Futebol e Regatas. Seus administradores escancaram sua frágil situação nos posts da madrugada do dia 15 de março de 2018 ao afirmar que não têm a intenção de organizar um ato com a presença de milhares de pessoas: “só damos a ideia do evento”. Pela lógica da política tradicional, defendida inclusive no discurso de Ivo, um partido, uma ONG, ou outra entidade politicamente reconhecida seria a organizadora do evento. Não é.

²⁶ “A atitude do ser pós-histórico é a de um jogo calculado de azar, sua imagem de mundo sendo um campo de possibilidades inscritas em um programa”

Earl *et al* (2011) afirmam que o uso inovador da Web oferece “new, inexpensive opportunities for organizers and participants that could not have come to fruition as quickly, easily, or cheaply without the Web”²⁷. Essa estrutura permite um fenômeno com duas características: a amplitude do alcance verificado pelos números da página e a coautoria do evento, patente no fluxo de mensagens do público ao longo da madrugada. Sendo coautoria, ou criação colaborativa, um conceito estabelecido e divulgado por Albert-Lászlo Barabási, que estuda desde a formação de times criativos entre equipes de musicais da Broadway até o trabalho conjunto realizado por cientistas em áreas de ponta (BARABÁSI, 2005), dentro da constituição do que chama Ciência das Redes.

Os administradores da página em estudo usam não intencionalmente e de forma inovadora as ferramentas oferecidas pela rede social. É o acaso que trabalha a favor do evento criado, transformando-o no catalizador das manifestações contra o assassinato de Marielle. O formato da convocação, criado como “evento” e não simples post, catapultou o impacto na rede social, cujo programado algoritmo “tend to concentrate attention on few items, especially those that have attracted a large number of interactions in the seconds immediately after being published”²⁸ (GERBAUDO, 2018, p. 4).

Se fosse um post comum, teria viralizado? Naquele momento, o formato do desabafo de Caio Safi encontra o veículo tecnologicamente adequado. E a forma como escreve seu texto, depois apoiado, criticado e editado pelos usuários, cria um ruído no programa que se aproxima do diálogo no sentido dado à palavra por Martin Buber em seu livro “EU-TU”. “Nas relações dialogais, informações são produzidas. Os discursos apenas as transmitem” (BARTHOLO, 2013, p. 141). Os administradores da página e os usuários do Facebook que com ela interagem vivem um raro momento de relacionamento eu-tu numa plataforma virtual.

Ao analisar o caso da página Botafogo Anti-Fascista pela abordagem da filosofia de Flusser, chegamos à conclusão de que o acaso intrínseco ao novo modo de estar no mundo pós-histórico é capaz de gerar janelas por onde penetram no programa mensagens contra o próprio programa. Qualquer um pode ser o líder de uma

²⁷ “oportunidades novas e baratas para organizadores e participantes que não poderiam ter se concretizado de forma tão rápida, fácil ou barata sem a Web”.

²⁸ “tendem a concentrar a atenção em poucos posts, especialmente aqueles que atraíram um grande número de interações nos segundos imediatamente após serem publicados”.

manifestação política; esta é uma possibilidade inscrita no programa que se repete com frequência cada vez maior no espaço dito público, dito político.

Ou, como defende Castells (2011), qualquer um pode não ser um líder e atuar apenas como parte de uma rede de

[...] humans organized around their projects and interests. Note that they are not single actors (individuals, groups, classes, religious leaders, or political leaders), as the exercise of power in the network society requires a complex set of joint action that goes beyond alliances to become a new form of subject - a networked subject.²⁹ (CASTELLS, 2011, p. 776).

Os administradores da página cometem o “erro” de criar um evento numa plataforma de relacionamento social para um desabafo - um evento errado em local, termos, horário. Um evento fora da centralidade da política brasileira. E fazem isso de forma colaborativa, agregando e aceitando a participação de todos que chegam. Abrindo novos eventos em outras cidades a partir das demandas dos usuários da rede. Têm atitudes do homem revolucionário diagnosticado por Flusser. Brincam com o programa, investindo contra a razão para a qual foi construído. Subvertem o programado, de dentro. Ao invés de negar o programa, jogam com ele.

A página Botafogo Antifascista traz, já em seu nome, uma subversão. É a página de uma torcida organizada de um clube de futebol do Rio de Janeiro, Brasil. Este é seu substantivo, e seria sua definição. Quem ali escreve, é um torcedor do Botafogo de Futebol e Regatas que defende o acesso democrático aos estádios. Mas a essa persona se associa um adjetivo, político, o antifascista. Na virada do dia 14 para o dia 15 de março de 2018, nem o substantivo, nem o adjetivo importam. É o acaso que eleva o evento criado na página ao ponto focal de milhares de usuários da rede em busca de uma forma de declarar sua revolta. A partir da morte de Marielle, e do fenômeno da convocação das manifestações, o adjetivo se torna um legado que se impõe para além da escolha original dos organizadores.

²⁹ “[...] humanos organizados em torno de seus projetos e interesses. Note-se que não são atores únicos (indivíduos, grupos, classes, líderes religiosos ou políticos), pois o exercício do poder na sociedade em rede exige um conjunto complexo de ações conjuntas que vão além das alianças para se tornar uma nova forma de sujeito - um assunto em rede.”

The post-truth reality, where players orchestrate technical images (memes) to produce improbable outcomes, is a realization of the telematic society. Improbability and absurdity are steadily taking place of truth and objectivity as the most cherished values of information society.³⁰ (WOJNOWSKI, 2017, p. 16).

O caso da convocação das manifestações nas principais capitais brasileiras contra a morte de Marielle Franco é neste sentido emblemático do que se torna cada dia mais usual: a presença de atores não tradicionais na política, surgidos através da forma aleatória como se dá a comunicação no mundo das variações previamente programadas. Entender esse processo é fundamental para acompanhar o desenrolar da política e do engajamento político futuro. A filosofia flusseriana sobre o mundo pós-histórico pode servir de base para novos estudos que levem em conta a presença desse elemento na formação dos novos revolucionários e nos inesperados fatos políticos cada vez mais frequentes: o aleatório.

4.6 ANÁLISE: O QUE MUDA - IMAGEM CONSTRUÍDA PELO ALEATÓRIO

O primeiro encontro presencial dos administradores da página se dá na manifestação contra o assassinato de Marielle, no Centro do Rio. Até então, eles são torcedores do Botafogo que defendem posições mais inclusivas e democráticas no ambiente da torcida em prol do clube de futebol exclusivamente no ambiente virtual. Atuam de forma desorganizada, apenas com os posts na página do Facebook, posts que refletem pensamentos individuais. A soma desses pensamentos publicados constrói a personalidade desta torcida, presentificada na página do Facebook.

A partir da manifestação, os administradores passam a se organizar. A postagem continua caótica e sem estratégia, dependente do tempo e do interesse de cada um em escrever e postar. Porém, novas ações envolvem os gestores agora fora do ambiente virtual, como venda de camisetas com o nome e os símbolos da torcida, que são entregues pessoalmente pelos gestores aos compradores. A ida em grupos ao estádio. A

³⁰ “A realidade da pós-verdade, onde os jogadores orquestram imagens técnicas (memes) para produzir resultados improváveis, é uma realização da sociedade telemática. A improbabilidade e o absurdo estão constantemente tomando lugar da verdade e da objetividade como os valores mais queridos da sociedade da informação.”

troca com outras torcidas autointituladas antifascistas. E a produção de uma faixa com a logo da torcida e o rosto do falecido técnico de futebol João Saldanha, fã do Botafogo e militante do Partido Comunista Brasileiro.

A faixa é levada para o Estádio do Maracanã em dezembro de 2019 e retirada sob ordem direta de policiais militares. Segundo eles, a faixa estaria ferindo o Estatuto do Torcedor por tratar de política no estádio. Por coincidência, na mesma semana, a Assembleia Legislativa do estado do Rio aprova um projeto de lei que permite manifestações políticas em estádios. A essa altura, o vídeo gravado e postados nas mídias sociais mostrando a ação dos policiais exigindo a retirada da faixa viraliza na internet e expõe uma jovem torcedora que assume a faixa como sua. Ivo fala de sentir medo pela colega que teve sua carteira de identidade fotografada pelo policial militar no dia da faixa no Maracanã.

E relembra o medo logo após o assassinato de Marielle, ao perceber que seu perfil no Facebook está exposto. Medo da falta de privacidade, medo de ser reconhecido e atrair algum tipo de vingança. “Tá, agora eu tô com medo dessas pessoas que estão ameaçando o perfil da página. Se tiverem dois neurônios, vão me encontrar”, lembra Ivo sobre o dia seguinte ao crime contra Marielle. Ele tira do ar seu perfil do Facebook por três meses.

O medo, entretanto, não é motor para as ações e as campanhas que a página assume. Em 6 de outubro de 2018, um post traz o texto:

“CONVOCAÇÃO URGENTE

“Antifascistas,

“Neste sábado 06/10, o Tarcísio Motta apareceu com 12% no DataFolha, mas Pedro Fernandes e Márcia Tiburi possuem, respectivamente, 6% e 4%, sendo assim, a PÁGINA BOTAFOGO ANTIFASCISTA SOLICITA QUE VOTEMOS TODOS NO TARCÍSIO E DIVULGUEM ESSA MENSAGEM.

“VAMOS POR O GORDINHO ANTIFASCISTA NO SEGUNDO TURNO.

“50 - Governador”.

A partir do fenômeno aleatório criado pelo evento lançado por Caio Safi, a página começa a receber comentários e mensagens de botafoguenses que se identificam com o perfil, pedindo posicionamento político-partidário. “Muitas pessoas começaram a ver a Botafogo Antifascista como algum tipo de organização para fora do esporte, que

nunca foi exatamente a nossa intenção. A nossa ideia sempre foi pensar como a gente consegue democratizar o futebol e o estádio”, conta Ivo.

A audiência da página muda. Pessoas que são impactadas pelo evento convocatório para as manifestações contra a morte de Marielle, curtem a página, mesmo sem ter ligação com o Botafogo ou com o futebol. Por outro lado, torcedores deixam de seguir a página nos dias seguintes. Segundo Ivo, esse processo demora a se consolidar e flutua ao longo dos meses seguintes, com o público que havia chegado através da manifestação abandonando a página conforme entende seu majoritário tema de debate. O algoritmo do Facebook passa a gerar mais visualizações para os posts da página, o que provoca um aumento gradual de seguidores, na maioria botafoguenses. “Os nossos números são sempre muito turbulentos. Muitas descurtidas só que, ao mesmo tempo, tem muita curtida”, resume ele.

O motor para a mudança da página, num movimento do ambiente esportivo para o da política, é a própria exposição da torcida ao público na rede social. Há uma pressão interna, de autoimagem, e externa, dos fãs. A página, mesmo contra o desejo original de seus organizadores, ganha contornos cada vez mais partidários, com apoio a candidatos e ataques a políticos identificados com a direita.

É um processo dialético que constrói uma mudança de perfil da página, engajada em parte em responder à imagem percebida pela sua nova audiência em constante renovação. As mudanças, por sua vez, impactam no público que deixa de seguir – a partir da convocação para as manifestações – e o público que fica. É um movimento de entrada e saída de públicos, conforme a imagem original é desconstruída e reconstruída continuamente.

Esse processo de cocriação de identidade a partir da afirmação de uma imagem criada pelo outro é descrito por Larissa Adler Lomnitz (2009) ao analisar a construção da imagem de cientista a partir da relação de tutor entre professores e alunos universitários. Segundo ela, “a identidade só se forma através do outro, um sujeito se identifica com a imagem real ou ideal que percebe do outro, e que depende deste”. No caso de Lomnitz (2009), o outro é dado pelo tutor numa relação pessoal e presencial. No caso aqui estudado, há uma relação originariamente mediada por aparelhos e com uma base de relacionamentos ampla, com pessoas desconhecidas – entre organizadores da página e público, sejam torcedores ou não.

A interação com o público através dos comentários nos posts e das mensagens diretas também provoca essa separação do nós e do eles. Ivo identifica dois tipos de públicos críticos na página: haters e perfis fakes, atraídos no período pós-manifestações de 2018 preocupados unicamente com a questão política; e torcedores do Botafogo que não se veem representados pela página ou são contra uma página botafoguense que se autointitule antifascista. Os comentários agressivos e as ameaças postadas pelo primeiro grupo são deletados pelos organizadores. Aos torcedores do Botafogo que pedem a separação de futebol e política, os organizadores da página respondem com uma postura tipicamente de torcedor: ironicamente. “Um cara só comentou uma vez: ‘Deleta a página’. A gente só respondeu: ‘seu desejo é uma ordem, vamos deletar sim’”, lembra Ivo rindo.

A torcida Botafogo Antifascista se torna mais e mais política, sem abandonar seu princípio original de defesa da democratização do futebol. A interação com os novos públicos e a visibilidade gerada pelo evento aleatório das manifestações em 2018 pressionam as postagens nesta direção. Tanto virtualmente quanto presencialmente, como nas idas aos estádios e na ação da faixa.

Esse grupo de pessoas que se encontrou completamente ao acaso, por ter interesses comuns, completamente aleatórios (...) o Botafogo, o futebol mais especificamente, e a política... a gente acabou criando relações, né? Principalmente depois de momentos muito conturbados, tensos. A conexão que você faz nesses momentos é muito forte, né? ((IVO MINEIRO, entrevista presencial, Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 2020).

Se há uma mudança cultural e de imagem na torcida, há também a criação de um elo entre os organizadores. O senso de comunidade que existe desde a criação da página - seja pela forma como ela é anarquicamente administrada seja pelo encontro do interesse comum - se expande e fortalece a partir do encontro presencial, e da necessidade de interagir. É um sentido que une não só os organizadores entre si, mas que gera uma conexão entre eles e a torcida como instituição.

Além disso, abre espaço para a realização de um maior número de ações presenciais nos estádios, participação em eventos como convidados para debater a associação de política e esporte, venda de camisetas e botons que identifiquem os

torcedores da Botafogo Antifascista. O termo usado por Ivo reflete esse sentido de comunidade: “uniformizados”. O uso da camiseta como uniforme gera a separação visual do nós e do eles nos estádios e traz ainda mais unidade para o nós.

A torcida Botafogo Antifascista tem sua identidade impactada pelo fenômeno do aleatório. É catapultada a um tamanho e importância muito maior que os desejos e as intenções de seus gestores. E muda a partir disso, num movimento de corresponder ao reflexo da imagem criada.

5 MEU RIO: “INJETAR VALORES, ‘POLITIZAR’ AS IMAGENS”

A página do Facebook Meu Rio³¹ é criada em 5 de agosto de 2011. A Organização Não Governamental batizada de Meu Rio é fruto do encontro de dois amigos de colégio, Miguel Lago e Alessandra Orofino. Eles vão na mesma época fazer graduação na França, e se formam em Ciências Políticas pela Sciences Po Paris.

Hoje, Miguel é Diretor-Executivo do Instituto de Estudos para Políticas da Saúde (IEPS) e professor visitante da School of International and Public Affairs da Universidade de Columbia em Nova York e da École d’Affaires Publiques de Sciences Po Paris. Alessandra segue conectada ao projeto do Meu Rio, mas dedica a maior parte de seu tempo para outros projetos. É, por exemplo, showrunner do programa Greg News, apresentado por Gregório Duvivier, veiculado na HBO, HBO MAX e no canal da HBO no Youtube. Miguel e Alessandra são casados e têm uma filha, Helena.

Em 2011, Miguel está de volta ao Brasil e traz uma ideia na mente: fazer política de uma nova forma, participativa ao invés de representativa. Para isso, compartilha com Alessandra a visão de um caminho para a criação de um movimento aberto à participação de todos: uso da tecnologia e foco em mudanças no ambiente micropolítico. Em uma apresentação no palco do TEDxUFRJ, em maio de 2013³², Miguel explica a lógica que estrutura sua atuação: “A tecnologia não cria nada, mas facilita tudo. A tecnologia consegue derrubar essas duas barreiras que impedem a participação de todos na vida política”. Miguel se refere à falta de tempo de todos que estudam e trabalham e à falta de espaço físico para o compartilhamento de ideias de forma presencial com a presença de toda a população. “As pessoas não têm tempo de ir, no meio da tarde, discutir orçamento participativo.”

Como iniciar esse processo de construção de um novo modelo de governabilidade? “Para mudar, é preciso desenhar uma estratégia. E a nossa estratégia tem 3 pontos chave: primeiro é preciso uma demanda clara. O segundo é saber qual a viabilidade dessa mudança que estou pleiteando. O terceiro ponto é quando vou começar a agir, qual a urgência?”, segue no TEDxUFRJ. “O que cria mobilização são os

³¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/meurio>. Acesso em: 11 nov. 2020.

³² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lJHaeppeXjo>. Acesso em: 25 nov. 2020.

encontros. No encontro, você vê que o outro é a extensão da sua própria individualidade. Você está conectado com ele, (...) é no encontro que as diferenças se equivalem, elas não se anulam. (...) A melhor maneira de contribuir para essa grande transformação é politizando e mobilizando; politizando em todos os campos da vida social.”

O fato de Miguel estar no palco do TEDxUFRJ, um evento baseado num modelo mundial de troca de experiências e reconhecido para além do meio acadêmico, é sinal de que em menos de dois anos de atividade, o Meu Rio já é considerado um caso de sucesso. A Organização Não Governamental Meu Rio abraça o que Miguel e Alessandra acham possível para o início de um processo de transformação política com participação popular: focar em uma cidade, uma causa por vez, usando a tecnologia para unir e dar voz aos moradores do Rio de Janeiro. “A missão do Meu Rio é aproximar o cidadão carioca do centro das decisões públicas da cidade do Rio de Janeiro”, afirma Miguel em entrevista à página igovsp, no Youtube, publicada em 23 de novembro de 2012.³³

O Meu Rio nasce num momento em que o Brasil e a cidade estão em destaque na mídia mundial. Em outubro de 2009, a cidade é escolhida sede dos Jogos Olímpicos de 2016 (PAZZI JR., 2009). O Rio é a capital afetiva do país onde o presidente Lula é “o cara”, pela fala do presidente americano Barack Obama (NETTO, 2009).

“A campanha anterior entre o Eduardo Paes e o Gabeira³⁴ tinha sido uma campanha que mobilizou muita gente e que gerou, numa geração mais nova, uma vontade de participar politicamente. Mas gerou também uma grande frustração em quem tinha apoiado o Gabeira que acabou se traduzindo de uma maneira muito negativa. (...) E as pessoas que tinham apoiado passaram a torcer contra a cidade. Para a gente foi um momento muito interessante porque vimos claramente essa falha da nossa democracia representativa que é essa fé incondicional que a gente tem no político messias. (...) Veio a ideia de criar uma plataforma que ajudasse o cidadão carioca a participar da vida política da cidade de uma maneira apartidária, fora do ciclo eleitoral,

³³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DLubU5ko3mE&feature=emb_logo. Tempo: 0:20. Acesso em 28 nov. 2020.

³⁴ Candidatos a prefeito do Rio de Janeiro. Eduardo Paes sai vencedor da campanha apoiado por partidos de centro, direita e neoliberais. Gabeira concentra o apoio da esquerda e de grande parte dos jovens.

e de forma permanente. Independente de quem está no governo”, diz Alessandra no vídeo-depoimento para a página Imagine2030, no Youtube³⁵.

Naquele momento, o objetivo de envolver o carioca no dia a dia da política da cidade tinha uma estratégia clara: informar, ouvir e participar. Informar significa monitorar o que acontece na Câmara de Vereadores e na Prefeitura e traduzir essas informações em conteúdos leves, amigáveis, evitando reducionismo e divulgá-las através de mídias sociais, encontros presenciais e a imprensa. Ouvir significa abrir canais de comunicação com o morador da cidade para saber o que ele pensa sobre cada tema debatido, seja através de ferramentas on-line ou em encontros presenciais. Participar se traduz em diferentes formas de atuação, desde a manifestação na Câmara dos Vereados em um movimento de pressão contra ou a favor de um projeto até o compartilhamento de um post numa rede social.

Nas entrevistas e palestras de Alessandra e Miguel, se repete a mesma fala: que briga comprar? Como escolher? Para eles, a luta precisa ser:

- a. importante para a cidade e seus moradores;
- b. uma oportunidade de mudança;
- c. deve gerar mobilização.

A pressão pela aprovação da Lei de Ficha Limpa no estado do Rio de Janeiro, em 15 de dezembro de 2021 (G1, 2011) é um exemplo de causa que o Meu Rio abraça.

A fala de Miguel no vídeo divulgado em 2 de junho de 2015 na página da Conferência de Bonn para Transformação Global no Youtube³⁶ apresenta a estratégia criada pela ONG para pressionar os deputados estaduais do Rio de Janeiro a votar em curtíssimo prazo a Lei da Ficha Limpa: “A gente convidou as pessoas a participar. Mostramos o caminho que o projeto de lei ia percorrer e apresentamos quem teria que ser pressionado para que a lei andasse. E entregamos o e-mail, o endereço do Facebook, o endereço do Twitter e o telefone do gabinete do deputado que era presidente da Comissão de Justiça. Você assinava a petição e poderia, ao lado, mandar uma mensagem que já trazia um texto de sugestão pré-formatado (educado, mas firme) e com demanda muito clara: ‘o senhor está atrasado há tantos meses na nomeação do relator, gostaríamos que o senhor o nomeasse’. Poucas pessoas assinaram a petição no

³⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JFq4_OSqbbM. Acesso em: 25 nov. 2020.

³⁶ Disponível em: <https://youtu.be/KQEIqPlnOzE>. Acesso em: 28 nov. 2020.

primeiro dia, cerca de 1.000. Mas essas pessoas converteram ao fazer o segundo passo: compartilhar nas redes, ou ligar para o gabinete. Foi um bombardeio no mesmo dia. No dia seguinte, já estava nomeado o relator. Então, pressionaram o presidente da Alerj para colocar o projeto em votação. E, no dia da votação, houve pressão sobre todos os deputados da mesma maneira. Em 3 semanas estava mudada a Constituição Estadual.”

E Miguel avalia: “Ao longo do processo, que durou cerca de 5 semanas, não tínhamos 2 mil assinaturas na petição. É claro que a campanha não foi a petição. Pressão constante, inteligente, estruturada é que foi o acerto. O importante não é o número de pessoas que você mobiliza, mas a qualidade da mobilização delas”.

Meu Rio vive desde o começo de doações de instituições, pessoas jurídicas e pessoas físicas. No site oficial³⁷ está escrito “Somos financiados exclusivamente por pessoas que acreditam e participam dessa rede. Por aqui, não aceitamos dinheiro de governos, partidos, empresas públicas ou construtoras”. Hoje o Meu Rio é parte da Rede Nossas³⁸, que responde pela administração financeira. A demonstração contábil relativa a 2018 e 2019, assinada por Medeiros & Associados Auditores Independentes e publicada no site³⁹, informa que em 2019 a Rede Nossas Cidades recebeu R\$ 3.944.996,81 no item Doações; R\$ 273.837,17 em Contribuições; e R\$ 59.965,00 em Serviços Prestados. O documento não determina a diferença entre Doações e Contribuições. Os Serviços Prestados se referem a trabalhos remunerados realizados pela Nossa, como no caso da ferramenta Bonde! que oferece aos assinantes a possibilidade de criação de sites, entre outros.

5.1 CAMPANHAS MEU RIO

Os projetos do Meu Rio mantêm ao longo do tempo o respeito à estratégia original apresentada por Miguel no palco do TEDxUFRJ: relevantes para a cidade e seus cidadãos (na avaliação da equipe do Meu Rio), factíveis em pouco tempo e capazes de mobilizar apoiadores.

³⁷ Disponível em: <https://www.meurio.org.br/>. Acesso em: 02 mai. 2021.

³⁸ Estatuto disponível neste link:

https://drive.google.com/file/d/11q5GUyg4WRQgRPs8V4Bx0rK_nKjHLIU7/view?usp=sharing.

³⁹ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1kfE59u4E0CZeFaJ-Qf69QLR8RIPOGOqs/view>. Acesso em: 02 mai. 2021.

Debora Dantas Pio trabalha há cinco anos no Meu Rio. Ela avalia que essas três premissas continuam regendo as causas que a equipe abraça. “A primeira premissa é ter a clareza do que a gente está pedindo. A gente sempre fala isso para quem chega novo: ‘todo mundo quer mudar o mundo’. Mas a gente não pode fazer uma campanha assim ‘todo mundo que quer mudar o mundo chega mais’. Porque mudar o mundo é muita coisa. Se você souber o que você quer mudar no seu bairro, já é ótimo. Agora, se você souber o que você quer mudar na sua rua, melhor ainda, porque essa demanda fica mais clara. As pessoas entendem, as pessoas da sua rua sabem o que querem. Por exemplo, elas querem construir um quebra-molas na minha rua. Isso é mudar o mundo, mas é uma demanda muito mais específica. É muito importante ter clareza sobre o que você quer, saber se é viável. Mudar o mundo tem um monte de gente aí tentando e quase ninguém conseguiu. É muito importante saber da viabilidade daquilo. Às vezes, a gente faz apostas grandes, pretensiosas. Mas a gente entende também que a estratégia daquela campanha não é necessariamente conseguir aquela vitória. É trazer o assunto à tona. Por exemplo: a campanha da SuperVia que a gente fez agora, em janeiro⁴⁰. A gente sabia que eles iam aumentar a passagem de toda a forma, mas a gente começou a falar ‘não aumenta, não aumenta, não aumenta’ e ganhou visibilidade, passou no RJTV, e eles aumentaram só R\$ 0,30 ao invés de aumentar R\$ 1,20. No fundo a gente sabia que ia aumentar de toda forma, a gente só não queria que aumentasse o valor cheio. Às vezes a estratégia final é mais trazer à tona o problema do que resolvê-lo. E a urgência também é importante. Porque se você pode fazer isso daqui a seis meses, por que vai fazer agora? Todas as nossas campanhas têm uma clareza muito grande sobre a urgência que aquilo tem. As pessoas se mobilizam muito mais quando a pauta é urgente.”

Cada campanha do Meu Rio ganha um site de mobilização construídos na ferramenta Bonde. Ali são explicados os motivos da campanha, o site pode hospedar alguma ferramenta de pressão ou oferecer o link para outro endereço onde o usuário pode fazer a pressão através e-mail, página nas mídias sociais ou telefone do ator político a ser impactado. Ao final da campanha, esse site é vertido numa memória da

⁴⁰ Em janeiro de 2021, a SuperVia, operadora de parte das linhas de trens do Rio de Janeiro, um dos meios de transportem que atendem à classe trabalhadora, anuncia um aumento de R\$ 1,20 nas passagens, o que representa um aumento de 25%. A campanha e a manifestação virtual articulada pelo Meu Rio conquistam espaço na imprensa tradicional. (SAMPAIO, 2021 e O DIA, 2021). Ao final dos protestos, a SuperVia anuncia a redução do valor total do aumento para R\$ 0,30.

ação, onde há um resumo da história, dados numéricos, o objetivo desejado e os resultados alcançados. Este estudo seleciona algumas dessas campanhas para ampliar o olhar sobre o Meu Rio e entender a aplicação dos princípios apresentados por Miguel e Debora.

O critério da seleção é baseado no interesse em analisar casos de diferentes perfis: O Verão do Saneamento é uma rara ação perene que existe ao longo dos primeiros anos da ONG e que ganha força numa campanha no verão de 2013/14. Não Vai Ter Mesada é fruto do monitoramento que a ONG realiza diariamente junto ao legislativo local – Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro (municipal) e Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (estadual). Não Viaja Pesão interessa pelo uso da mídia tradicional através da geração de fatos que são criados para repercutir na imprensa. E Respeita Paquetá é um exemplo de campanha ativada a partir do pedido de moradores.

Verão do Saneamento e Bacteriatio⁴¹– A questão do saneamento básico e a regulação do trabalho realizado pela Cedae, então empresa pública responsável pelo serviço de águas e esgoto no estado do Rio de Janeiro, não é uma campanha tradicional dentro do formato de atuação do Meu Rio. O tema é uma constante das ações da ONG desde sua fundação, sendo retomada em campanhas específicas de acordo com oportunidades geradas pela própria ONG ou em resposta a alguma ação ou inação do poder público. Em dezembro de 2013, a equipe do Meu Rio lança a campanha #VerãoDoSaneamento. A ONG inaugura um site onde o público pode se inscrever como voluntário para montar ações coordenadas para chamar a atenção para a qualidade da água das praias e a falta de saneamento na cidade; ou ser convocado por SMS para participar dos atos. Segundo o site oficial da campanha, 240 pessoas se inscrevem para organizar, e 1.200 entregam seus números de celular para serem convocados. Dados do Facebook ⁴²apresentam que 1,4 mil pessoas compartilham o post com o link do site na rede social até a data desta pesquisa. A campanha dura cerca de 12 semanas e envolve atletas que treinam nas águas da Baía de Guanabara, surfistas, moradores da Rocinha, do Vidigal e de outras comunidades. Porém a ação que mais repercute, inclusive na imprensa internacional, é o Bacteriatio, uma manifestação presencial realizada em 25 de

⁴¹ Disponível em: <http://verao.meurio.org.br/>. Acesso em: 08 jan. 2021.

⁴² Disponível em: https://www.facebook.com/meurio/publishing_tools/?refSource=pages_manager_bar. Acesso em: 08 jan. 2021.

janeiro de 2014, com vasos sanitários espalhados na areia da praia de Ipanema. Ativistas ligados ao movimento e passantes se sentam nos vasos gerando imagens impactantes. O resultado obtido ao longo da campanha não é imediato. Em 17 de agosto de 2015, a Cedae passa a ser regulada pela Agência Reguladora de Energia e Saneamento do Estado do Rio de Janeiro (AGENERSA) conforme Decreto número 45.344, assinado pelo governador.

Não vai ter mesada⁴³ – A campanha surge como uma resposta ao Projeto de Lei 1.442 de 2015 da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, que é posta na pauta de votação no segundo semestre de 2016. O PL, caso aprovado e sancionado pelo Prefeito, modificaria a regulamentação sobre a aposentadoria dos vereadores e permitiria que eles acumulassem duas aposentadorias. O Meu Rio desenvolve em poucas horas a campanha #NãoVaiTerMesada. No dia 31 de outubro mobiliza através das mídias sociais. Publica no Facebook: “URGENTE! Vereadores querem aprovar amanhã um projeto de lei para receber uma mesada vitalícia de R\$ 15 mil ao se aposentar. Vamos contra-atacar e enviar milhares de mensagens de pressão nas próximas horas, dizendo em alto e bom som que os cariocas não aceitarão mais esse absurdo.” Os dois posts convocando para a campanha veiculam o link de um site onde o público pode colocar seus dados e, através de uma ferramenta, enviar uma mensagem para os 38 vereadores coautores do PL. Segundo o site atual que faz o balanço da campanha, são enviados 2.155.872 e-mails por 42.272 pessoas cadastradas no site ao longo dos dias 31 de outubro e 1º de novembro de 2016. O projeto é rejeitado por unanimidade pelos 40 vereadores da casa.

Não viaja, Pezão⁴⁴ – O ano de 2017 do morador do estado do Rio é marcado pela falta de verbas para a gestão da máquina pública estadual. A crise já começa no final de 2016, quando o então governador do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão, suspende o pagamento do 13º salário dos funcionários públicos. Apesar deste cenário, o governador decide abrir um processo de aluguel de longo prazo de um jatinho para seu uso particular em viagens de Estado. A licitação é publicada no Diário Oficial em 10 de agosto de 2017. No dia seguinte, o site criado pelo Meu Rio está no ar com a sugestão para qualquer um se cadastrar, assinar uma petição e enviar e-mails para os responsáveis. Resultado publicado no site de balanço: 10 mil pressões. Em 16 de

⁴³ Disponível em: <https://www.naovaitermesada.meurio.org.br/>. Acesso em: 06 mar. 2021.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.naoviajapezao.meurio.org.br/>. Acesso em: 05 jan. 2021.

agosto, a ONG divulga o número do telefone do gabinete do governador e convoca o público a telefonar. Em 21 de agosto, uma ação presencial pensada de forma midiática gera grande cobertura da imprensa: balões em formato de avião são soltos próximo ao Palácio Guanabara, sede do governo. Em 22 de agosto, o Tribunal de Contas do Estado suspende a licitação por tempo indeterminado.

Respeita Paquetá⁴⁵ – Em dezembro de 2019, o Meu Rio apoia o movimento da Associação de Moradores de Paquetá (Morena) e o Conselho de Segurança de Paquetá contra o corte de 13 horários na grade da barca que liga a ilha à Estação da Praça XV, no Centro do Rio. A ONG cria um site através do qual o carioca pode pressionar a CCR, empresa administradora das barcas, e o então governador do estado do Rio, Luiz Fernando Pezão, através de envio de e-mails. Em fevereiro de 2020, a empresa anuncia a manutenção dos 13 horários.

5.1.1 Politizando o vaso sanitário

“Os novos revolucionários são fotógrafos, filmadores, gente do vídeo, gente do software, e técnicos, programadores, críticos, teóricos e outros que colaboram com os produtores de imagem. Toda essa gente procura injetar valores, ‘politizar’ as imagens, a fim de criar a sociedade digna de homens” (FLUSSER, 2008, p. 95).

Os vasos sanitários colocados na areia da Praia de Ipanema no Bacteriatio - parte da campanha Verão do Saneamento -, e o lançamento de balões em forma de avião próximo à sede do governo do estado, na campanha Não Viaja Pezão, são exemplos do que Flusser chama de politizar imagens. Ambas as ações são criadas com vistas a gerar imagens para a imprensa e as mídias sociais, alimentam o complexo homem-aparato. Mas, ao assumir o pressuposto de que as ferramentas digitais podem ser ponte entre o poder público e o cidadão, ponte de mão-dupla que informa e pressiona, a equipe do Meu Rio introduz ruídos na operação do programa.

Para Castells (2013), esses novos movimentos sociais que se articulam como redes estão reconstruindo a esfera pública dentro de um ambiente em que se conectam as localidades de cada movimento e as redes da própria internet.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.respeitapaqueta.meurio.org.br/#block-14163>. Acesso em: 05 jan. 2021.

Porém, apesar de defender a democracia participativa em contraponto à democracia representativa, a equipe do Meu Rio - funcionários com carteira assinada e horário de trabalho (muitas vezes estendido pela necessidade de gerar uma campanha tarde da noite) – reconhece as instituições políticas tradicionais, partidos, os três poderes, sindicatos, bem como a imprensa tradicional. E atua com eles e contra eles, dependendo da causa que abraçam. Mas não estão ao lado deles, atuam “upon history from without” (FLUSSER, 2002).

“É possível não se negar a ser sujeito do mundo, mas também não se deixar tomar como objeto. Estar dentro para conhecer e estar fora para pensar” (BAIO, 2015, p. 143). A partir e de dentro das ferramentas digitais e de fora das instituições tradicionais, a equipe do Meu Rio testa o quanto uma imagem “politizada” pode ser subversiva. Rema contra a entropia que gera o entorpecido e o saudosista.

5.2 ESTUDO DE CASO: CAMPANHA #ESCOLANÃOSEDESTRÓI, ENTRE O TRATOR E A ESCOLA

Na análise da campanha pelo tombamento da Escola Municipal Freidenreich este estudo encontra a oportunidade de observar o ativismo digital pela perspectiva da soma de conhecimentos e estratégias da comunidade escolar – originalmente não ativista – e da equipe do Meu Rio, ativistas por escolha e profissão. Mergulhar nesta campanha nos permite analisar a mecânica de uma campanha de longo prazo, incluindo o uso de ferramentas on-line que vão além das mídias sociais como a aplicação de estratégias de pressão presenciais e virtuais, o processo contínuo de testagem, avaliação e aplicação de novas estratégias.

Além disso, é um período em que o Facebook reina absoluto no Brasil. Em 2012, o Brasil é o país onde a plataforma mais cresce em número de usuários: são 29.723.760 de entrantes (EMPLIFI CZECH REPUBLIC a.s., 2013). E o segundo maior total público do Facebook no mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Em maio de 2012, são 58.404.860 usuários no Brasil, e 166.029.240 nos Estados Unidos (EMPLIFI CZECH REPUBLIC a.s., 2012). Com a concentração das ações das mídias sociais em uma única plataforma, este estudo tem a possibilidade de fazer um retrato

mais acurado da campanha a partir dos resultados obtidos em cada período e a partir de cada tipo de post.

Tudo isso conectado ao cenário conturbado que antecede e atravessa as manifestações populares de 2013 no Brasil.

Em outubro de 2012, a mãe de uma aluna na Escola Municipal Friedenreich procura a equipe do Meu Rio pedindo para usar a plataforma on-line Panela de Pressão, hoje inativa. Ela quer fazer uma campanha para evitar a destruição da escola que, em 2011, recebe a nota 7.6 pela pesquisa do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) (INEP. 2021), a quarta melhor nota da cidade, e a sétima melhor se consideradas só as escolas do estado do Rio de Janeiro (ANDREONI, 2012). É anunciado que a Escola Friedenreich seria demolida para a construção de quadras de aquecimento, como parte do processo de renovação do Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã, para receber os jogos da Copa do Mundo em 2014. A escola faz parte do complexo do Maracanã, localizada entre o Maracanãzinho e a entrada principal do Maracanã.

“O Rafael foi lá na escola conversar com a gente e explicar um pouquinho como era. Até então a gente não conhecia tanto o Meu Rio nem os passos do que poderia ser feito. A gente tinha uma demanda que era manter a escola. A gente estava batalhando muito por isso. Mas a gente não sabia como fazer isso, quais eram os meios que a gente podia utilizar”, conta Carolina Martins Araújo Ribeiro, mãe da então aluna da escola Juliana Araújo Ribeiro (entrevista realizada em 1 de abril de 2021, através da plataforma de vídeo Zoom).

A partir dessa ação, o Meu Rio se envolve com as atividades de pais, alunos, professores e servidores da Friedenreich que buscam chamar a atenção da mídia e pressionar o então governador Sérgio Cabral, o então prefeito Eduardo Paes, secretários estaduais e municipais, deputados estaduais e vereadores e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Além de ter a garantia de que a escola não será demolida, fechada ou transferida para outro endereço, eles querem o tombamento do prédio para permitir a continuidade da escola para gerações futuras.

“O pensamento da comunidade escolar era ter um benefício com aquilo, o famoso legado. (...) A gente pensou que provavelmente teriam obras, teriam reformas, parcerias entre a escola, a comunidade escolar e o evento. Porque em 2007 teve o Pan-

americano e a escola passou por uma obra bem grande. (...) E esperou-se que em 2014 também seria da mesma forma. A primeira impressão da comunidade escolar foi que a escola seria beneficiada com aquilo. E havia uma compreensão de que o esporte e a educação poderiam caminhar juntos. Só que, em 2009, já tivemos notícias de que a escola seria demolida. (...) A gente ficava sabendo tudo pela imprensa. Não houve um debate com a comunidade escolar”, lembra Guilherme Santos, que trabalha como secretário na Friedenreich, e cujo Trabalho de Conclusão de Curso, em 2019, na Faculdade de Arquivologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tem como tema a documentação da luta da comunidade escolar contra a destruição da escola (Entrevista realizada em 15 de fevereiro de 2021, através de plataforma de vídeo Zoom).

A campanha pela escola municipal se entrelaça com a luta pela manutenção de outros equipamentos públicos instalados junto ao Maracanã e em atividade no mesmo período: o Estádio de Atletismo Célio de Barros, o Parque Aquático Júlio Delamare e a Aldeia Maracanã - antigo Museu do Índio e que abriga como moradia, nesta época, 60 índios de 17 etnias (GOMES, 2019).

Assim que abraça a causa proposta pela mãe, a equipe do Meu Rio abre uma nova ação dentro da ferramenta on-line Panela de Pressão. Uma carta de apoio à Escola (Anexo A) é publicada no site e convida o público a assinar e apoiar a causa. A página do Meu Rio no Facebook se torna uma ferramenta de divulgação e mobilização e, em 26 de outubro de 2012, é publicado o primeiro post da campanha anunciando a ação do Panela de Pressão. A campanha recebe o nome de #EscolaNãoSeDestroi em referência a um post na página pessoal no Twitter da então Secretária Municipal de Educação, Claudia Costin, que se posiciona publicamente contra a demolição ou remoção. A campanha on-line se desenrola entre 26 outubro de 2012 e 6 de novembro de 2013.

Segundo os textos de apresentação e os dados disponíveis no site Escola Não se Destroi⁴⁶**Erro! A referência de hiperlink não é válida.**, a carta de apoio à manutenção da escola amalha 19.295 assinaturas; 1.700 e-mails do público engajado são “enviados para a Secretária de Educação na época, Claudia Costin, pedindo que ela apoiasse a luta dos estudantes” através do Panela de Pressão; e 1.954 pessoas se inscrevem “para vigiar

⁴⁶ Disponível em: <https://www.escolanaosedestroi.meurio.org.br/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

a escola através da câmera 24h”. O texto no site assim resume, em retrospecto, a campanha #EscolaNãoSeDestrói: “A história da mobilização que uniu crianças, professoras, mães, pais e dezenas de milhares de pessoas para salvar a 4ª melhor escola pública do Rio de ser demolida para virar estacionamento da Copa do Mundo”.

A mobilização dos pais acontece num primeiro momento, em 2009, quando a imprensa veicula a possibilidade de demolição da escola. “Na época, nós procuramos o Ministério Público, acabou sendo arquivado, não se falou mais nada, e um ou dois anos depois veio a canetada do Eduardo Paes. Então esse tema de manter a escola a gente já tinha, já sabia, alguns pais já tinham começado a pensar sobre isso. Mas a gente não imaginava que fosse uma coisa que aconteceria tão rápido, nem sabia o que poderia ser feito”, completa Carolina Martins.

Os entrevistados não sabem precisar a data em que começam a se reunir em 2012 para falar sobre o problema. Mas estimam que todo o processo, desde a primeira reunião até o tombamento, em novembro de 2013, dure cerca de 18 meses. Nesse período, as notícias chegam via imprensa, mídias sociais das autoridades, Diário Oficial do estado e do município, eventos abertos na Câmara de Vereadores e na Assembleia Legislativa, conversas em off com vereadores e deputados e, ocasionalmente, um encontro presencial ou um telefonema da parte de atores políticos.

É um caminho tortuoso, e com muitas surpresas. Em 28 de dezembro de 2012, a equipe do Meu Rio recebe a boa notícia de que a Escola será mantida onde está no ano letivo de 2013. É a própria Secretária de Educação quem dá o telefonema com a notícia, que vira o post com o maior engajamento de toda a campanha: 3.499 pessoas interagem com o post, sendo 1.101 curtidas, 226 comentários e 2.100 compartilhamentos. O post começa com a palavra VITÓRIA, escrita assim, em maiúscula e seguida de 8 pontos de exclamação. Como se vê no ano seguinte, a promessa de Cláudia Costin não é apoiada pelo prefeito e pelo governador, que mantêm a demolição da escola ainda em 2013 como parte do projeto de concessão do Maracanã.

5.2.1 Cronograma de postagens da campanha

Neste tópico, é possível acompanhar o cronograma da campanha reconstruído a partir da sua face digital: os posts publicados na página do Facebook do Meu Rio⁴⁷. No período da campanha pesquisado, não faz parte da prática do Facebook coletar e oferecer aos administradores de página os dados de alcance⁴⁸ (“número de pessoas que visualizaram algum conteúdo da Página ou sobre ela. Essa métrica é estimada. As impressões indicam o número de vezes que qualquer conteúdo da Página ou sobre ela apareceu na tela de uma pessoa”) Então não é possível saber quantas pessoas são impactadas por cada post ou pela campanha como um todo levando em conta o impacto das publicações de quem compartilha os posts sobre os seus “amigos”, ou seja, através de contato intermediado. Só é possível analisar as ações de relacionamento direto com a página: curtidas, comentários e compartilhamentos.

Parte dos posts publicados na época estão excluídos da linha do tempo ou editados, não sendo mais acessíveis ao público em geral. Porém, como esta pesquisadora tem acesso à página como editor, acesso cedido pela equipe do Meu Rio, todos os posts estão citados no quadro⁴⁹, mesmo os que estão escondidos ou são editados posteriormente.

Aqui uma seleção dos momentos mais marcantes da campanha:

26 de outubro de 2012 – Primeira publicação na página do Facebook do Meu Rio, convidando os seguidores a assinar e compartilhar a carta de apoio à campanha #EscolaNãoSeDestroi. Lançamento do site com a Carta de Apoio e a ferramenta para assinatura. (Figura 4)

⁴⁷ O quadro com a lista completa dos posts com data de publicação, textos e resultados de engajamento elaborada pela autora está disponível no link:

<https://drive.google.com/file/d/17hFHXCz9q6WUUVILpeNL5PT5TFtrKd/view?usp=sharing>

⁴⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/help/274400362581037>. Acesso em: 12 fev. 2021.

⁴⁹ <https://drive.google.com/file/d/17hFHXCz9q6WUUVILpeNL5PT5TFtrKd/view?usp=sharing>



Figura 4 – Reprodução da página original, resgatada através do site webarchive, print salva em 01/11/2012

Fonte: Webarchive (2020).

30 de outubro a 8 de novembro de 2012 – Tem início uma série de posts com imagens com texto padrão que podem ser compartilhadas por alunos de outros colégios, públicos e particulares, e de universidades do Rio e de outros estados que apoiam a campanha, além de pai, mãe, aluna, aluno, professor e professora da Escola Friedenreich (Figura 5). Outro post sugere aos apoiadores trocar a imagem de capa de suas páginas por uma imagem da campanha.



Figura 5- Post publicado na página do Facebook Meu Rio em 31 de outubro de 2012.

Fonte: Meu Rio (2020)

1 de novembro de 2012 – Post anuncia uma ação presencial na escola, a oficina de cartazes realizada por professores, alunos e pais. Os cartazes são usados como forma de manifestação na audiência pública sobre o edital de concessão do Maracanã na Assembleia Legislativa. A ação tem cobertura com fotos na página do Meu Rio em posts no mesmo dia e no dia seguinte.

5 de novembro de 2012 – Post convida os usuários a doar dinheiro através do site Benfeitoria⁵⁰ para cobrir os custos de aluguel de dois ônibus para levar as crianças e suas famílias para participar da audiência pública na Assembleia Legislativa. Em menos de sete horas, as doações alcançam a meta (*o valor da meta não é disponível*).

6 de novembro de 2012 – Post anuncia que a carta de apoio já possui 10 mil assinaturas no site. Originalmente a meta é de 6 mil assinaturas. Agora a nova meta é 20 mil.

8 de novembro de 2012 – Post anuncia que, durante a audiência pública, o Secretário estadual da Casa Civil, Regis Fichtner, anuncia que a responsabilidade pelo

⁵⁰ Disponível em: <https://benfeitoria.com>. Acesso em: 13 fev. 2022.

fechamento ou não da escola é da Secretaria Municipal de Educação. É intensificada a campanha para que os apoiadores enviem e-mails para a Secretária Claudia Costin através de site criado pelo Meu Rio.

13 de novembro de 2012 – A ação de impacto direto sobre a Secretária continua. Um post na página afirma “Em menos de 14h já foram mais de 1.600 e-mails enviados pra Secretária Municipal de Educação”.

14 de novembro de 2012 – São publicadas na página fotos de alunos e familiares registradas anteriormente pela equipe do Meu Rio.

29 de novembro de 2012 – Lançamento da ação “De Guarda”. Os apoiadores podem se inscrever para fazer guarda através de câmeras que filmam e transmitem na internet a fachada da escola por 24 horas. Ou os apoiadores podem oferecer seus números de telefone celular para serem convocados por mensagem de texto para ir para a Escola caso haja movimentação com intenção de demolir a escola. Uma atualização no post de lançamento anuncia: “Em poucas horas passamos dos 350 guardiões alistados!”

1 de dezembro de 2012 – Post anuncia que já são 1.200 guardiões.

12 de dezembro de 2012 – Post anuncia que pais e alunos da Escola fazem, no dia anterior, manifestação na escadaria da Câmara de Vereadores para pressionar pela votação do Projeto de Tombamento. Post lança ainda uma ação de pressão pública para que os Vereadores votem a favor do tombamento. Campanha através de site da ferramenta Panela de Pressão.

16 de dezembro de 2012 – Post anuncia ação do grupo do projeto m.o.r.o., formado por estudantes da PUC-Rio. O muro da escola é pintado para que os alunos possam escrever porque não querem sair da escola.

18 de dezembro de 2012 – Posts anunciam o desenrolar da primeira votação do projeto de tombamento da Escola, na Câmara de Vereadores. Projeto de Tombamento é aprovado na primeira etapa de votação.

19 de dezembro de 2012 – Post convoca apoiadores a telefonar para os vereadores que votaram a favor do tombamento na primeira fase e disponibiliza os números de telefone dos seus gabinetes. Novos posts mobilizam os apoiadores para irem à Câmara fazer pressão pessoalmente no dia seguinte, na sessão de votação.

20 de dezembro de 2012 – Post anuncia que o vereador Professor Uóston, com apoio de outros 18 vereadores da base governista, apresenta uma emenda ao Projeto de Tombamento, o que provoca o adiamento da votação.

28 de dezembro de 2012 – Post anuncia que a Secretária Municipal de Educação, Claudia Costin, informou à equipe do Meu Rio que a Prefeitura e o Governo do Estado voltaram atrás em seu plano de demolir a Escola Municipal Friedenreich e que a Escola ficará no lugar durante o ano letivo de 2013. O post faz ainda um balanço: 18.000 assinaturas na carta de apoio aos pais. Cerca de 2.200 ações de pressão nos vereadores para aprovação do Projeto de Lei de Tombamento através do site criado pelo Meu Rio. Quase 2.000 cariocas inscritos para vigiar a escola através do site da ação De Guarda.

19 de fevereiro de 2013 – Volta às aulas na rede pública municipal e na Escola Friedenreich. Assunto do post: um dos temas extracurriculares escolhido pelos professores é “Política também se aprende da escola!”.

25 de fevereiro de 2013 – Post anuncia que está publicado o Edital de Concessão do Maracanã, e inclui a demolição da Escola.

10 de abril de 2013 – Posts narram em tempo real a disputa de liminares que poderia suspender a concessão do Maracanã.

7 de maio de 2013 – Post anuncia que Carlos Ehlers, pai de uma aluna, é barrado na Câmara de Vereadores com a justificativa de que ele havia se excedido na votação anterior.

20 de maio de 2013 – É retomada a campanha por assinaturas na carta de apoio aos alunos e pais.

21 de maio de 2013 – Tem início a série de posts “Desculpas esfarrapadas”, que compara explicações dadas por autoridades para a demolição com fatos levantados pela equipe do Meu Rio e que contradizem as “desculpas esfarrapadas”.

30 de junho de 2013 – A página compartilha uma foto cuja fonte é outra página do Facebook, o @MídiaNinja para falar das manifestações no entorno do Maracanã.

18 de julho de 2013 – Post anuncia que uma comissão será recebida pela Secretária Municipal de Educação após uma manifestação na porta da Prefeitura em forma de aula pública com professores e alunos.

23 de julho de 2013 – A página reposta um vídeo produzido e publicado pelo jornal americano The New York Times intitulado “Brazils Seeds of Protest”, sobre as dificuldades dos sistemas de educação e saúde no Brasil em comparação com os investimentos governamentais na organização da Copa do Mundo de Futebol. E inclui a história da Friedenreich (THE NEW YORK TIMES, 2013).

31 de julho de 2013 – Publicação do texto da Nota Oficial da Defensoria Pública da União no Rio de Janeiro, apoiando a permanência da escola no prédio onde funcionava.

1º de agosto de 2013 – Cobertura em forma de posts do ato público em frente ao Maracanã contra as demolições no entorno do estádio.

2 de agosto de 2013 – Post com link para reportagem do jornal Folha de São Paulo afirma que o governador e o prefeito estão reunidos naquele momento decidindo a possibilidade de cancelamento da demolição do complexo de edifícios do entorno do Maracanã. E pede para os apoiadores pressionarem por e-mail, mídias sociais ou telefone, ou através da página Painel de Pressão.⁵¹

5 de agosto de 2013 – Post com reportagem do jornal O Globo sobre a disputa em torno da escola. E post convocando os apoiadores a doarem dinheiro para que os pais dos alunos possam comprar passagem para ir a Brasília se reunir com uma equipe do IPHAN que está avaliando o tombamento dos equipamentos públicos no entorno do Maracanã.

12 de agosto de 2013 – Post anuncia que o Prefeito Eduardo Paes tomba a escola. Chamada para a leitura da notícia no jornal O Globo.

13 de agosto de 2013 – Sem conseguir levantar a verba para as três passagens, os pais da escola vão a Brasília graças à doação da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, que defende o tombamento pelo IPHAN do Parque Aquático Júlio Delamare.

6 de novembro de 2013 – Último post da campanha anuncia que a Escola é tombada pela Câmara de Vereadores em primeira votação.

7 de novembro de 2013 – O Projeto de Lei 20090300469 passa por segunda votação e é aprovado. A Lei 5638/2013 garante a permanência da escola, e determina,

⁵¹ Disponível em: <http://paneladepressao.org.br/campaigns/301>. Acesso em: 12 out. 2020.

no Artigo 2: “Em decorrência do tombamento efetuado por esta Lei, fica vedada, além da demolição da edificação, a transferência definitiva de suas atividades educacionais, admitida a transferência provisória em caso de necessidade decorrente de eventuais obras no Complexo do Maracanã.”

5.2.2 Análise da campanha – Engajamento

A campanha na página do Facebook do Meu Rio começa em 26 de outubro de 2012 com a comunicação do abaixo-assinado contra a demolição. Para este estudo, consideramos o post publicado em 6 de novembro de 2013 como o último da campanha. É o post que anuncia o tombamento da escola pela Câmara dos Vereadores. A partir desta data, outros posts se referem à escola ou usam a hashtag #EscolaNãoSeDestroi, mas não convocam o usuário para a mobilização nem anunciam vitória. Dois posts em 7 e 11 de novembro de 2013 citam pessoas que se oferecem para trabalhar como olheiros dentro da Câmara de Vereadores para acompanhar o processo final de tombamento. E os demais são campanhas institucionais do Meu Rio. O último post que faz referência à escola é publicado em 15 de maio de 2019, anunciando uma manifestação na Candelária, no Centro do Rio de Janeiro, a favor da educação.

Ao longo desse período, a campanha possui alguns momentos de maior engajamento contínuo, e dois grandes picos. Para analisar a campanha e o engajamento ao longo do período, é necessário expurgar essas duas publicações que interferem nos resultados médios. Antes disso, analisamos os dois posts que têm um ponto em comum: ambos trazem textos efusivos sobre vitórias conquistadas. A tabela 2 traz os dados numéricos comparativos entre os posts em destaque e a média de engajamento de todos os posts que compõem a campanha. Estes são os 2 posts divergentes:

Post 1. Publicado em 28/12/2012. É o post com maior engajamento e fala sobre o telefonema da Secretária Municipal de Educação, Claudia Costin, anunciando a manutenção da escola. Ele é publicado 28 de dezembro, um período entre feriados,

quando as mídias sociais tendem a ter menor movimentação. O texto abre com a palavra VITÓRIA, escrita em letras maiúsculas, e seguida de oito pontos de exclamação⁵²

Post 2. Publicado em 05/08/2013. O texto abre com a frase “COMPARTILHE ESSA VITÓRIA!” escrita em letras maiúsculas. Repercute a publicação na página oficial do governador Sérgio Cabral no Twitter que afirma que a escola não será demolida.⁵³

Quadro 2 – Valores comparativos dos 2 posts com mais engajamento x Valores totais x Valores médios x Valores médios expurgados dos 2 posts com mais engajamento

	Publicação	Engajamento Total	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos
Post único	28/12/2012	3.499	1.101	226	2.100
Post único	05/08/2013	3.174	827	112	2.235
Totais (sem expurgo)	26/10/12 a 06/11/2013	40.111	15.655	1.841	23.353
Média (sem expurgo)	26/10/12 a 06/11/2013	208	80	9	120
Média (com expurgo)	26/10/12 a 06/11/2013	175	71	8	99

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados de relatórios do Facebook (2021).

No total, são 195 postagens. A palavra “vitória” é anunciada logo no começo do texto dos dois posts com resultado acima do padrão. Ela se repete neste formato em mais quatro posts. Escrito sempre de forma a comemorar a vitória de forma clara e direta, o que captura o leitor. Os posts que mais mobilizam, na sequência dos dois fora do padrão, alcançam 1.355, 1.195 e 1.181 ações de engajamento. Resultados altos em relação à média, porém abaixo dos dois posts expurgados da média.

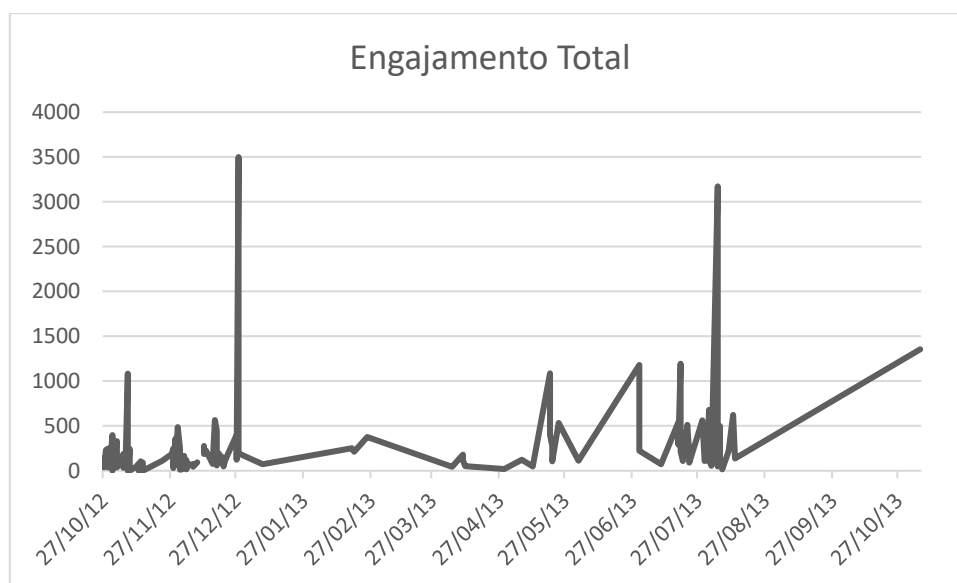
Analisando o engajamento ao longo do tempo (Gráfico 4), a campanha apresenta uma baixa de interesse no período entre o início das férias escolares em janeiro até a segunda quinzena maio de 2013. A exceção é a divulgação do projeto de concessão do

⁵² Disponível em: <https://www.facebook.com/meurio/photos/a.494051650627412/520403507992226>. Acesso em: 05 mai. 2021.

⁵³ Link para o post: <https://www.facebook.com/meurio/photos/a.494051650627412/629775233721719>

Maracanã, em 25 de fevereiro. A partir de maio, o engajamento volta a subir. É nesse período que as manifestações populares em todo o país começam a ganhar corpo chegando ao auge em junho. Essa sobreposição aponta para um entrelaçamento da campanha pela escola e das manifestações contra os investimentos públicos para a Copa do Mundo no Brasil a ser realizada em 2014.

Gráfico 5 – Engajamento total (soma de Curtidas, Comentários e Compartilhamentos) ao longo do período da campanha, expurgados os 2 posts fora do padrão



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados de relatórios do Facebook (2021)

Outro ponto de atenção é o tipo de envolvimento dos usuários engajados. As curtidas são a reação mais simples, basta um clique, e por isso as mais comuns no Facebook. Entretanto, o compartilhamento é o engajamento mais forte na campanha da escola (Gráficos 5 e 6). O que aponta um comportamento inusual para o público das mídias sociais, porém que pode se encaixar no comportamento ativista.

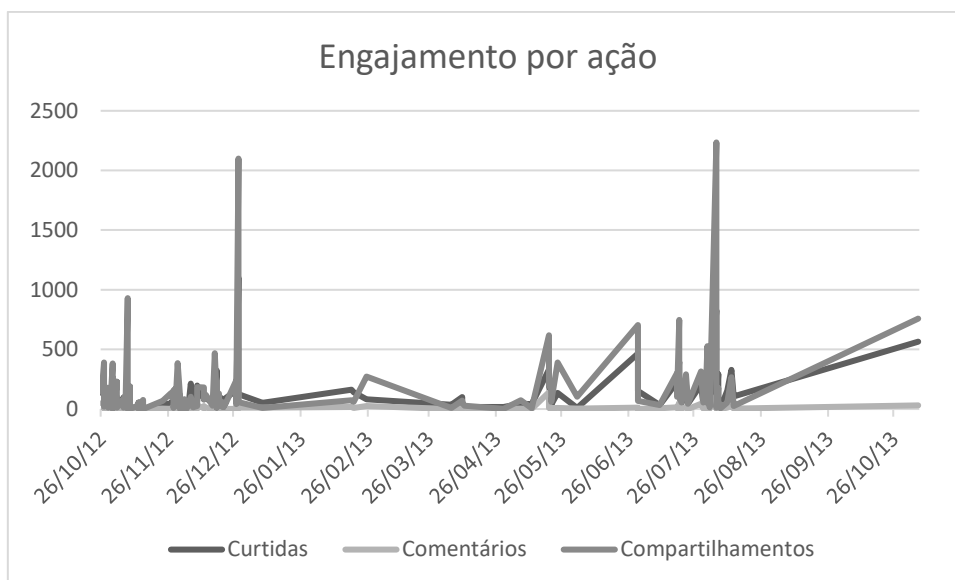
Shirky (2011) acredita que a oferta da tecnologia abre espaço para que as pessoas que passavam tempo consumindo passem a produzir conteúdo e compartilhar. O ato de compartilhar, neste sentido, é intrínseco ao desejo de criar. E, no caso de ações de engajamento político, social, identitário, do ponto de vista ativista, ele é definidor.

Esse fazer e compartilhar é sem dúvida uma surpresa, comparado ao comportamento anterior. Mas o puro consumo de mídia nunca foi uma

tradição sagrada; era apenas um conjunto de acasos acumulados, acasos que estão sendo desfeitos à medida que as pessoas começam a empregar novos mecanismos de comunicação para realizar tarefas que a antiga mídia simplesmente não pode fazer. (SHIRKY, 2011, posição 213).

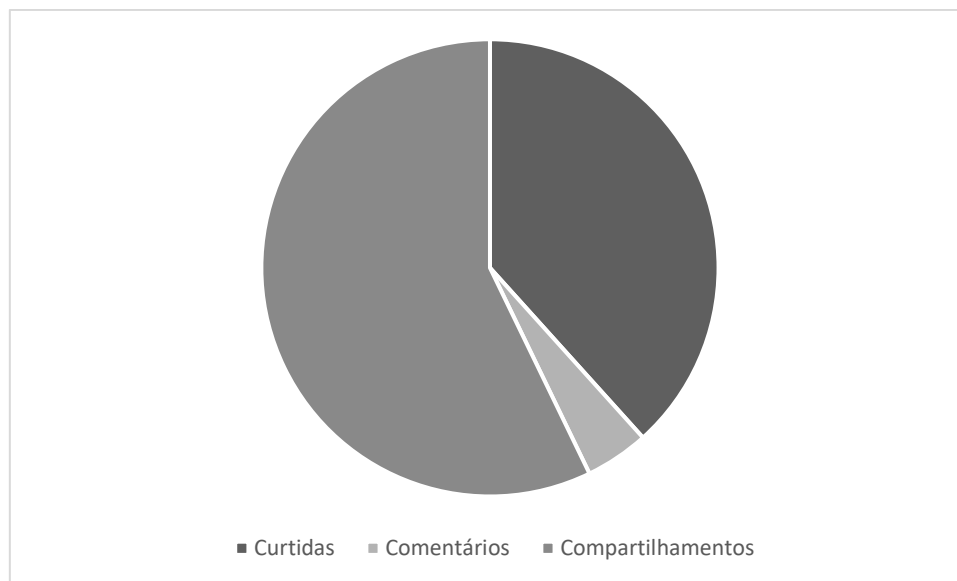
Este estudo não tem o foco de analisar as razões dessa atitude, abrindo essa possibilidade para outros estudiosos do tema.

Gráfico 6 – Engajamento por tipo de ação ao longo do tempo (incluídos todos os posts):
Compartilhamentos x Curtidas x Comentários



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados de relatórios do Facebook (2021)

Gráfico 7 – Engajamento comparativo por tipo de ação (incluindo todos os posts): Compartilhamentos x Curtidas x Comentários



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados de relatórios do Facebook (2021)

5.2.3 Análise da campanha – Estratégias

A campanha #EscolaNãoSeDestroi é construída a partir de uma composição de três linhas estratégicas:

- a) Ações testadas pelo Meu Rio em outras campanhas;
- b) Ações de médio prazo e novas desenvolvidas para esta campanha com base no constante aprendizado das estratégias que trazem resultados e maior engajamento;
- c) Ações ágeis de resposta a notícias negativas vindas do poder público, ou de aproveitamento de oportunidades de mobilização vindas de terceiros.

As estratégias testadas pelo Meu Rio em outras campanhas são postas em prática na defesa da Friedenreich. A ferramenta Painel de Pressão é ativada já no início da campanha, com a criação do abaixo-assinado em defesa da manutenção da escola. Mas não só. A equipe recorre a ela em outros momentos para gerar pressão sobre os atores políticos com poder de decisão. “Pressão” é o termo adotado por ativistas e, para a equipe do Meu Rio, ela se traduz em ações realizadas diretamente sobre esses atores,

através de envio de e-mails, ligações telefônicas, visitas aos gabinetes e, em último caso, manifestações públicas presenciais.

Ao longo da campanha, são divulgados números de telefone de gabinetes de vereadores e deputados estaduais e do gabinete da Secretária Municipal de Saúde. A ferramenta abre a possibilidade de envio de e-mail para os endereços eletrônicos oficiais dos parlamentares. Desenvolvida no início do Meu Rio e posta em prática na campanha da Friedenreich, essa forma de pressão convocada pelas mídias sociais continua sendo hoje, em 2021, uma aliada das causas que o Meu Rio abraça pelo incômodo que gera seja diretamente sobre o político ou sobre sua equipe, como explica Debora Pio: “A gente quer que ele diga ‘pelo amor de deus, para de mandar e-mail que eu estou de saco cheio’. E o que a gente faz não é robô, são pessoas pressionando (...). Na campanha da SuperVia, agora, nem foram muitas pressões. Foram 6 mil e poucas pressões, mas o vice-governador falou ‘ah... o pessoal fica enchendo a minha caixa, atrapalhando minha secretária’. Então a gente percebe que ainda funciona. ‘Isso me atrapalha. Eu não consigo receber os e-mails de vacina’. (...) A ideia é incomodar mesmo”.

E incomodar não só os atores políticos que estão contra a causa, mas também os apoiadores. A página do Meu Rio posta, em 19/12/2012, os telefones dos gabinetes de todos os vereadores que votam a favor do tombamento na primeira votação na Câmara do decreto que prevê o tombamento da escola, em 18/12/2012. O texto do post diz: “Aí pessoal! Liguem para os vereadores que votaram SIM na primeira discussão do Projeto de Lei 469/2009, que protege a Escola Municipal Friedenreich como Patrimônio do Rio. Vamos agradecer pelo apoio e pedir que mantenham o voto favorável na segunda (e última) votação!”. O post tem um engajamento total de 164 ações, sendo 46 curtidas, 7 comentários e 111 compartilhamentos.

Sempre que uma reação urgente surge na pauta, a planejada vai para segundo plano na comunicação e no engajamento. As ações planejadas servem a diferentes objetivos. No início da campanha, em novembro de 2012, a equipe do Meu Rio vai à escola e tira fotos de pais, responsáveis e crianças. Elas são divulgadas na página do Facebook do Meu Rio como posts e em formato de galeria de fotos, geram adesão da própria comunidade, mas tem baixo impacto fora desse ambiente. É um momento em que a campanha ainda está fria, e desacreditada: “Quando a gente dizia ‘olha, não pode ser demolido’, aí vinham: ‘ah, mas é Copa. É Olimpíadas. Ah, mas é Odebrecht.’ Então

tem todo um apelo do capital, as pessoas riam do que a gente falava. As pessoas não acreditavam”, lembra Carolina.

Em outra ação, de outubro de 2012, uma série de 7 imagens são oferecidas para que os simpatizantes façam download e usem para substituir suas imagens no perfil pessoal no Facebook. As imagens trazem textos como “Sou professora”, “Sou professor”, “Sou aluno”, “Sou aluna”, “Sou pai”, “Sou mãe” e “Sou carioca” (Figura 6).



Figura 6 – Reprodução de post publicado em 31/10/2012, parte de uma série que inclui, entre outras, imagens para serem publicadas nas mídias sociais de pais, professores, alunos e alunas

Fonte: Facebook (2018).

A pesquisa aponta que é uma campanha que impacta basicamente o entorno da comunidade escolar. São 7 posts publicados todos no dia 31 de outubro de 2012, com uma média de 109,4 ações de engajamento por post, como pode ser visto no Quadro 2.

Quadro 3 – Valores de engajamento por post

Frase na imagem	Engajamento
Sou professora	399
Sou professor	14
Sou pai	13
Sou mãe	19
Sou aluna	26
Sou aluno	3
Sou carioca	292
Total de ações	766
Média de ações por post	109,4

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Facebook (2018).

As estratégias de médio prazo desenvolvidas especialmente para esta campanha são desenhadas em parceria com a comunidade escolar e, aos poucos, envolvem também as lideranças dos movimentos de preservação dos outros equipamentos públicos ameaçados de demolição. O fato de demandarem planejamento e um nível de complexidade maior não necessariamente reflete um processo de elaboração demorado ou intrincado. Uma das ações que marca a campanha é a Guardiões da Escola (Figura 7), que nasce em um encontro entre comunidade e Meu Rio.



Figura 7 - Reprodução do site Escola Não Se Destrói, acesso através da ferramenta WebArchive

Fonte: Webarchive (2020)⁵⁴.

⁵⁴ Disponível em: https://web.archive.org/web/*/https://www.escolanaosedestroi.meurio.org.br/. Acesso em: 29 nov. 2020.

Em outubro de 2012, com a proximidade das férias, a comunidade escolar teme que o poder público aproveite a ausência das crianças no espaço para desmontar os equipamentos e demolir o prédio. Carolina Martins Araújo Ribeiro, mãe de Juliana Araújo Ribeiro, aluna da escola, conta que, nesse período, são frequentes as reuniões com os envolvidos na campanha: “Professores, alguns pais e, também, o pessoal do Meu Rio. (...) até então a gente não tinha a noção de até onde a gente poderia ir juridicamente falando. Por exemplo, a nossa ideia, antes dos Guardiões, era ocupar a escola. A gente criou ideias de atividades que poderiam ser feitas lá dentro, quais eram os pais que poderiam ficar, as crianças e tal. Mas a gente tinha receio de que isso pudesse terminar de maneira um pouco complicada. Então, dentro dessa reunião, a gente abortou essa ideia da ocupação. E não lembro quem trouxe essa ideia dos Guardiões. Foi uma coisa que, num primeiro momento, enquanto ideia, a gente não sabia se ia dar certo. A gente precisou contar com a colaboração de um casal de idosos que morava em frente à escola. Eles foram lá, conversaram, explicaram a situação, e eles toparam. Então também tinha essa colaboração da comunidade. Nenhuma ideia vai poder ser colocada em prática sem a colaboração de todo mundo. A gente pensava umas ideias e ia conversando, vendo o que poderia de fato dar certo ou não. E contar com a colaboração das pessoas. O que foi bem legal porque foi um processo, uma caminhada.”

Nessa reunião, nasce a ação Guardiões da Escola. Uma câmera conectada à internet é instalada num apartamento, em frente à escola. A imagem é transmitida ao vivo na página Escola Não se Destrói⁵⁵. Neste mesmo site (Imagem 8), os simpatizantes podem se inscrever através do Facebook ou por e-mail em uma ou nas duas categorias: ser vigilante e selecionar horários em que está conectado observando as imagens no site e pronto para dar um alerta caso veja alguma movimentação incomum; ou ser convocado por mensagem de SMS para ir para a frente da escola ajudar a protegê-la contra uma possível tentativa de demolição.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.escolanaosedestroi.meurio.org.br/>. Acesso em: 15 jul. 2020.



Figura 8 - Reprodução de post publicado na página do Facebook do Meu Rio em 29-11-2012

Fonte: Facebook (2012)

Além dos posts na página do Facebook, é enviado um e-mail para a base de mailing do Meu Rio no dia 30 de novembro de 2012 (Anexo B). Um trecho do texto de abertura do e-mail diz: “Montamos uma base online com transmissão de vídeo, em tempo real, na frente da escola e todos os guardiões poderão vigiar a Friedenreich 24h por dia. Se os tratores chegarem, todos serão alertados por SMS pela equipe do Meu Rio”.

Além de explicar a ação, o e-mail traz links para as fontes de informação citadas. No texto complementar, um dado importante, a comemoração de uma vitória parcial: “Nossa mobilização já uniu milhares de cariocas, e está funcionando! Na tarde de terça-feira o Ministério Público comunicou que entrou com uma ação civil pública contra o Governo e a Prefeitura para impedir a demolição da escola”. A campanha Guardiões da Escola recebe 1.954 inscrições para “guardiões”.

O conhecimento gerado e documentado pelo Meu Rio em outras campanhas serve de base para as ações de reação aos eventos externos que vão impondo uma pauta própria, como o anúncio da adesão de alunos de outras escolas e faculdades. Ou as audiências públicas sobre a concessão do estádio pela Assembleia Legislativa do Rio. A equipe frequenta e monitora as duas câmaras legislativas do estado e do município, e as pautas do governador e do prefeito, o Diário Oficial, mantém contato regular com vereadores e deputados. Esse monitoramento permite à equipe do Meu Rio se antecipar aos fatos, promovendo e divulgando nas mídias sociais ações, manifestações,

campanhas de mobilização que visam evitar que projetos contrários à manutenção da escola se tornem realidade.

“A gente trabalha muito com campanhas de resposta rápida”, explica Debora Dantas Pio, Gestora de Comunicação do Meu Rio (Entrevista realizada em 3 de março de 2021 através de plataforma de vídeo Zoom). “A gente chama de resposta rápida porque, colocaram um projeto para ser votado agora, a gente tem uma capacidade muito grande de reagir a isso rápido, de colocar uma campanha de pé em um dia, e aí reagir e falar ‘vai ser votado hoje de tarde, pressiona aí para que a gente consiga resolver esse problema’.”

Em 28/12/2012 a página do Meu Rio no Facebook veicula um post comemorando: “Hoje, a Secretária Municipal de Educação, Claudia Costin, entrou em contato com a gente e nos informou que a Prefeitura e o Governo do Estado voltaram atrás em seu plano de demolir a Escola Municipal Friedenreich durante as férias. A Escola ficará no lugar durante todo o ano letivo de 2013”. Apesar da notícia, a comunidade escolar e o Meu Rio não desmobilizam o programa Guardiões da Escola e passam a defender o tombamento da escola.

Em 25 de fevereiro de 2013 o governo do estado do Rio divulga o edital de licitação da parceria público privada que irá gerir o Maracanã. São 45 páginas detalhando todas as ações que o vencedor da concorrência deve tomar. E os ativistas se surpreendem ao descobrir que a escola é citada em dois trechos do edital⁵⁶:

Artigo 2.4.2 - “A Concessionária terá também o dever de demolir o Presídio Evaristo de Moraes e a Escola Municipal Friedenreich, os quais serão reconstruídos, respectivamente, em terreno no Complexo Penitenciário de Japeri, a ser indicado pelo estado do Rio de Janeiro, e no terreno da E.M. Orsina da Fonseca, localizado à Rua São Francisco Xavier, n.º 95, Tijuca, bem como de recuperar a Edificação situada na rua Mata Machado, n.º 126, Maracanã, Rio de Janeiro.”

Artigo 2.4.4 - “A demolição da Escola Municipal Friedenreich somente poderá ser iniciada após a reconstrução da nova escola e a realocação integral do seu corpo docente e discente.”

⁵⁶ Link para o Edital de licitação da parceria público-privada gestora do Maracanã:
https://drive.google.com/file/d/11cmkLfapcsc_qNYNEu_nGT_40kcPbV8l/view?usp=sharing

O conteúdo do edital anunciando a demolição da escola é uma surpresa. Mesmo desmobilizada, a equipe do Meu Rio é rápida e divulga a análise à divulgação do edital em um post publicado às 21:43, e atualizado às 22:54 que anuncia:

“URGENTE: Saiu o Edital de Concessão do Maracanã!
<http://www.rj.gov.br/web/casacivil/exibeconteudo...>

“A equipe do Meu Rio está lendo para entender melhor a proposta pro Complexo do Maracanã. Mas já seguem as primeiras informações:

“- Está prevista a demolição da Escola Municipal Friedenreich. O artigo 2.4.4 indica que a demolição da Escola somente poderá ser iniciada após a reconstrução da nova escola e a realocação integral do seu corpo docente e discente. Mas o Edital não prevê que a construção da nova escola será paga pela concessionária (como faz com outros equipamentos). Ou seja, tudo indica que os custos da construção da nova escola serão pagos pelo poder público (quando a atual escola está em perfeitas condições, é uma das escolas com melhor infraestrutura da rede e passou recentemente por uma reforma paga pelos cofres públicos). É muito importante lembrar que antes da mobilização pela Escola, o plano era demolir a Friedenreich nas férias e pulverizar seus alunos em salas improvisadas de outras unidades de ensino. Essa mudança já é uma conquista de todos que se mobilizaram! Aguardem que amanhã buscaremos mais informações, teremos uma reunião com a Comissão de Pais da Escola e voltaremos com novidades.”

“- O Edital prevê a recuperação do antigo Museu do Índio (trata-se do imóvel na Rua Mata Machado mencionado no documento). Mas não determina a sua função.

“- O Edital prevê a demolição do Parque Aquático Júlio Delamare e do Estádio de Atletismo Célio de Barros e a reconstrução, paga pela concessionária, onde atualmente funciona o Presídio Evaristo de Moraes e no imóvel situado à Praça Professora Alice Brasil, número 1, Maracanã.

“- A concessão do Complexo é de 35 anos. A expectativa é que a concessionária tenha custos (com demolições, reconstruções e construções) de 594.162.148,71 reais. Além disso, por 34 anos a empresa vencedora terá que realizar o repasse de R\$ 4,5 milhões. Assim, terminado este prazo, o Estado do Rio de Janeiro terá recebido R\$ 153 milhões, ou por volta de 15% do montante que o poder público está gastando na reforma do Maracanã, atualmente orçada em cerca de R\$ 1 bilhão.

“A leitura está rápida, se conseguirem achar mais informações, vão adicionando nos comentários. Vamos alterando a imagem enquanto analisamos por aqui! Viva o control+f! DIVULGUEM!”

O post reconhece a dificuldade de análise do documento e pede ajuda aos simpatizantes. O post os mobiliza também para compartilhar a notícia em suas redes pessoais. São 271 compartilhamentos. Entre os 198 posts que compõem a campanha, apenas 18 conquistam mais compartilhamentos do que este. É um momento crítico que exige mobilização e o Meu Rio age rapidamente ativando os simpatizantes através da página no Facebook.

5.2.4 Análise da campanha – Objetivos

As ações na página do Facebook têm diferentes funções dentro da campanha. Elas podem ser ações que nascem e morrem dentro do ambiente virtual, ou podem ter conexão com ações no mundo físico. Este estudo identifica 6 funções recorrentes dentro da campanha, como demonstrado no Quadro 3.

Quadro 4 – Análise das 6 funções dos posts da campanha e exemplos

(continua)

Funções	Exemplo de post	Objetivo do post	Link do post
1. Atrair simpatizantes para a causa	Fotos de 3 alunos segurando um quadro negro com os dizeres “Eu tô com a Escola Municipal Friedenreich”	Gerar empatia de usuários do Facebook com a causa através da força da imagem das crianças em seus uniformes	https://www.facebook.com/meurio/photos/a.494051650627412/493062650726312
2. Gerar buzz nas mídias sociais	Criação de imagens para postagem por cada ator da comunidade escolar	Ativar as redes de amigos dos professores, servidores, alunos, pais e apoiadores	https://www.facebook.com/meurio/photos/a.494423043923606/494423130590264/
3. Criar reputação através da imprensa	Compartilhamento de reportagem da Folha de São Paulo sobre a campanha	O post trata da reportagem como um reconhecimento do esforço de todos e uma vitória a ser comemorada	https://www.facebook.com/meurio/photos/a.494051650627412/495237433842167
4. Provocar ações de pressão sobre os atores políticos	Compartilhamento de telefones dos vereadores para pressão contra emendas ao projeto de tombamento	Divulgar os números de telefone dos gabinetes faz dos simpatizantes coautores da Pressão	https://www.facebook.com/meurio/photos/a.494051650627412/516245591741351
5. Comunicar conquistas e ameaças	Divulgação do telefonema da Secretária de Educação anunciando a manutenção da escola (<i>informação que depois se provou incorreta</i>)	Comemorar a vitória. O post que começa com "VITÓRIA!!!!!!!" é o mais compartilhado em toda a campanha: 2.100 compartilhamentos contra uma média total de 117	https://www.facebook.com/meurio/photos/a.494051650627412/520403507992226

Quadro 4 – Análise das 6 funções dos posts da campanha e exemplos

(conclusão)

Funções	Exemplo de post	Objetivo do post	Link do post
6. Convocar para ações presenciais e on-line	Campanha de financiamento coletivo. Meta: R\$ 1.470,00 em 2 dias.	Ativar os simpatizantes para doar e levantar fundos para alugar 2 ônibus que levam as crianças para a audiência pública do Maracanã. A campanha é bem-sucedida	https://www.facebook.com/meurio/photos/a.494051650627412/496527647046479

Fonte: Facebook (2018).

As funções estão conectadas com as estratégias que vão sendo desenhadas e redesenhadas conforme o momento. O foco de toda a campanha se mantém durante todo o período: garantir a permanência da escola. O caminho percorrido não é como um avançar de casas em linha reta. Há vários retrocessos, como quando a Secretária Municipal de Educação comunica a decisão de manter a escola onde está, e depois é desmentida pelo edital do Maracanã. A partir daí, a comunidade escolar não só deseja a manutenção da escola como o seu tombamento, para garantir sua sobrevivência a futuras ameaças.

As ações mediadas por tecnologia, sejam on-line ou por telefone, e as ações presenciais, como manifestações e visitas a deputados e vereadores, se unem na rede da campanha à imprensa tradicional. Isso evidencia uma prática do Meu Rio já analisada no item 5.2 deste texto.

5.2.5 Vitória ou derrota?

Em dezembro de 2012, a comunidade escolar articulada junto com o Meu Rio pede a aprovação do Projeto de Lei 469 (RIO DE JANEIRO, 2009) que prevê o tombamento da escola. Entra em ação novamente o Painel de Pressão. No site criado através da ferramenta (Figura 9), o usuário pode escolher enviar e-mail diretamente para o endereço oficial de um vereador ou para 38 vereadores da cidade do Rio que ainda

não se posicionam a favor da escola. O site oferece um texto pré-escrito, mas ele também pode ser editado pelo usuário.

PANELA DE PRESSÃO

O que é | Descubra | Crie agora

Os alunos da Friedenreich não têm para onde ir: vereadores, votem a favor do tombamento da escola e impeçam a demolição!

Educação

A Campanha | Recortes das Áreas | Comentários | Twitear

2.214

Escolha uma das opções abaixo para pressionar diretamente os responsáveis:

PRESSIONE NO TWITTER

INSIRA SEUS DADOS

Nome:

E-mail:

PRESSIONE POR E-MAIL

Pressionados (38)

Adilson Pires (PT)

Alcides Fretes (PSD)

Argemiro Pimentel (Sem partido)

Benedirino (PTC)

Carlos Roberto Mesquita (PSD)

Atualização: A Secretária Municipal de Educação, Cláudia Coltri, entrou em contato com a gente e nos informou que a Prefeitura e o Governo do Estado voltaram atrás em seu plano de demolir a Escola Municipal Friedenreich durante as férias. A Escola ficará no lugar durante todo o ano letivo de 2013.

Essa é uma vitória dos mais de 20.000 caridosos e dos coletivos, grêmios e associações de luta por mais respeito à Educação no nosso município. Temos agora mais um ano pela frente pra garantir que pais, alunos e professores (diretamente impactados) tenham suas vozes ouvidas no processo de decisão sobre o futuro da Friedenreich.

Continue pressionando para garantirmos que a escola ficara pra sempre onde está há 50 anos!

Situada no Complexo de Mercedes, a Escola Municipal Friedenreich, destaca melhor escola do Brasil no IDEB, está ameaçada de demolição! Os pais dos alunos de escola estão desesperados, pois procuram o diálogo com o poder público desde 2005, quando tiveram a notícia de demolição, sem terem obtido qualquer resposta ou comunicação.

Agora, no final do ano letivo, o Governo e a Prefeitura querem demolir a escola às pressas, sem um local pronto para receber os alunos, para construir uma quadra de aquecimento para a Copa do Mundo.

O projeto de lei 469/2009, do vereador Carlo Calado, prevê o tombamento de escola, pois entende que existe interesse educacional e social na permanência da Friedenreich onde atualmente está. Se esse projeto for aprovado, a escola não poderá ser demolida. Por isso, o Meu Rio e a Comissão de Pais de Alunos da Escola Municipal Friedenreich convocam os caridosos a pressionar os vereadores a votar SIM no PL.

Figura 9 - Imagem do Painel de Pressão⁵⁷

Fonte: Webarchive (2020).

⁵⁷ Disponível em: https://web.archive.org/web/2013*/http://paneladepressao.org.br/campaigns/175. Acesso em: 11 dez. 2020.

Em 11 de dezembro de 2012, pais de alunos da escola vão à Câmara conversar com vereadores e pressionar para que o tombamento entre na pauta de votação. O Meu Rio registra com fotos e posta em sua página do Facebook, no dia seguinte. Em 13 de dezembro, eles retornam e o Meu Rio posta foto da visita no mesmo dia, com o nome de todos os vereadores que se comprometem com o tombamento. E o texto do post alimenta os simpatizantes para que continuem a enviar e-mails com o seguinte trecho no texto do post: “Os parlamentares comentaram sobre os milhares de e-mails recebidos e falaram que a Friedenreich é tema quente na Casa!”. Soma-se à página do Facebook o envio de e-mail para a base de apoiadores, que busca ativar os simpatizantes à causa a divulgarem o link da Panela de Pressão.

Além disso, a campanha convoca os simpatizantes a irem à Câmara de Vereadores acompanhar os dois dias de votação. O post na página do Meu Rio no Facebook traz instruções claras: “A votação é às 16hrs, mas CHEGUEM CEDO, pois as galerias são pequenas e o espaço é ocupado por ordem de chegada. Levem RG e homens tem que ir de calça!” (18/12/2012). O tombamento é aprovado na primeira sessão. Na sequência, dois posts no Facebook do Meu Rio, publicados nos dias 19 e 20 de dezembro, divulgam telefones de gabinetes de vereadores. No dia 20 de dezembro, quando está marcada a segunda sessão para aprovação do PL, a votação é suspensa e adiada devido a uma emenda apresentada pelo vereador Professor Uóston, com apoio de outros 18 vereadores da base governista, dos quais 9 haviam votado a favor do tombamento na primeira votação.

A informação detalhada está no post publicado em 20 de dezembro:

“Galera, segue um resumo do que rolou hoje na Câmara Municipal: Ontem estávamos tentando descobrir que tipo de mobilização a chamada "base governista" (bloco de vereadores que votam de acordo com os interesses do poder executivo) faria em relação à votação em 2ª discussão do PL 469/09 de tombamento da Friedenreich. Descobrimos então que eles apresentariam uma emenda ao projeto. Qual o efeito disso? O adiamento da votação. Por quê? Pois quando um projeto recebe uma emenda, ele obrigatoriamente deve voltar às Comissões respectivas para receber pareceres. Hoje, ao chegar na Câmara, descobrimos que uma emenda de fato havia sido protocolada, por um vereador chamado Professor Uóston, com apoio de 18 vereadores. Destes apoiadores, 9 haviam votado "sim" na 1ª votação do PL. São eles: Dr. Eduardo Moura,

Dr. Jorge Manaia, Israel Atleta, João Mendes de Jesus, Marcelo Piuí, Nereide Pedregal, Roberto Monteiro, Rubens Andrade e Tania Bastos. A partir de então as galerias lotadas começaram a exigir pela única solução possível para que a votação de fato ainda ocorresse hoje: que o autor da emenda pedisse a sua retirada. Infelizmente isso não ocorreu. Além da não votação do PL da Friedenreich, os vereadores hoje votaram o orçamento municipal (rejeitando todas as emendas propostas), bem como muitos outros projetos de interesse do poder Executivo (como o PLC de criação do campo de golfe na APA de Marapendi, com emendas complexas apresentadas poucos minutos antes da votação). Se por um lado nosso objetivo principal não foi alcançado hoje, com certeza atingimos um objetivo colateral: mostramos aos vereadores que o povo está de olho e está presente! A pressão foi muito grande e muitos vereadores elogiaram nossa presença em peso. Apesar dessa luta no legislativo ter sido frustrada (pelo menos para este ano), nossa votação histórica na 3ª feira colocou a campanha pela escola em evidência na mídia e dentre todos os vereadores. E é essencial lembrarmos que ainda temos muitas outras frentes de batalha abertas! A luta não pode parar! Enquanto aguardamos novidades e novas oportunidades de mobilização, garanta seu cadastro como um dos guardiões da Escola Municipal Friedenreich: <http://deguarda.meurio.org.br/>! Nossa luta está longe de ser vencida!”

Os ativistas não podem comemorar a conquista do tombamento, mas isso não necessariamente é entendido como derrota pela forma como a equipe do Meu Rio analisa os resultados de suas campanhas. Como está no post de 20 de dezembro: “Se por um lado nosso objetivo principal não foi alcançado hoje, com certeza atingimos um objetivo colateral: mostramos aos vereadores que o povo está de olho e está presente! A pressão foi muito grande e muitos vereadores elogiaram nossa presença em peso. Apesar dessa luta no legislativo ter sido frustrada (pelo menos para este ano), nossa votação histórica na 3ª feira colocou a campanha pela escola em evidência na mídia e dentre todos os vereadores.”

Falando de outra campanha – em prol da manutenção do preço das passagens dos trens pela operadora SuperVia no Rio de Janeiro no início de 2021 -, Debora Pio diz: “Às vezes, a gente faz apostas grandes, pretensiosas. Mas a gente entende também que a estratégia daquela campanha não é necessariamente conseguir aquela vitória. É trazer o assunto à tona. Por exemplo: a campanha da SuperVia que a gente fez agora,

em janeiro. A gente sabia que eles iam aumentar a passagem de toda a forma, mas a gente começou a falar ‘não aumenta, não aumenta, não aumenta’ e ganhou visibilidade, passou no RJTV, e eles aumentaram só R\$ 0,30 ao invés de aumentar R\$ 1,20. No fundo a gente sabia que ia aumentar de toda forma, a gente só não queria que aumentasse o valor cheio. Às vezes a estratégia final é mais trazer à tona o problema do que resolvê-lo.”

Neste sentido, na ação pelo tombamento da escola em dezembro de 2012, pela lógica do ativismo do Meu Rio, pode-se tomar como vitória a mobilização refletida nos simpatizantes lotando a área de convidados no plenário da Câmara dos Vereadores na primeira votação, os 2.214 e-mails enviados para gabinetes de vereadores, as reportagens publicadas pela imprensa tradicional, e o engajamento dos ativistas nas mídias sociais, mesmo com o adiamento da sessão por manobra dos vereadores governistas.

Em 7 de novembro de 2013 é aprovado pela Câmara e Vereadores o Projeto de Lei 20090300469, que se torna a Lei 5638/2013, que garante a permanência da escola através de tombamento. Depois de tantas idas e vindas, a comunidade ainda duvida, como testemunha Carolina: “Nesse caminho teve idas e vindas, e a gente nunca sabia de fato se podíamos acreditar, se aquilo iria ser mantido. Eu demorei um pouquinho para acreditar”.

5.2.6 Análise: Sair do muro, proteger o coletivo

O Meu Rio atua como articulador do movimento. “Sem o Meu Rio a gente não estaria mais lá. Porque ser político é ser estrategista. Ele ajudou a gente a bolar estratégias, e ajudou a gente a se articular como comunidade escolar, como escola”, garante Guilherme. O Meu Rio traz para a ação e para a comunidade escolar o conhecimento de como se move a máquina política e administrativa, abre acesso às casas legislativas e à imprensa, e opera a mobilização via internet.

O trabalho de monitoramento regular, o contato constante com vereadores e deputados, a busca treinada na leitura do Diário Oficial são ações corriqueiras da equipe do Meu Rio que colaboram na compreensão de como funciona a máquina do Estado. É a tradução da defesa do Meu Rio da participação do cidadão junto à administração

pública, seja como parceiro a ser ouvido, seja como ativista a fazer pressão. E a pressão precisa também de estratégia, para articular as campanhas em mídias sociais e o apoio da imprensa e de formadores de opinião para gerar visibilidade. No fim, tudo se direciona para um único ponto de contato: a pressão sobre os decisores, neste caso o governador e o prefeito.

“A gente tinha vontade, a gente tinha a certeza do que deveria ser feito, mas existiam dois grandes impedimentos: saber de que forma. A gente sempre tentou pela via jurídica. Que é uma forma importante. Mas a pressão popular, a visibilidade da pauta, ela foi fundamental”, diz Carolina, que traz um outro aspecto da participação do Meu Rio na campanha, um aspecto subliminar: “(...) acho que além de mostrar essas ferramentas, acho que essa questão de acreditar junto, ‘olha vamos juntos, vamos tentar dessa forma, eu acredito no que vocês estão querendo, eu acho justo, eu acho que todo mundo deve saber, eu acho que tem outras pessoas que vão acreditar com vocês’. Isso também foi de uma importância imensa”.

A sensação de gritar ao vento de Carolina não é só dela. Guilherme desabafa: “O Eduardo Paes, por exemplo, chamou os protestos contra a demolição da escola de demagogia. Isso foi em novembro de 2012. Imagina isso para a gente. Nessa época eu já estava servidor, eu já tinha tomado posse. Eu que fui manifestar e tomei tiro de bala de borracha, bomba de gás lacrimogêneo. E uma vez eu estava parado no palácio do governador, em Laranjeiras, e parou um senhor com um carro muito bonito e me chamou de vagabundo. Ele falou que eu estava fazendo vagabundagem porque eu estava defendendo uma escola. Isso não era motivo para eu estar fazendo, já que a escola seria demolida e construída em outro local bem melhor, com melhor infraestrutura. Mas ele não estava vendo o que nós, servidores, membros da comunidade escolar, estávamos tentando mostrar para a população, que aquele projeto de demolição da escola visava simplesmente o lucro, era só isso”.

Mesmo apoiados entre si, pais, professores e servidores não sentem, durante o processo, o reconhecimento de sua causa. O Meu Rio traz o conhecimento de como se move o Poder Público, a experiência de ações anteriores via mídias sociais e sites de pressão, e a capacidade de articular a causa da Freidenreich com os demais movimentos que a circundam naquele momento. Tudo isso é fundamental, mas é importante também o papel do reconhecimento externo que o Meu Rio traz para a causa, na fase inicial,

aglutinando a comunidade escolar e colaborando na construção da resiliência necessária para conquistar o tombamento, meses depois, enfrentando a fase de sustentação. O apoio do Meu Rio colabora nas duas fases do movimento de ativismo identificado por GERBAUDO (2012): “we can see the choreography of assembly as fundamentally involving two different moments: the symbolic *condensation* of people around a common identity and their material *precipitation* in public space”⁵⁸.

A coreografia cocriada pela equipe do Meu Rio e a comunidade escolar gera troca na internet, atraindo o apoio de cidadãos conectados à internet. A defesa de uma escola com cerca de 350 alunos engaja em um único post 3.499 ações de usuários do Facebook. É uma troca que se aproxima também do diálogo buberiano.

“Flusser believed that dialogue is the purpose of existence. The sense of responsibility inherent in the dialogic relationship between speaker and addressee offers the speaker an opportunity to give his or her own life meaning in the face of entropy and death. A society of individuals responsible for one another is fashioned out of a net dialogue”⁵⁹ (STRÖHL, 2007).

A ameaça de demolição da Friedenreich surge num momento de intensa participação popular em confronto com a política tradicional dos partidos. É o período que precede a explosão das manifestações de rua de 2013 no Brasil. “(...) the June 2013 protests stand out in that they focused on issues facing everyday residents of the working and middle classes, and they highlighted endemic urban issues such as inequality and poor infrastructure”⁶⁰ (VICINO, 2017, p. 1). Conforme o movimento popular se radicaliza, acaba por desembocar nas manifestações que passam a ser identificadas pelo bordão “Não vai ter Copa”, numa menção à planejada Copa do Mundo de 2014.

⁵⁸ “podemos ver a coreografia da assembleia fundamentalmente envolvendo dois momentos distintos: a condensação simbólica das pessoas em torno de uma identidade comum e sua precipitação material no espaço público”

⁵⁹ “Flusser acreditava que o diálogo é o propósito da existência. O senso de responsabilidade inerente à relação dialógica entre falante e destinatário oferece a quem fala uma oportunidade de dar sentido à sua própria vida diante da entropia e da morte. Uma sociedade de indivíduos responsáveis uns pelos outros é formada a partir de um diálogo em rede”

⁶⁰ “(...) os protestos de junho de 2013 se destacam por se concentrarem em questões enfrentadas cotidianamente pelos moradores das classes trabalhadora e média, e destacaram questões urbanas endêmicas, como desigualdade e infraestrutura precária”.

Pais, crianças, professores, funcionários e simpatizantes realizam atos dedicados à escola, mas também participam de atividades convocadas pelas lideranças dos movimentos de manutenção dos demais equipamentos do complexo do Maracanã ameaçados de demolição. E vão às manifestações públicas que, aos poucos, se avolumam e desembocam no movimento de junho de 2013. São considerados lideranças importantes, convidados a falar ao microfone, a expor a situação da escola.

As lideranças sobem aos carros de som sem ter traquejo político, sem experiência de ativismo. Carolina e Guilherme contam que entram pela primeira vez na Assembleia Legislativa e na Câmara de Vereadores por conta da campanha da escola. “A partir do momento em que a gente começou a entender e a frequentar esses espaços, a gente começou a entender o posicionamento do Legislativo. Aquilo não era uma coisa de fora, é nosso. A nossa participação, a nossa entrada ali, não é uma entrada de favor, não é uma coisa, a gente pode e deve frequentar”, defende Carolina.

Com a articulação do Meu Rio, a campanha ganha nome (#EscolaNãoSeDestroi), estratégia e ferramentas. A conversa migra para o ambiente digital, mas também para o ambiente presencial fora da escola: os corredores dos palácios onde estão os decisores do executivo e do legislativo municipal e estadual e a rua. A fala de Carolina resume esse movimento de pressão: “Mesmo aquele vereador que a gente sabia, de direita, que está junto com o capitalista, a gente passava lá e: ‘Vereador, olha a votação, vamos conversar, vamos se comprometer’. E aí no dia a gente estava lá olhando na cara dele. Se ele tinha honrado o compromisso que a gente tinha conversado.”

Conforme a campanha cresce e repercute, atrai também o olhar controlador do executivo estadual e municipal, como conta Guilherme: “Tinha situações em que a gente marcava encontros presenciais nas redes sociais e, quando a gente chegava nesse encontro, (...) já tinha policiais esperando a gente chegar. O local já estava cercado. Eles acompanhavam a gente pelas redes sociais”.

“Teve um ato que a gente fez na Prefeitura, só nossa escola, nós levamos os alunos para o centro administrativo e fizemos uma aula coletiva sobre política, o que era política, o que era democracia, para os nossos alunos. Nesse dia, os guardas municipais se demonstravam muito agressivos com a gente, mas a gente não saiu da nossa manifestação e a gente continuou até o término do ato. E ali para a gente foi uma

demonstração de força muito grande e apoio da sociedade”, lembra Guilherme. “Eles tiravam foto e já sabiam quem era quem, as pessoas estavam marcadas. Quem participava muito tinha a sua carinha lá com eles”, expõe Carolina que diz que o medo a acompanha nesse período de participação intensa, e deixa seu marido preocupado e gera atritos, apesar de ela dizer que o marido apoia a causa.

O medo passa a ser uma constante nas manifestações em 2013. A mobilização inclui a participação dos alunos em ações como a aula pública em frente ao Centro Administrativo da Prefeitura, a ida à Assembleia Legislativa para acompanhar a Audiência Pública sobre a concessão do Maracanã e outras ações, mas aos poucos as crianças deixam de ser convocadas, especialmente para atos públicos. “Não havia nem há até hoje qualquer preocupação com a integridade física das pessoas. Então não havia limite em jogar bomba e avançar onde tivesse criança”, lembra Carolina.

Quem participa dos movimentos, sai modificado. Independentemente de avaliação moral, - para melhor, para pior -, a comunidade escolar engajada descobre que pode frequentar as casas legislativas, que pode engajar via mídias sociais, que é capaz de produzir imagens técnicas para interferir no programa e se aproveitar do programa.

O legado para a escola, além da sua própria sobrevivência, é também uma imagem associada a ativismo, a movimentos de esquerda. “O responsável veio para nossa escola fazer matrícula e disse que nossa escola era de esquerda, uma escola que formava comunistas, que não iria deixar o seu filho ali. Ele foi encaminhado da creche para o primeiro ano. ‘Eu não quero deixar meu filho aqui porque essa escola é comunista, eu lembro o que aconteceu aqui, e só tem esquerdista doutrinador.’ A escola ficou com essa identidade”, conta Guilherme.

Mas ele também destaca uma história oposta a essa: “Esse vínculo identitário está relacionado ao processo da escola. Porque quem passou por aquele processo adquiriu experiências que são únicas. E essas experiências muitos querem voltar a ter. De que forma? Voltar a frequentar aquele ambiente, experimentar aquele espaço. A Friedenreich virou um espaço de resistência. (...) Uma vez passou uma pessoa dizendo que tinha um filho de 2 anos, disse que tinha estudado lá em 2009, e queria colocar o filho para estudar ali também. ‘Porque eu passei por aquele processo desde o início de incerteza de demolição, e eu adquiri experiências maravilhosas, experiências políticas, porque a escola saiu do seu muro para tentar de alguma forma proteger o coletivo’.”

Ao extrapolar o muro da escola, a comunidade escolar abre conversas com a sociedade civil, com o poder público, com os outros movimentos sociais e políticos da época. Onde reina o discurso, a comunidade escolar luta para criar espaço propenso à troca. Para o diálogo - a relação buberiana do EU-TU - é preciso abertura, escuta, interesse, mesmo que seja só de um lado. Os pais da Freidenreich doam essas características para as conversas que têm com qualquer um que deseje falar sobre o assunto, seja presencialmente ou nas redes. Eles operam de dentro do programa do mundo histórico, da política tradicional; e de dentro do programa do aparato, da lógica matemática das redes. Abrem o espaço para a possibilidade de surgimento do diálogo a partir das ferramentas que o Meu Rio lhes oferece. Jogam o jogo de dados criado pelo aparato, com seus resultados limitados pelo algoritmo, mas usam esse jogo de forma subversiva, subvertem a razão de ser do jogo.

Esse caminho subversivo é eficaz? Não necessariamente, talvez sim. A Escola Municipal Friedenreich não tem o mesmo fim que o Estádio de Atletismo Célio de Barros, também parte do complexo do Maracanã. O Estádio vira canteiro durante as obras de revitalização do Maracanã e, depois, parte dele, estacionamento. Só é reaberto para competições em 2019. A manutenção da escola em seu prédio de origem importa para os cerca de 350 alunos inscritos em 2012 e 2013. Estar ou não ali é vitória ou derrota. Desta vez, é vitória. Os envolvidos acreditam que a campanha digital é fundamental para esse resultado. Mas outros fatores podem ter contribuído. O resultado não é o objeto desse estudo, mas o processo e o impacto sobre a escola e a comunidade escolar. A mobilização, a divulgação e a pressão da campanha são um exemplo de um novo modo de subverter de dentro do programa a partir de uma liderança soft, dentro do conceito construído por Gerbaudo para sua coreografia.

Retomando Flusser, o engajamento político estaria superado. Ele defende que o engajamento atual é intersubjetivo e supera a política à medida que a suprime e conserva em si (2015).

5.3 REDE NOSSAS

O site da Rede Nossas⁶¹ traz a seguinte definição: “Nossas é uma organização que impulsiona o ativismo democrático e solidário no Brasil”. Criada em 2016, a Rede Nossas nasce num momento em que o Meu Rio já está articulado com outros movimentos e que oferece ferramentas para amplificar a atuação de ativistas sejam geolocalizados ou engajados em causas temáticas. Na página do Facebook da Nossas⁶², criada em 1 de agosto de 2016, a descrição no Sobre explica: “O NOSSAS surgiu em 2016, a partir da necessidade de uma casa que comportasse os projetos que a gente vinha desenvolvendo e que já tinham um lugar no mundo, como o Meu Rio, Minha Sampa, Rede Nossas Cidades, Mapa do Acolhimento e BONDE”. Em outro trecho, chama a atenção para a importância do ativismo digital dentro do espaço de mobilização: “A gente organiza pessoas, desenvolve metodologias e tecnologias para mobilização”.

A expansão do Meu Rio se inicia pela lógica de reprodução do modelo de foco local, municipal, e de causas que possam trazer resultados a curto prazo e com grande mobilização a partir de ações on-line, presenciais e em rede com outras organizações. A primeira ONG que nasce no mesmo modelo é a Minha Sampa, constituída dentro da estrutura do Meu Rio. É o primeiro passo para a formação da Rede Nossas Cidades, que antecede a troca de nome para Rede Nossas. Neste primeiro momento, a intenção da direção do Meu Rio é replicar o modelo de atuação local para outras cidades. No curso desse estudo, em fevereiro de 2021, a rede é composta pelas organizações Meu Rio (RJ) e Minha Sampa (SP), com estrutura e financiamento comum; e as independentes Meu Recife (PE), Minha Porto Alegre (RS), Minha Campinas (SP), Minha Jampa (João Pessoa, PA), Minha Campina (Campina Grande, PA), Minha Garopaba (SC), Minha Igarassu (PE) e Minha Ouro Preto (MG), com financiamento próprio e, dependendo da organização, apoio financeiro da Nossas.

O conhecimento acumulado ao longo das campanhas do Meu Rio e, depois, da Minha Sampa fica disponível para grupos de ativistas de outras cidades através de sites sobre cada uma das ações realizadas, documentação como manuais, além de palestras e

⁶¹ Disponível em: <https://www.nossas.org/>. Acesso em: 02 dez. 2020.

⁶² Disponível em: <https://www.facebook.com/nossasorg>. Acesso em: 02 dez. 2020.

encontros regulares, incluindo um encontro anual presencial com todas as lideranças locais (exceto em 2020, quando o encontro ocorre pelo meio digital em função da pandemia da Covid-19). “A gente tem um encontro anual da rede. Desde 2016 que a gente faz esses encontros anuais. Acho que um pouquinho antes porque as outras ONGs da rede começaram em 2015. O último foi aqui na Paraíba”, conta Jerlan Alves da Silva, cofundador e gestor da Minha Jampa (Entrevista realizada via plataforma de vídeo Zoom em 26 de fevereiro de 2021).

Para além da atuação geolocalizada, a Rede Nossas recebe demandas de ativistas de causas temáticas. E então a Rede Nossas Cidades se transforma na Rede Nossas. A primeira ação que extrapola a atuação geolocalizada e que é abraçada pela equipe é o Mapa do Acolhimento, que possui estrutura própria e se dedica ao acolhimento de mulheres vítimas de violência. Mas a rede se estende ainda para ações dos ambientes LGBTQIA+, Direitos Humanos e Segurança Pública, incubando projetos temáticos que podem se desenvolver e ganhar independência.

No site da Rede Nossas⁶³ os resultados são apresentados em forma de números: 1,6 milhão de pessoas mobilizadas em ações realizadas pela rede, mais de 200 campanhas, mais de 120 mudanças de políticas públicas, mais de R\$ 3,4 milhões em financiamentos coletivos para diferentes causas, mais de 26 mil doadores e mais de 5,4 mil voluntários.

5.3.1 Ações da Rede Nossas

A seguir uma lista selecionada de campanhas, programas, projetos desincubados e ferramentas digitais divulgadas pela Rede Nossas em seus sites.

⁶³ Disponível em: <https://www.nossas.org/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

5.3.2 Exemplos de campanhas da Rede Nossas ativas em fevereiro de 2021

Programa Jovens Mobilizadores⁶⁴ – Mentoria on-line e gratuita que ensina técnicas de ativismo e mobilização para jovens de 14 a 18 anos;

Restinga e Mangue Ficam⁶⁵ – Petição on-line com mais de 180 mil assinaturas entregue ao Supremo Tribunal Federal contra a derrubada de resoluções do Conselho Nacional do Meio Ambiente que deixa de preservar esses biomas;

Auxílio para a saúde⁶⁶ – Campanha por indenização dos familiares de profissionais da Saúde ou atividades auxiliares que faleceram no combate à Covid-19.

5.3.3 Exemplos de programas da Rede Nossas ativos em fevereiro de 2021

Nossas Cidades⁶⁷ – Rede de ativismo independente. As estruturas do Meu Rio e da Minha Sampa ficam dentro da estrutura da Rede Nossas. No site da Minha Sampa (<https://www.minhasampa.org.br/>, acessada em 21/02/2021), o texto publicado explica: “A Minha Sampa acompanha e fiscaliza diariamente o que o poder público está fazendo na cidade. Sempre que uma oportunidade de ação urgente é identificada, avisamos imediatamente os nossos membros para agirmos junto - e rápido! Somos independentes e apartidários. E nos orgulhamos de sermos independentes: não aceitamos dinheiro de governos, partidos, empresas públicas ou construtoras. Nosso compromisso é com os sonhos de milhares de paulistanas e paulistanos que querem viver em uma cidade melhor!”

Mapa do Acolhimento⁶⁸ – Rede de solidariedade que acolhe e conecta mulheres cis e trans e homens trans que sofrem ou sofreram violência de gênero com apoio de advogadas e psicólogas. O site traz três opções de ativação: “Quero acolher”, “Quero ser acolhida” e “Quero doar”; e oferece dados sobre a violência de gênero no Brasil, além de links para um mapa com os serviços públicos de proteção à mulher e um guia

⁶⁴ Disponível em: <https://www.mobilizadores.nossas.org/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.restingaemangueficam.org.br/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.auxilioparasaude.org.br/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.redenossascidades.org/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

⁶⁸ Disponível em: <https://www.mapadoacolhimento.org/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

em PDF sobre os direitos da mulher, a rede pública de apoio em delegacias especializadas e hospitais e outras informações relevantes.

Beta, a robô feminista⁶⁹– É um chatbot, ou um robô programado para interagir com os usuários numa página de Facebook através da ferramenta Messenger. A página é criada em 17 de maio de 2017 com a função de divulgar informações sobre a questão de gênero, projetos de lei e ações governamentais que “ameacem as liberdades femininas”, e defender a causa feminista. Como exemplo: em 15/10/2019, Beta está convocando as mulheres através de mensagem programa no chatbot a pressionar a Câmara de Deputados a derrubar o Projeto de Lei enviado pelo então Presidente Jair Bolsonaro que facilita o acesso de armas (Figura 10). Em 21/02/2021, 52.524 pessoas estão listadas como seguidoras da página no Facebook e aptas a receberem mensagens diretas sobre esses temas. Além de mulheres interessadas nos temas, a página atrai mensagens de ódio em forma de comentários nos posts. Em resposta ao post de 2 de julho de 2020⁷⁰ que anuncia um curso de ativismo dedicado a moradores da Região Norte do país, um usuário publica a imagem⁷¹ de um homem acompanhado da frase em espanhol ‘Por eso las violan’.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/beta.feminista/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

⁷⁰ Disponível em: <https://fb.watch/3OgRRrJBaG/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

⁷¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100010493430735>. Acesso em: 21 fev. 2021.

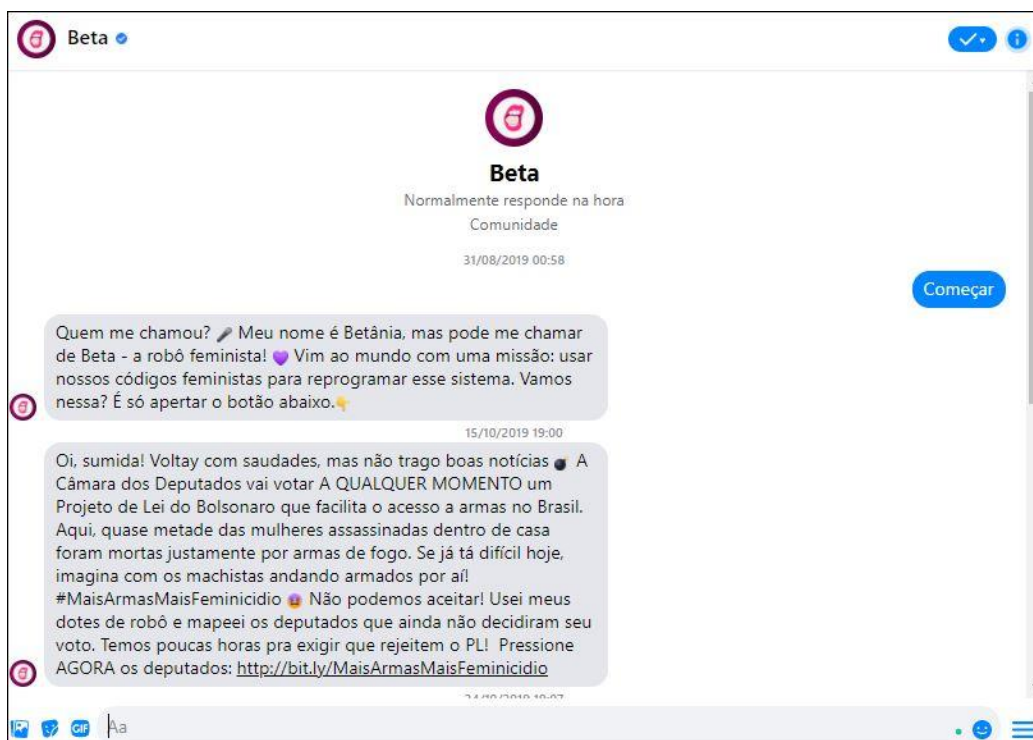


Figura 10 - Trecho da troca de mensagens pré-programadas na página do Facebook Beta, em 31/08/2019 e em 15/10/2019

Fonte: Facebook (2019)



Figura 11 - Imagem publicada por um usuário em resposta a post sobre curso de ativismo publicada em 02/07/2020 na página Beta no Facebook

Fonte: Facebook (2020)

Programa de Mobilizadores⁷² – Um treinamento em metodologias desenvolvidas a partir da atividade regular das organizações da Nossas aberto a jovens de diferentes comunidades. No período da pandemia da Covid-19, os treinamentos são realizados on-line. Parte dos treinamentos são focados em públicos geolocalizados ou de temáticas específicas, para permitir o aprofundamento das discussões e o desenvolvimento de práticas de resultado para aquele universo.

5.3.4 Exemplos de Projetos Desincubados ativos em fevereiro de 2021

São iniciativas que nasceram dentro da Rede Nossas mas em fevereiro de 2021 já possuem estrutura própria, incluindo equipe dedicada e fonte de captação de recursos:

#MeRepresenta⁷³– O site apresenta a definição: “O #MeRepresenta é uma ONG formada por entidades de mulheres, pessoas negras e LGBTQ+ que buscam promover igualdade de gênero, luta antirracista e respeito à diversidade sexual e à identidade de gênero na política. Somos resultado da união entre Blogueiras Negras, Fundação Cidadania Inteligente, Mulheres Negras Decidem, Rede Feminista de Juristas (DeFEMde) e #VoteLGBT.” A plataforma é lançada em 2016 para conectar candidatos que defendem publicamente os Direitos Humanos e eleitores que valorizam esse aspecto em seus votos.

Defezap⁷⁴– Um dos mais antigos projetos da Rede Nossas, o Defezap é um serviço de denúncias de violências cometidas por agentes do serviço público, focado na região metropolitana do Rio de Janeiro. Através do número de WhatsApp +55 21 99670-1400, o usuário pode fazer uma denúncia, pedir esclarecimentos e orientação. Uma rede colaborativa de advogados, jornalistas e outros profissionais reúne as informações e provas enviadas pelos usuários, como arquivos de vídeo, foto e áudio. A Rede Colaborativa de Apuração e Documentação avalia as condições técnicas e legais e encaminha as denúncias para a Justiça, para o Ministério Público ou para outros órgãos. Participam do Comitê Técnico reconhecidos estudiosos do tema como Ignácio Cano,

⁷² Disponível em: <https://www.mobilizadores.nossas.org/>. Acesso em: 02 dez. 2021.

⁷³ Disponível em: <https://merrepresenta.org.br/>. Acesso em: 21 dez. 2021.

⁷⁴ Disponível em: <http://www.saibamais.defezap.org.br/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

Professor e Pesquisador do Laboratório de Análise da Violência da UERJ; Itamar Silva, Diretor do Ibase; Julita Lemgruber, do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC); e profissionais da administração pública, como o Delegado de polícia Vinícius George e o Ouvidor da Defensoria Pública do Estado do Rio Pedro Strozemberg, entre outros.

Acolhe LGBT+⁷⁵ – Similar ao Mapa do Acolhimento, o programa é criado em 2020 junto com a ONG All Out Brasil, com foco em atendimento psicológico. Em fevereiro de 2021, o programa é gerido pela All Out Brasil e pela Todxs.

5.3.5 Ferramentas digitais de Meu Rio e Rede Nossas em fevereiro de 2021

Panela de Pressão⁷⁶ - O formato de pressão pública em relação direta com os políticos eleitos, mediada por uma interface digital, ganha um nome e uma plataforma on-line: Panela de Pressão. Através dela, o Meu Rio oferece a oportunidade para que qualquer cidadão morador da cidade possa inaugurar um movimento. Com o tempo, ela passa a ser ofertada para que outros ativistas, liderando diferentes causas, usem a ferramenta mediante pagamento. Depois de um tempo de uso, ela é descontinuada e substituída pela ferramenta Bonde. Em dezembro de 2020, existe uma campanha de crowdfunding para a reabertura da Panela de Pressão. O site que está no ar na data desta pesquisa traz uma retrospectiva de ações realizadas através dele. É uma explicação de que não é um site de petição on-line, mas de mobilização e pressão direta sobre o alvo protagonista da campanha. O site padrão das campanhas do Panela de Pressão tem uma mesma base de url: www.paneladepressao.nossascidades.org/nomedacampanha. No site de cada campanha há uma estrutura base com adaptações de acordo com a necessidade ou estrutura da campanha: um texto defende a causa e um formulário para ser preenchido pelo usuário para aderir à causa, seja através de assinatura de apoio ou de uma ação direta como um formulário para enviar um e-mail para todos os endereços eletrônicos de gabinetes dos vereadores de uma cidade ou a lista de telefones do gabinete do Governador de um estado.

⁷⁵ Disponível em: <https://www.acolhelgbt.org/>. Acesso em: 21 fev. 2020.

⁷⁶ Disponível em: <http://paneladepressao.nossascidades.org/#>. Acesso em: 02 dez. 2020.

Bonde!⁷⁷. É criado como forma de oferecer a outros ativistas ferramentas que se apresentaram eficazes ao longo da jornada da equipe do Meu Rio e da Rede Nossas. O site é dividido nas áreas Espalhe sua causa por aí; Nossas ferramentas; Planos e serviços; Assine o pacote completo; Embarque no Bonde!; O que o Bonde causou; e Custos do Bonde. O site resume as ações que podem ser realizadas: “Levantar recursos para sua organização, Criar uma petição, Pressionar tomadores de decisão via e-mail, Criar redes de solidariedade e Ter acesso a todo mundo que agiu na sua campanha”. Os planos de serviços para organizações parceiras têm custos que variam de percentual do total captado quando há doação em dinheiro ao pacote completo no valor de R\$ 1.500,00. O site informa que a manutenção do Bonde é custeada em 35% por recursos da Rede Nossas, e 65% por pagamentos da rede de ativismo que usa a ferramenta.

5.3.6 O nascimento da Rede Nossas

Em 2014, a gigante da tecnologia Google lança no Brasil um concurso chamado “Desafio de Impacto Social Google - Brasil”. O site oficial do concurso traz a seguinte explicação “É um concurso que irá premiar projetos e iniciativas das ONGs que usam a tecnologia para solucionar problemas na esfera social”⁷⁸ Ainda segundo o site, os critérios de seleção dos finalistas são quatro: Impacto na comunidade, Inovação, Viabilidade e Escalabilidade. São inscritos 750 projetos, dos quais 10 são selecionados como finalistas, que têm 1 minuto para fazer a defesa de sua ideia para um júri formado pela diretora do Google.org, Jacquelline Fuller; o apresentador de TV Luciano Huck; a empreendedora social Viviane Senna; Josué Gomes da Silva, Presidente da Coteminas; e o rapper e ativista MV Bill. Três premiados saem da lista do júri, e um premiado é escolhido por votação popular, via site. Os quatro projetos vencedores do prêmio “Global Impact Award” seriam premiados com R\$ 1 milhão cada. Porém, durante a cerimônia do anúncio dos escolhidos, o diretor executivo do Google Brasil, Fabio

⁷⁷ Disponível em: <https://www.bonde.org/>. Acesso em: 21 fev. 2020.

⁷⁸ Disponível em: <https://impactchallenge.withgoogle.com/brazil2014/about>. Acesso em: 21 out. 2021.

Coelho, avisa que os outros 6 finalistas também recebem, excepcionalmente, R\$ 500 mil, cada.⁷⁹

O Meu Rio é uma das ONGs selecionadas pelo júri e recebe R\$ 1 milhão para desenvolver o projeto que, então, tem o título de Rede Minha Cidade. A meta é arrojada: “Em 5 anos, a Rede Minha Cidade fornecerá ferramentas inovadoras de participação na formulação e implementação de políticas públicas locais a 3,6 milhões de pessoas em 20 cidades brasileiras. Essas pessoas influenciarão diretamente a elaboração e implementação de 3 mil projetos de lei e políticas públicas”⁸⁰. Esses números não são alcançados, mas a rede é fundada e existe até hoje.

No início de 2015, é aberto o processo seletivo para a criação das novas ONGs, nos moldes de operação do Meu Rio, que farão parte da Rede Nossas Cidades. Só podem participar da seleção pessoas físicas. ONGs já existentes não são consideradas, pessoas que atuam em ONGs e querem transformá-las ou criar novas sim. O processo consiste em 3 etapas: a realização de um exercício on-line, entrevistas e, por fim, um teste que, segundo os organizadores, seria capaz de treinar a capacidade de mobilização dos organizadores. Eles precisam fazer uma campanha de crowdfunding para levantar verbas para a fundação da nova ONG (Figura 12). Os selecionados são então treinados pela equipe dentro das metodologias desenvolvidas pelo Meu Rio.



Figura 12 – Fluxo de etapas para ingresso na Rede Nossas

Fonte: Elaborado pela autora a partir do site da Nossas (2021).

⁷⁹ Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/05/desafio-google-investe-r-7-milhoes-em-projetos-de-ongs-todos-saem-vencedores.html>. Acesso em: 21 out. 2021.

⁸⁰ Disponível em: <https://impactchallenge.withgoogle.com/brazil2014/charities/meu-rio>. Acesso em: 10 out. 2021.

Em abril de 2015, os aprovados viajam ao Rio de Janeiro, onde ficam hospedados num mesmo hotel por um mês. “Foi muito intenso, era bem puxado, das dez da manhã até as oito, nove da noite”, lembra Elisa Cardeal Muller, da Minha Campinas (Entrevistas realizadas via plataforma de vídeo Zoom em 6 e 28 de maio de 2021). São apresentações teóricas na parte da manhã e exercícios práticos na parte da tarde. Em alguns dias, os treinamentos são realizados junto com a equipe do Meu Rio, participando de debates e exercícios para a construção de táticas ou busca de soluções para problemas que estão sendo enfrentados naquele momento pela ONG. Ao fim desse mês, os participantes retornam para suas cidades, estruturam a Organização Não Governamental, e partem para a primeira campanha, ainda com apoio da equipe da Nossas.

Em 2016, um novo ciclo de treinamento é realizado para novos inscritos. Evanielly Sheyla Velozo Silva, ou Vani, como gosta de ser chamada, é diretora de comunicação da ONG Minha Jampa, de João Pessoa. Ela integra a equipe da ONG depois que os dois fundadores, que hoje não estão mais na ONG, já haviam participado do treinamento no Rio em 2015. Abre-se a oportunidade então para os novos ativistas que estão formando novas ONGs de serem treinados em 2016. Vani aproveita a oportunidade e viaja para o Rio. “Acho que foram dez dias, ou uma semana, não lembro bem os dias. Mas foi intenso. Todo mundo dormindo no mesmo hostel, então estava tendo contato com o pessoal do Meu Recife e da Minha Igarassú, que tinham acabado de se formar. Tinha programação o dia inteiro”, lembra ela (entrevista realizada via videoconferência no Zoom, junto com a Marne Thereza de Lisieux Silva e Lima, diretora de mobilização da Minha Jampa, em 15 de abril de 2021).

Em 19 de novembro de 2016, o site da Nossas⁸¹ chama o público para doar para campanhas de ONGs que fariam parte da rede e que hoje não existem mais: Minha Igarassu, Minha Japeri e Minha Jundiaí. Na mesma campanha, a Minha Campinas consegue recolher a verba mínima necessária para ser aprovada para participar da Nossas através do processo de crowdfunding, se estabelece e até hoje atua na cidade paulista. “As outras organizações que vieram também, Minha Blumenau, Minha Ouro Preto, que nasceram com a gente, Minha Curitiba. Todas fecharam. Porque elas não

⁸¹ Disponível em: <https://web.archive.org/web/20161119213625/http://www.fundadores.nossas.org/>. Acesso em 15 out. 2021.

conseguiram se manter financeiramente, não conseguiram se articular”, conta Elisa Cardeal Mueller, responsável pela área de captação de recursos da Minha Campinas.

O site que convoca para a abertura de novas ONGs que atuem com a Nossas segue no ar em 12 de outubro de 2021 e apresenta sua rede de cidades: Minha Sampa (SP), Meu Rio (RJ), Meu Recife (PE), Minha Ouro Preto (MG), Minha Porto Alegre (RS), Minha Campinas (SP), Minha Garopaba (SC), Minha Blumenau (SC), Minha Jampa (PA) e Meu Oiapoque (AM). Dez cidades, das quais duas têm a operação realizada pelo mesmo time da Nossa e quatro estão desativadas. O site da Minha Ouro Preto está fora do ar e, na página no Facebook, a última publicação data de 14 de fevereiro de 2017. O mesmo no site da Minha Garopaba, no Facebook, o último post é de 5 de fevereiro de 2018. E no site da Minha Blumenau. O último post no Facebook é de 30 de novembro de 2016. O site e a página de Meu Oiapoque estão fora do ar. Minha Campina Grande já fez parte da rede. E Minha Manaus continua ativa como parte da rede. Em 10 de setembro de 2021 são ativas as ONGs baseadas nas cidades de Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus, Recife, Porto Alegre, João Pessoa e Campinas.

A Rede Nossas opera a partir de 2015 de forma ativa com trocas regulares entre seus membros. No período desse estudo a conexão intrarede está esgarçada em termos de trocas entre as ONGs e a própria rede encolheu em número de cidades.

Para avançar no estudo de como o conhecimento gerado primeiramente pelo Meu Rio e, depois, pela Nossas é organizado e transmitido, selecionamos duas ONGs participantes da rede. Para isso, levamos em conta perfis diversos e permitem levantamento de informações complementares. São escolhidas a Minha Jampa, uma organização de pequeno porte, e a Minha Campinas, que nasceu de uma ONG anterior que atuava no ambiente da educação digital.

Ambas as instituições levantam fundos através de editais para projetos específicos e doações. E não pagam pelo uso do BONDE por fazerem parte da Nossas.

5.3.7 A Metodologia Nossas

Quando eu cheguei, é claro que já existiam várias coisas estruturadas a partir de experiências prévias, mas muita coisa foi construída no momento em que a gente estava lidando com aquele problema. Acho que é uma coisa boa do

Meu Rio, a gente não tem medo de testar coisas. Mas a gente tem também uma responsabilidade muito grande de documentar tudo. Se deu certo, se não deu certo, porque não deu certo. Se deu certo, a gente vai continuar tentando aprimorar. E o que não deu certo a gente vai tentando entender porque não deu certo e tentar fazer de outro jeito depois. (DEBORA DANTAS, entrevista virtual via Zoom, Rio de Janeiro, 3 de março de 2021).

A metodologia de ativismo político com forte apoio na internet desenvolvido pelo Meu Rio e, posteriormente, pela Rede Nossas está documentado nos vários sites desenvolvidos para campanhas e nos sites institucionais. De acordo com os entrevistados, não havia um manual ou um repositório organizando todos os conhecimentos com foco na capacitação das lideranças das ONGs que fazem parte da rede. Neste estudo, não temos acesso aos materiais entregues às ONGs no processo de criação da Rede Nossas. Somente ao material de acesso público.

Primeiro o Meu Rio e, depois, a Nossas construíram um fluxo de registros de cada campanha realizada. O site criado com BONDE para cada campanha é, ao final da mesma, vertido num site que faz um balanço do processo realizado e dos resultados obtidos, mantido o mesmo endereço https. Neste link, é possível comparar os sites da campanha #NinguémFicaPraTrás, lançada no final de 2018 para reunir doações em dinheiro. O montante levantado seria distribuído para ONGs que atuam com iniciativas “que acolhem pessoas vítimas de violência, intolerância, misoginia, homofobia e racismo”⁸². A expressão #NinguémFicaPraTrás ganha popularidade no período da eleição presidencial da qual sai vencedor o presidente Jair Bolsonaro. Ela se refere a um movimento de solidariedade nas mídias sociais em torno de pessoas vulneráveis que passam a sofrer ameaças de personalidades ligadas ao presidente e mesmo de indivíduos e grupos organizados da sociedade civil.

Os sites das campanhas são documentos públicos que expõem a metodologia de mobilização e pressão e os resultados, mas não a metodologia de escolha da causa e construção de narrativa. Estes são detalhados no Manual oferecido aos ativistas do “Programa Mobilizadores”. E são fundamentais para entender o processo como um todo.

Em 2019, a Nossa passa a desenvolver um programa de capacitação direta de ativistas fora da rede: o “Programa de Mobilizadores”. As inscrições são via site. Em

⁸² Disponível em: <https://web.archive.org/web/20181101174901/http://www.ninguemficapratras.org/>. Acesso em: 13 nov. 2021.

acesso no dia 30 de outubro de 2021⁸³, a organização anuncia já ter realizado 7 turmas, e capacitado mais de 200 pessoas. Com a chegada da pandemia da COVID-19, os encontros passam a ser virtuais. Por vezes, as turmas têm recortes específicos: “Juventude da Região Amazônica”, “Justiça Ambiental”, “Enfrentamento da COVID-19”.

No mesmo site está disponível o manual de mobilizadores que expõe publicamente a metodologia de campanhas da Nossas. O ponto de partida da metodologia é: a Rede Nossas foca em campanhas ou mobilizações e não em mudanças sociais. A partir do estudo das diversas fontes citadas nesta dissertação, chegamos a um conceito de campanha ou mobilização no contexto de atuação da Nossas:

“Campanha ou Mobilização é uma série de ações táticas criadas com o objetivo de trazer um resultado concreto de impacto de curto prazo a partir da mobilização de pessoas nos ambientes virtual e presencial.”

A metodologia detalhada no manual está esquematizada no quadro 4, criado no âmbito desta pesquisa.

Quadro 5 - Metodologia para campanhas de mobilização Nossas

OBJETIVO	ALVO	PÚBLICO	ESTRATÉGIAS
<p>Como identificar uma oportunidade de ação</p> <ul style="list-style-type: none"> Saia de casa Leia os jornais Navegue pelas redes Acompanhe a ordem do dia da Câmara de Vereadores Analise o objetivo escolhido 	<p>Como mapear quem tem o poder decisório</p> <ul style="list-style-type: none"> Quem vai dar a canetada? Como ele se comunica? Pontos fortes e fracos O que o atinge? 	<p>Quem pode se mobilizar pela causa</p> <ul style="list-style-type: none"> Quais são os públicos atingidos pela causa? Analise o posicionamento dos públicos em relação à causa. De oposição ativa a aliados ativos Tenha como objetivo mover o público em direção da categoria aliados ativos 	<p>Como mobilizar os públicos</p> <ul style="list-style-type: none"> Construa uma narrativa Regra do 1/9/90 Lista de táticas já aplicadas

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do site da Nossas (2021).

⁸³ Disponível em: <https://www.mobilizadores.nossas.org/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

Do quadro 4 é preciso explicar a regra do 1/9/90 apresentada no manual. Essa regra comumente aplicada em campanhas publicitárias em mídias sociais se baseia na hipótese de que cerca de 1% dos usuários de uma rede criam conteúdo, 9% editam e compartilham esse conteúdo e 90% simplesmente consomem. Substituindo-se o criador de conteúdo pelo público a ser engajado, o manual explica que o número de pessoas capazes de se manter mobilizadas por uma causa diminui conforme o tempo passa. E propõe que o calendário de ações a serem realizadas leve em conta a curva de engajamento e proponha atividades que não só mantenham o público ativado como faça com que o engajamento se dê num movimento crescente de oito estágios:

1. Visualizar;
2. Curtir;
3. Pressionar;
4. Compartilhar;
5. Criar;
6. Doar;
7. Comparecer;
8. Convocar.

O 1% representa aqueles que ficam ao longo de todo o período envolvidos com o projeto e chegam ao nível de engajamento mais alto: convocar. A metodologia propõe o uso de ferramentas digitais e analógicas para gerar essa curva de engajamento ao longo do período da campanha. Um exemplo é a Dica escrita na página 35 do manual: “Em geral, uma boa mobilização combina táticas digitais e de rua! Começar com uma petição online ou uma pressão por e-mail costuma ser uma ótima ideia, mas é importante pensar em ações fora da caixa também!”

O manual oferece sugestões e exemplos de táticas de mobilização e engajamento do público e de pressão sobre os tomadores de decisão, geralmente do poder público. São desde orientações básicas - “Como escrever uma mensagem de WhatsApp para uma mobilização” - a outras mais elaboradas – como realizar um financiamento coletivo.

5.3.8 Identidade ativista

O processo de gestão do conhecimento construído desde a fundação do Meu Rio é impactado pela decisão de criar a Rede Nossas e, posteriormente, pela oferta dos cursos de capacitação de mobilizadores. Para ensinar, é preciso refletir sobre seus próprios processos de criação de conhecimento, organizá-los de forma a torná-los acessíveis, e transformá-los em conteúdos adequados à transmissão do conhecimento. “A documentação ajuda os indivíduos a internalizarem o que vivenciaram, enriquecendo assim seu conhecimento tácito” (TAKEUCHI, NONAKA, 2008, p. 67).

Entra aí o primeiro desafio do processo de criação da Nossas: como transformar o conhecimento tácito obtido e construído pelos ativistas do Meu Rio ao longo de anos de atuação em conhecimento explícito, apto a ser transmitido para terceiros? A solução das lideranças é realizar um encontro de longa duração – um mês – no Rio de Janeiro, sede do Meu Rio, onde os ativistas das novas organizações podem aprender e colocar em prática a metodologia.

Construída a rede, os encontros regulares via internet que a Nossas mantém durante os primeiros anos com ONGs associadas servem à troca de experiências. São oportunidades em que conhecimentos explícitos são verbalizados pelos indivíduos de cada ONG na tentativa de gerar uma troca de conhecimentos. E é neste momento que se abre a possibilidade da criação de novos conhecimentos, um processo altamente pessoal.

Ideal e conhecimento tácito estão intrinsecamente conectados. Levando em conta que o conhecimento tácito “é especialmente difícil de ser transferido de sua fonte de criação para as outras partes da organização” (DAVENPORT, PRUSAK, 2003, p. 45) justamente pelo fato de envolver elementos pessoais como crenças, história de vida, relacionamentos e até personalidade. “A criação do novo conhecimento é tanto sobre ideais quanto sobre ideias”. (TAKEUCHI; NONAKA, 2008, p. 30).

Ideias e ideais são parte constituinte da identidade do ativista. Uma identidade construída a partir da “relação presente e imaginária com os outros” (LOMNITZ, 2009, p. 45). “A identificação não se dá somente com as características de comportamento observadas ou com o que se expressa, mas também, e, sobretudo, se dá com uma identificação com os ideais das figuras significativas.”

Neste sentido, ser um ativista político digital independente que faz parte da Rede Nossas é uma identidade diretamente impactada pelos conhecimentos dessa rede formalizados através do treinamento e das documentações. Além de adotar a metodologia, o ativista precisa acreditar nela para fazer parte da rede.

No processo da transmissão e geração de conhecimentos para o ativismo, a questão dos ideais é ainda mais relevante. O ideal é o que move o ativista, impactando em toda a sua cadeia relacional, incluindo redes de afeto. Para que a Rede Nossas seja eficaz na construção da sua concepção de ativismo político, os indivíduos que gerem cada uma das ONGs parceiras precisam estar alinhados com os ideais da ONG mãe. Só assim, abraçam a metodologia que replica o modo de atuação construído originalmente pelo Meu Rio, e refinado ao longo de anos pela atuação de cada um dos ativistas que compuseram a ONG, além dos ganhos com as interações com instituições parceiras.

O conhecimento tácito é peça chave desse processo já que

[...] tem uma importante dimensão cognitiva. Consiste em modelos mentais, crenças e perspectivas tão inseridas em nós que as consideramos naturais, não podendo, portanto, articulá-las com facilidade. Por esse mesmo motivo, esses modelos implícitos moldam profundamente a percepção do mundo ao nosso redor. (TAKEUCHI, NONAKA, 2008, p. 43).

O modelo de ativismo baseado na democratização do acesso através da via digital criado pelo Meu Rio e reproduzido e ampliado pela Rede Nossas exige de quem o aplica uma crença na capacidade de mudança social através da política, e da internet como ferramenta dessa mudança. Exige também uma adesão a um modo de se estar no mundo, um ambiente comum do qual todos compartilham, mesmo que em diferentes cidades e só interagindo por meios digitais.

Qual o impacto desse processo sobre as pessoas que entram em contato com esse modelo?

5.4 ESTUDO DE CASO: MINHA JAMPA

A Minha Jampa já nasce, em 2016, como fruto da estratégia de reprodução de modelo de ativismo digital da Rede Nossas. Dois dos três fundadores da ONG – hoje

afastados - participam do primeiro treinamento no Rio de Janeiro. No segundo ano de encontro dos selecionados para fazer parte da rede, os fundadores já estão se distanciando do dia a dia da ONG e a recém-chegada Marne Thereza de Lisieux Silva e Lima, então voluntária e hoje diretora de mobilização, vai ao Rio de Janeiro aprender a metodologia desenvolvida pelo Meu Rio.

Antes de ser aceitos, os interessados precisam cumprir uma série de etapas. Uma delas é o desafio que comprovará a sua capacidade de conseguir verbas para se sustentar. Os ativistas precisam criar uma campanha de crowdfunding que deve levantar o valor mínimo de R\$ 18.000,00. As 20 pessoas que se reúnem para mobilizar o público para a criação da Minha Jampa e o apoio da Nossas levantam R\$ 21.000,00. É de 2 de outubro de 2017 o estatuto fundando legalmente a ONG (MINHA JAMPA, 2018-19).

Depois da fundação, a Nossas passa a fazer um aporte regular, mas a ONG vive também de doações e verbas de editais para projetos específicos. Entre os doadores, a Minha Jampa respeita a orientação da Nossas de não aceitar doações de governos, partidos ou empresas públicas. As doações de pessoas físicas representam cerca de “mil e alguma coisa no total. E tenho certeza de que são menos de 100 doadores recorrentes, uns 80. Esse dinheiro é voltado para a manutenção da instituição: pagamento de aluguel, contas, taxas bancárias”, explica Vani. O post de aniversário de 5 anos de fundação publicado em 10 de junho de 2021⁸⁴ no Facebook comunica que são 70 doadores mensais e 1 mil ativistas envolvidos nos projetos desenvolvidos pela Minha Jampa.

A situação financeira da Minha Jampa não é estável. Por exemplo, em 19 de agosto de 2019, um post anuncia: “Pela primeira vez corremos o risco de fechar as portas ☹️”⁸⁵. Neste momento, as doações mensais somadas à participação da Nossas não são suficientes para pagar os custos da ONG. O post é patrocinado com R\$ 30,00 investidos no Facebook e veiculado como post pago até 3 de setembro de 2019; ele alcança 5.944 pessoas e converte 82 cliques no link que leva para o site de doação⁸⁶. Em

⁸⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3KSbaCH>. Acesso em: 29 jan. 2021.

⁸⁵ Disponível em:

<https://www.facebook.com/page/992051197499407/search/?q=Pela%20primeira%20vez%20corremos%20o%20risco%20de%20fechar%20as%20portas%20>. Acesso em: 29 jan. 2021.

⁸⁶ Disponível em: https://www.eufaco.minhajampa.org.br/?fbclid=IwAR2Zqk-EGrK_CxhGOXXJY3BvkRquoj99BzAbe9LaJf7c1Re1GHcZbNtYqE#block-13126. Acesso em: 29 jan. 2021.

6 de setembro, um post no Facebook anuncia que a campanha alcançou a meta de R\$ 2.500,00. O total arrecadado chega a R\$ 2.525,00, doado por 107 pessoas⁸⁷.

Hoje, a ONG possui 3 diretores, remunerados, que trabalham 20 horas por semana em tarefas que não têm uma divisão clara. Além de Marne, a última dos 3 a ingressar; o grupo é composto por Evanielly Sheyla Velozo Silva, ou simplesmente Vani, e Jerlan Alves da Silva, cofundador. Cada um possui uma segunda atividade, além do trabalho na ONG. Marne estuda para tentar uma vaga em cargo público através de concurso, Vani é mestranda em Antropologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e Jerlan dá aulas particulares de inglês e italiano. Eles têm, respectivamente, 30, 29 e 26 anos, na data de cada entrevista.

As 20 horas semanais são investidas em várias tarefas, entre elas planejamento, gestão financeira, monitoramento da Câmara Municipal, da Assembleia Legislativa e dos poderes executivos da cidade e do estado, através dos Diários Oficiais, das mídias sociais e da imprensa. Eles também administram as mídias sociais da ONG, criando posts que se dividem em blocos temáticos:

Institucional – Fala sobre a ONG, convoca voluntários, comunica campanha de doações e programa de descontos.

Efemérides – Dias de homenagem a categorias profissionais, luta de minorias e outros.

Educacional – Apresentação de informações sobre o que é e como funciona a máquina política, como elaboração das leis, implantação de orçamento e outros;

Campanhas – Com temas específicos, podem apenas apoiar a aprovação de um Projeto de Lei da Câmara de Vereadores até a construção de uma campanha de longo prazo que articule várias ONGs da cidade e voluntários em prol de uma causa local. A cada vitória ou derrota, um novo post anuncia a novidade e mantém os ativistas informados e mobilizados.

Campanhas nacionais – Compartilhamento de posts de campanhas nacionais de instituições parceiras, inclusive da Nossas e de ONGs da rede.

⁸⁷ Disponível em:

<https://www.facebook.com/page/992051197499407/search/?q=Batemos%20a%20meta%20de%20R%24%202.500%2Fm%C3%AAs%20>. Acesso em: 29 ago. 2021.

O monitoramento constante dos principais atores políticos da cidade – através do Diário Oficial, sites, mídias sociais e imprensa - colabora no mapeamento das oportunidades de atuação e o monitoramento das mídias sociais aponta temas de relevância e capazes de engajar. Assim, são encontradas as possíveis causas a serem abraçadas. “Quem define mesmo é o timing, é o que está mais quente no momento. O termômetro da gente são as redes sociais e os jornais, a mídia”, diz Jerlan.

A seleção de quais oportunidades serão transformadas em campanhas passa não só pelo processo de tomada de decisão detalhado na metodologia da Nossas, mas também pelos interesses pessoais dos 3 ativistas. “Eu diria que tem um conjunto de fatores que leva a gente a decidir optar por se mobilizar em alguma causa. Mas a gente sabe que a questão não vira somente em torno desses critérios objetivos, a gente sabe que, como seres humanos e cidadãos, a gente se sente mais mobilizado com uma causa do que com outra”, diz Marne.

O encontro e a união dos três gestores da Minha Jampa ocorrem a partir de objetivos em comum, apesar de seus interesses particulares poderem ser também divergentes. Todos se interessam pela vida da cidade, mas apenas Jerlan abraça a causa do Meio Ambiente, por exemplo. Ele é formado em Engenharia Química e desde a faculdade está envolvido com o tema: “A área de pesquisa que eu trabalhava era de tratamento de águas, tratamento de afluentes. Então, querendo ou não, tinha essa coisa de questionar o porquê de, por exemplo, a gente ver tanto rio poluído”, explica Jerlan.

Cria incômodo em Vani e Marne ter de gerir as campanhas que herdaram dos diretores que fundaram a ONG ao lado de Jerlan e que são relativas a esse universo temático. Elas não se reconhecem nas causas de Meio Ambiente e não sabem como dar continuidade às ações, sentem-se inaptas. “Eu acompanhei algumas reuniões, e a gente vai para uma reunião e volta com o feedback e vê o quanto é complexo”, lembra Marne. “Os grupos iniciais foram articulados por Andrea e Sérgio, que saíram da Minha Jampa. Então houve essa dificuldade de a gente tentar continuar algo que a gente não criou”, reflete Vani.

Os objetivos em comum se traduzem pelo interesse em agir a favor da cidade. Vani – que vem de uma cidade do interior para João Pessoa - expõe em uma frase o impulso inicial de sua procura que acaba por desaguar na descoberta da Minha Jampa:

“Eu tinha essa necessidade de conhecer a cidade, e como ela funcionava”. Esse interesse ganha corpo através da atividade no ambiente político municipal.

O site oficial Minha Jampa⁸⁸ é criado à semelhança dos demais sites da Rede Nossas, e apresenta a iniciativa com o seguinte texto já na primeira tela: “Somos a Minha Jampa, uma rede de ação por uma João Pessoa mais democrática, inclusiva e sustentável. Junte-se às mais de 16 mil pessoas que recebem nossos alertas e participam das decisões políticas que definem o futuro da cidade. Somos independentes e apartidários. Não aceitamos dinheiro de governos, partidos, empresas públicas ou privadas.”

O site é dividido nas seguintes seções:

Nossas Conquistas – um balanço de ações realizadas desde a fundação;

Para agir agora – campanhas que estão ativas;

Doe! – campanha de doação que, através de um botão, remete ao site Minha Jampa⁸⁹ em página específica dedicada a captar doações regulares mensais de valores que vão de R\$ 5,00 a R\$ 150,00.

Junte-se a nós – um formulário onde o usuário pode informar seu endereço de e-mail e/ou o número de celular para fazer parte da rede de informes;

O que fazemos na prática – um resumo das estratégias usadas nas campanhas, divididas em seis tópicos: pressão nos políticos, desenvolvimento de ferramentas e tecnologias para ampliar a rede de mobilização; fomento de uma comunidade de ativistas; divulgação de informações de forma clara e compreensível; fiscalização do trabalho das autoridades locais; e execução de ações que integram táticas on-line e presenciais;

ODS – Apresentação da lista dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU;

Nosso Time – Fotos, nomes e cargos dos 3 integrantes da ONG;

Transparência – Texto institucional sobre como a ONG se sustenta financeiramente e um link para documentos do Google Drive⁹⁰ onde é possível visualizar os balanços financeiros da ONG.

⁸⁸ Disponível em: <https://www.minhajampa.org.br/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

⁸⁹ Disponível em: <https://www.eufaco.minhajampa.org.br/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Ao final do site, há a informação da afiliação da Minha Jampa à Rede Nossas, links para as mídias sociais e contato por e-mail. A página do Facebook da Minha Jampa⁹¹ é criada em 22 de abril de 2016, segundo informações do próprio Facebook. O primeiro post no Instagram⁹² é de 23 de abril de 2016. Desde então, a ONG realizou algumas campanhas, sempre associadas a causas locais, geralmente envolvendo pressão sobre o poder público em prol de tomada de decisões.

A ONG possui página própria no Facebook (3.852 pessoas curtindo) e no Instagram (3.557 pessoas) – dados de 29/01/2022. Além disso, possui uma página no blog coletivo Medium⁹³. Usa o Mailchimp como disparador de newsletters e o BONDE para o site institucional e os das campanhas. No site institucional Minha Jampa⁹⁴, estão disponíveis para download um balanço financeiro do período julho de 2018 a julho de 2019, o estatuto de fundação e um documento de perguntas e respostas, todos arquivados numa pasta do Google Drive⁹⁵.

5.4.1 Campanhas e ações da Minha Jampa

Apresentamos aqui uma seleção de campanhas realizadas pela Minha Jampa desde sua fundação em 2016 que, reunidas, dão um panorama do tipo de atuação de ONG:

Não afogue 80 milhões⁹⁶ - A campanha busca mobilizar os pessoenses para pressionar o governo a suspender a licitação lançada em 20 de agosto de 2016 (poucos meses antes da eleição do novo prefeito) para a construção de oito quebra-mares na Barreira do Cabo Branco, que está em processo de erosão e sustenta uma parte ocupada da cidade. No site sobre a campanha, a ONG apresenta três razões de se opor à licitação: o fato de ter sido lançada a poucos meses da eleição do novo prefeito, a falta de participação da sociedade civil no debate sobre a obra, a falta de transparência do

⁹⁰ Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1LRS3wBEIJquHtpLCAVKStjpI0x_nuCCS . Acesso em: 20 fev. 2021.

⁹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/minhajampa> . Acesso em: 20 fev. 2021.

⁹² Disponível em: <https://www.instagram.com/minhajampa/> . Acesso em: 20 fev. 2021.

⁹³ Disponível em: <https://minhajampa.medium.com/> . Acesso em: 20 fev. 2021.

⁹⁴ Disponível em: <https://www.minhajampa.org.br> . Acesso em: 20 fev. 2021.

⁹⁵ Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1LRS3wBEIJquHtpLCAVKStjpI0x_nuCCS . Acesso em: 20 fev. 2021.

⁹⁶ Disponível em: <https://www.naoafogue80milhoes.minhajampa.org.br/> Acesso em: 20 fev. 2021.

orçamento de R\$ 80 milhões destinado a ela. A estratégia criada pela ONG envolve: uma petição on-line que conquista 1.055 assinaturas e se transforma numa petição protocolada na Secretaria Municipal de Planejamento, um protesto em 19 de julho de 2016 com a participação de outras entidades e ONGs, uma manifestação em frente ao Tribunal de Contas do Estado da Paraíba, a visita à Escola Bendita Targino Maranhão que seria afetada pela obra, entre outras. A licitação é suspensa pelo TCE em 15 de outubro do mesmo ano.

Merenda para Todos⁹⁷ – Pressão para que a Secretaria Estadual de Educação mantenha a merenda escolar de todos os alunos da rede pública durante o período da pandemia. Em 11 de maio, a portaria 481/2020 determina que somente os alunos que estão realizando ações on-line têm direito à merenda, excluindo as famílias com menor poder aquisitivo que não têm dispositivo ou acesso à internet. A campanha tem parcerias com outras ONGs e instituições, como o Grêmio Estudantil Marielle Franco e o Grupo de Pesquisa Sobre Fome e Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba. Em 20 de fevereiro de 2021, consta que 448 usuários enviaram e-mail para o Secretário Cláudio Furtado através da ferramenta criada pela Minha Jampa no site Bonde. (Figura 15).

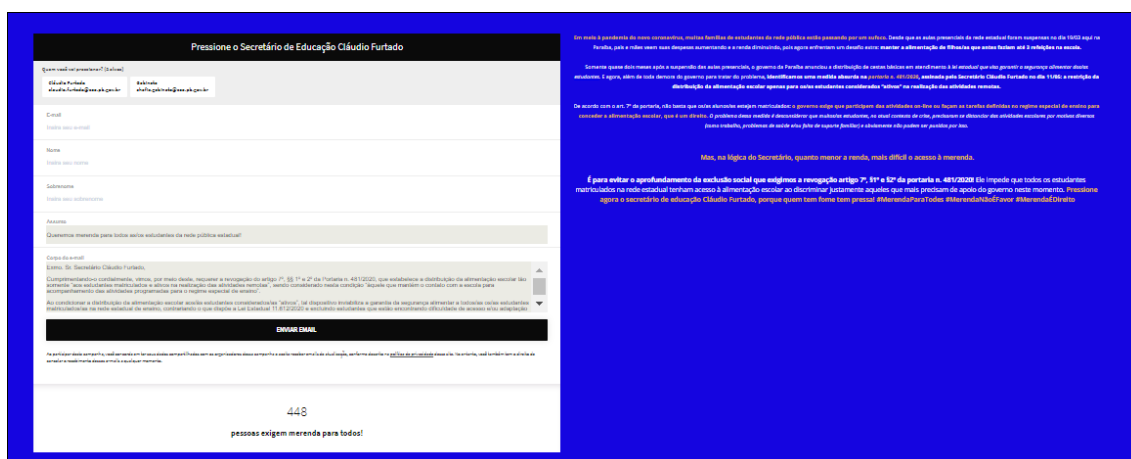


Figura 133 - Imagem do trecho do site onde o usuário pode se inscrever para enviar e-mail diretamente para a caixa postal do Secretário Estadual de Educação. Há um texto sugerido que pode ser editado pelo usuário

Fonte: Site da campanha Merenda para Todos (2021)

⁹⁷ Disponível em: <https://www.merendaparatodos.minhajampa.org.br/> Acesso em: 20 fev. 2021.

Isso é Femicídio⁹⁸ - A campanha realizada pela Minha Jampa em 2017 em parceria com a Minha Campina, ONG com estrutura similar criada em Campina Grande, faz pressão para que o governo do estado implemente as Diretrizes Nacionais para Procedimentos de Investigação, Processo e Julgamento de Crimes Feminicidas (BRASIL, 2016) e crie o item Femicídio nos Boletins de Ocorrência da Polícia Civil. O site, criado com a ferramenta Bonde, da Rede Nossas, permite que o usuário assine uma petição on-line apoiando a demanda. Em 20 de fevereiro de 2021, o site tem registrado 499 assinaturas.

Estratégia não tradicional de financiamento⁹⁹ - Para levantar fundos para manter os três ativistas como funcionários da ONG e ter verba para as ações, a Minha Jampa lança campanhas de doação nas mesmas bases das outras organizações associadas à Rede Nossas. Mas cria um adicional: um clube de vantagens. Quem se inscrever para fazer doação mensais regulares, que vão de R\$ 5,00 a R\$ 150,00, tem direito a desconto em estabelecimentos comerciais da cidade. No post do Instagram publicado em 27 de agosto de 2019 (84 curtidas, 0 comentários), entre os estabelecimentos estão a Editora Escaleras (10% em compras de livros pelo site), a loja Astral (10% de desconto em itens da loja) e a loja on-line Ecocosméticos (10% de desconto em itens da loja).

5.4.2 Mudando a cidade, mudando a si mesmo

“Inicialmente – e talvez até ingenuamente – partimos do desejo de movimentar os pilares que estruturam a política local. Porém, para nossa surpresa, acabamos modificando a nós mesmos, a nossa forma de ver o mundo e a capacidade de continuar acreditando na potência dos encontros.”
(Post nas mídias sociais da Minha Jampa, em comemoração aos 5 anos de fundação da ONG, postado em 10 de junho de 2021).¹⁰⁰

Após se debruçar sobre as três entrevistas realizadas com os ativistas da Minha Jampa - através da metodologia Grounded Theory – esta pesquisa cria uma série de categorias para os conjuntos dos depoimentos, que englobam ações, reflexões e sentimentos dos entrevistados (CHARMAZ, 2012). Num exercício provocador de insights dentro do processo da pesquisa (CHARMAZ, 2006), a pesquisadora usa as

⁹⁸ Disponível em: <https://www.issoefemicidio.minhajampa.org.br/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

⁹⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/B1q_y9kJLJt/. Acesso em: 20 fev. 2021.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3KSbaCH>. Acesso em: 20 fev. 2022.

categorias criadas para alimentar uma ferramenta on-line que gera uma nuvem de palavras. Nela, destaca-se um grupo semântico em especial: “Vendo” (em grande destaque), “Percebendo” e “Reconhecendo”.

A vivência no ativismo digital provoca descobertas que brotam nas entrevistas com os três ativistas objeto desse estudo de caso. “Na realidade, eu nunca soube exatamente o que era política”, diz Jerlan. São descobertas que falam sobre a história pessoal de cada um, e sobre propósitos, desejos e construção de futuro. Até o interesse dos pais por política rememorado do passado da infância e da adolescência se revela a partir desse lugar de ativismo onde agora se encontram.

A partir da lida diária com a mobilização virtual e com o acompanhamento da gestão pública da cidade, há uma mudança de conceituação do que é a política para eles. “Era uma coisa assim: o vereador é uma pessoa que vai para a Câmara e a gente não sabe mais nada sobre o que ela faz”, lembra Marne sobre a imagem que tinha na adolescência. Agora, essa nova política reconfigurada açambarca também as reclamações em frente à TV ou os interesses familiares que antes da atuação na Minha Jampa não eram percebidos como política. Antes a política é algo desgastante, desinteressante e distante da vida chamada real. Jerlan, Marne e Vani passam a enxergar conexões e a dar novos sentidos a antigas vivências. “É incrível isso, porque eu nunca tinha percebido, sabia? Mas minha família é muito envolvida com política”, revela Vani. “A influência da minha família, agora conscientemente, foi o que me fez de alguma forma ir para esse caminho.”

Marne e Vani vêm de cidades pequenas, onde a convivência com a classe política se dá na rua onde moram, no colégio ao lado dos filhos dos vereadores. Elas vêm as mudanças na cidade a partir do início do programa Bolsa Família, com a redução das filas de pedintes em frente às casas dos vereadores. “O marco do Bolsa Família para mim diz muito sobre aquelas pessoas saírem da porta desses políticos, como se naquele momento eles não precisavam se submeter àquilo e passar uma manhã inteira esperando que alguém viesse dar um dinheiro que fosse, sabe?”, lembra Marne.

Jerlan revela que se percebe um ser político ao participar das manifestações contra o impeachment da ex-presidente Dilma Roussef. A relação com a política partidária dos familiares dos três é frágil, ou se apresenta explicitamente em forma de participação em atos públicos ou comentários genéricos associando a política a

corrupção, inflação e outros males. A resignificação da política permite a Vani perceber: “A política no sentido macro esteve presente”.

O modo como os três percebem a política institucionalizada muda. “É o nosso combustível para tentar mudar um pouco esse panorama”, resume Jerlan. O sentimento de que “política é tudo” se repete nas entrevistas. Ir à Câmara dos Vereadores, se tornar fonte de jornalistas – mesmo considerando a imprensa tendenciosa –, pressionar os políticos por mudanças são ações nas quais eles investem 20 horas semanais, dentro do contrato de trabalho com a Minha Jampa. São ações nas quais eles depositam esperança em mudanças positivas para a cidade e seus moradores: “É preciso (...) ter fé de que as coisas vão melhorar”, acredita Jerlan.

Propósitos pessoais e institucional se sobrepõem, se decalam. Num movimento circular, os interesses pessoais contribuem na escolha das campanhas da ONG, ações que são a tradução prática dos propósitos idealistas da Minha Jampa: “por uma João Pessoa mais democrática, inclusiva e sustentável”¹⁰¹. Por sua vez, a rotina das atividades e o entrar em contato com o universo da política municipal acabam por intervir na forma como os três ativistas se relacionam com o mundo ao redor.

“Eu acho que o trabalho da Minha Jampa, juntando tanto essa criação de campanhas como também essa parte dos projetos que a gente acabou adotando como um pilar de atuação, se tornou muito importante para dar sentido a algumas coisas”, teoriza Vani.

A Minha Jampa também muda, conforme o interesse pessoal dos três gestores muda. A relação regular com as ONGs da Nossas traz novas possibilidades, que podem ampliar o escopo original de ações e reforçar os objetivos comuns. O estatuto da Minha Jampa, criado originalmente pelos dois fundadores hoje afastados, já não reflete a realidade da ONG, segundo fala de Marne: “A gente não estava na construção do estatuto. (...) A gente está iniciando um processo de reformulação dele. Era uma necessidade que a gente vem enxergando desde 2019”.

A Minha Jampa de Jerlan, Marne e Vani é diferente da Minha Jampa fundada por Sérgio e Andréia. Jerlan, Marne e Vani são diferentes depois de vivenciarem a Minha Jampa. Enxergam a política e o ativismo digital como um caminho para engajar

¹⁰¹ Disponível em: <https://www.minhajampa.org.br/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

peessoas em causas, articular diferentes ONGs da cidade ou de fora em prol de causas que contribuam positivamente para a vida em João Pessoa, e que reduzam a desigualdade social na comunidade. “É uma ferramenta e é um caminho”, conclui Jerlan.

5.5 MINHA CAMPINAS

A ONG nasce a partir do desejo de mudança de seus fundadores que, em 2015, estão à frente de uma outra ONG chamada CDI Campinas (Comitê para Democratização da Informática), ligada ao CDI nacional, com sede no Rio de Janeiro, hoje desativado. A CDI Campinas existe de 2000 a 2015, atuando na democratização do acesso à informática. “A gente fazia toda a formação de cidadania, os jovens e as crianças faziam projetos pensando ‘o que a gente pode melhorar na comunidade?’, e o computador era a ferramenta para o desenvolvimento do olhar crítico”, explica Elisa Cardeal Mueller (entrevista realizada em 6/5/2021), diretora de captação de recursos da Minha Campinas.

A mudança de CDI para Minha Campinas é provocada pela reflexão de que o papel do computador como ativo de acesso à mudança está reduzido e é preciso encontrar um novo caminho. “O CDI era baseado na pedagogia do Paulo Freire. Só que, na hora em que a gente tinha os projetos na comunidade, faltava aquele passo: ‘Beleza, como que eu pressiono o poder público para isso acontecer?’”, conta Elisa. O caminho que decidem abraçar é o do ativismo político, ao saber da campanha de formação da Rede Nossas. Eles passam por todas as etapas de seleção e Elisa vai ao Rio de Janeiro participar da primeira turma de formação de ONGs parceiras da Nossas.

“Em 2015, a gente fez a virada. (...) A gente tinha acho que umas 30 ou 40 ONGs parceiras. ‘Olha, a gente não vai fazer mais o que a gente faz como CDI’. Que era basicamente fazer a manutenção de computador e dar os cursos para educadores nessas comunidades. A gente vai parar de fazer isso porque a gente vai ficar de olho na cidade, e trazer causas e mobilizações para as pessoas se engajarem e pressionar o poder público,” lembra Elisa.

Ela diz que a Minha Campinas é, entre todas as organizações da Rede Nossas, a mais “formalizada”. Desde a refundação, já se somam mais de 45 campanhas. Os

recursos vêm principalmente de uma família filantropa de Campinas que, ao saber da decisão de mudar o enfoque da ONG, decidiu apoiar. “A gente começou com 100% de financiamento dessa família. E essa família vai diminuindo a cada ano essa porcentagem do orçamento. A gente se senta com a família, mostra ‘olha nosso orçamento é esse’, e ela entra com X%. Hoje ela já está em 70%. Faz doações anuais, que vão diminuindo a cada ano”, conta Elisa. A ONG levanta verbas também através de doações de pessoas físicas, parcerias com entidades e editais para projetos. São 6 profissionais na equipe, contratados. A diretoria também inclui pessoas envolvidas com a ONG mas que não atuam diretamente na operação e não são remuneradas. Ao contrário da Minha Jampa, a Minha Campinas tem profissionais com funções específicas, e habilidades complementares, como um designer.

Como uma ONG que nasceu com a informática como mote, a mudança de chave para o uso da tecnologia e da internet para mudanças sociais através da política parece algo natural para Elisa: “Fazer a pressão no poder público com a tecnologia... ela permite escala e otimização de pessoal”. Mas a política é um ponto novo nessa inflexão. Elisa acredita que o desejo de ver mudanças a curto prazo foi decisivo: “a educação é a médio e longo prazo”.

Mas a entrada no ambiente da política não é fácil: “Tem gente que acompanha futebol, e tem igual que acompanha política, né? Sabe falar os vereadores, que nem cita os jogadores de futebol? Eu não sou essa pessoa. Nunca fui. E não foi por causa da Minha Campinas que eu virei. Eu já sou a socióloga que quer um mundo mais justo e igualitário; e a Minha Campinas é uma forma de eu me colocar no mundo”.

“Foi mais essa potencialidade que estava surgindo, com o apoio do Google, com jovens visionários, que a Alessandra e o Miguel definitivamente são. (...) E, tirando a Helena, que teve atuação sindical, e o André que é muito envolvido com política, ele até teve que se desfiliar do PT porque é uma questão nossa de princípio, nós não sabíamos nada disso”, conta ela.

5.5.1 Estudo de caso: Programa Lideração

A Nossas oferece cursos de ativismo regulares sem o foco de criação de ONGs no modelo do Meu Rio. São treinamentos abertos ou para públicos específicos, como

jovens moradores de comunidades periféricas de grandes cidades. Durante o período da pandemia de COVID-19, eles acontecem em meio digital, via vídeo conferência. Um dos projetos em atividade na época desta pesquisa é o Programa de Mobilizadores¹⁰² e o Muvuca¹⁰³, este dedicado a ativismo climático.

Em 2021, durante a pandemia da COVID-19, a Minha Campinas, à semelhança da Nossas, promove um curso de ativismo digital para ativistas locais, envolvidos com questões da cidade. O foco são comunidades vulneráveis. Um primeiro curso é um teste de formato e, a partir dele, é lançado em junho o programa chamado Lideração. Todos os cursos são ministrados de forma virtual, através da plataforma Google Meet. Aos participantes que não possuem acesso à internet ou possuem acesso limitado, é oferecido um chip com crédito e acesso à internet através do celular.

O programa é composto de aulas semanais virtuais, divididas em duas etapas: 12 encontros da fase formativa e 7 da fase de acompanhamento. O começo tem muitos conteúdos teóricos, quando são apresentadas a metodologia da Nossas e da Minha Campinas e as ferramentas virtuais. Na segunda parte, o grupo de participantes é convidado a eleger uma causa para servir como exercício e aplicação dos conceitos aprendidos. Para participar, os alunos precisam demonstrar atuação como lideranças locais, e os grupos são reunidos por critério geográfico, com alunos do mesmo bairro estudando juntos e promovendo a campanha com foco no bairro. E a fase de acompanhamento se dá com a campanha pela causa escolhida já em curso.

Esta pesquisadora participa como ouvinte da oitava aula do curso inaugural, dedicado a lideranças do bairro Dom Gilberto, realizada virtualmente no dia 26 de maio de 2021. Após essa etapa, esta pesquisadora acompanha semanalmente outro grupo de alunos, o do bairro Cidade Singer 2, na região do Campo Belo, e atua como voluntária do programa Lideração, semanalmente no período de 12 de julho a 4 de outubro de 2021. E, depois, nos encontros de lançamento e acompanhamento da campanha, de 11 de outubro a 18 de novembro de 2021. A pesquisadora se oferece como voluntária e tem a função de redigir o registro de todos os comentários e discussões das reuniões, num documento padrão formatado pela equipe da Minha Campinas e hospedado no Google Drive. Na primeira etapa do projeto, divide a tarefa com outro voluntário.

¹⁰² Disponível em: <https://www.mobilizadores.nossas.org/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

¹⁰³ Disponível em: <https://www.muvuca.nossas.org/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

A primeira etapa do projeto tem o formato de um curso com a realização de projeto prático construído em conjunto por todos. São 12 encontros virtuais via Google Meet (devido às restrições da pandemia de Covid-19) de duas horas de duração cada. Todo encontro começa com um depoimento de cada um dos participantes contando “Como chega” naquele dia e respondendo a uma pergunta provocativa criada pela equipe da Minha Campinas. Ao final, todos abrem a câmera para uma foto da tela do computador.

É fundado um grupo de WhatsApp, que se torna o principal meio de comunicação. Ali são compartilhados materiais criados pela Minha Campinas, inclusive o Guia da Liderança que traz, ao longo de 113 páginas, links para textos complexos, gráficos, apresentação de metodologias e exercícios. Os participantes são provocados a fazer exercícios em casa a cada encontro, inclusive em grupo. Ao longo do curso, são comuns os momentos de avaliação das aulas e autoavaliação dos alunos. O time da Minha Campinas busca gerar interação e aplicação prática com exercícios e estimulando a participação nos encontros ao longo de todo o projeto.

O primeiro e o segundo encontro do curso são dedicados à apresentação do programa e dos participantes e a exposições teóricas sobre política e ativismo. No terceiro encontro, ocorrido em 26 de julho de 2021, a equipe apresenta a metodologia URRRA, constrói conjuntamente uma lista de causas sugeridas pelo grupo neste encontro e, na sequência, busca aplicar a metodologia na seleção da causa que servirá de exercício prático ao final do programa. É neste momento que se dá uma ruptura entre as lideranças do grupo de alunos, com defesas apaixonadas pelas causas propostas. O interesse de cada um na “sua causa” se mantém mesmo depois de cada uma delas ser analisada pragmaticamente sob a ótica da metodologia.

No quinto encontro, em 9 de agosto, o grupo ainda está debatendo a causa “de quem” deve ser eleita como exercício. A disputa segue mesmo quando o time da Minha Campinas apresenta a estratégia de “Oportunidade e Simplicidade” como caminho para uma escolha coletiva e lógica da causa. A estrutura do encontro é a mesma dos dois anteriores: apresentação da teoria e aplicação no processo de construção da causa. O debate se alonga. A partir desse encontro alguns participantes passam a faltar a alguns encontros.

A votação acontece no sétimo encontro, em 23 de agosto. É eleita a causa em prol do asfaltamento de ruas onde passam ônibus e que sofrem em períodos de chuva. Além disso, como o tráfego é intenso, há muita poeira e insegurança no trânsito. Os critérios de escolha decisivos são Simplicidade e Oportunidade. Conta para a escolha da causa o fato de um dos participantes ter descoberto que há um programa de asfaltamento em curso no bairro vizinho e há verba da prefeitura disponível para esse tipo de investimento. O processo decisório inclui uma pesquisa realizada pelos participantes para levantar oportunidades, quem são os atores do poder público que podem ser pressionados e outras informações que impactam na aplicação da metodologia.

No oitavo encontro, a equipe da Minha Campinas programa fazer uma avaliação do curso com os participantes, apresentar a Teoria da Mudança, analisar o documento de estratégia, além de depoimentos sobre como foi o processo do trabalho em grupo. A tarefa é analisar a causa votada sob a ótica da URRRA. O que provoca uma nova discussão sobre a escolha da causa que toma a maior parte do encontro.

A partir do nono encontro, os alunos passam a aprofundar a definição da causa – quais ruas querem que sejam asfaltadas, por exemplo – e a desenhar uma estratégia de mobilização. A discussão fica cada vez menos teórica e mais prática, voltada para a causa em si. A estratégia começa a ser posta em prática. E os recursos financeiros do Fundo Semente precisam ser distribuídos de acordo com a estratégia de mobilização. O grupo decide investir em produção de faixa, contratação de carro de som e outros.

As lideranças debatem e chegam ao título da campanha: “As Faltas Campo Belo”. O prefeito é eleito como ponto de pressão para a mudança. Os participantes saem a campo para levantar assinaturas num abaixo-assinado em papel. Ao mesmo tempo em que a equipe da Minha Campinas coloca no ar um site produzido na plataforma Bonde a partir de sugestões gráficas do grupo e texto também escrito por eles. No site¹⁰⁴, o interessado pode informar seus dados pessoais e assinar um texto que é enviado para o e-mail do gabinete do prefeito de Campinas. Em 19 de fevereiro de 2022, o site contabiliza 719 e-mails enviados.

Uma página é aberta no Facebook, administrada por uma das participantes, Flávia Enoca. A página “Região do Campo Belo em Ação”¹⁰⁵ compartilha notícias

¹⁰⁴ Disponível em: <https://www.asfaltas.minhacampinas.org.br/> Acesso em: 20 dez. 2021.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/RegiaoCampoBeloemAcao> Acesso em: 20 fev. 2022.

sobre a cidade publicadas em páginas de veículos da imprensa, campanhas sociais e imagens captadas por moradores. Além dessas imagens, num uso pessoal da página coletiva, Flávia divulga artes com as ofertas de produtos que vende on-line como forma de se manter e manter sua família.

Ao fim dos 12 encontros do ciclo de formação, o grupo passa a fazer encontros de acompanhamento da campanha com o time da Minha Campinas. São 7 no total, sendo o último encontro formal em 22 de novembro de 2021. A campanha está na rua mas nem tudo sai como desejado. Moradores reclamam das faixas, o texto que acompanharia o abaixo-assinado é modificado por um advogado amigo da participante responsável por protocolá-lo na prefeitura. Ao final, o texto protocolado sequer cita a existência do grupo.

Nos encontros de acompanhamento há momentos para avaliação do caminho percorrido. No quinto encontro de acompanhamento, ocorrido em 8 de novembro, a pergunta da chegada é “Nos conte um antes e depois do processo de formação, algo que tenha mudado em você?”. O que provoca uma série de avaliações por parte do grupo de lideranças. Alguns temas se repetem. Concentramos aqui os mais comentados:

Presença – Consideram que poder fazer os encontros virtualmente foi uma boa solução para a limitação da quarentena, porém acham que teria sido melhor se o curso fosse presencial.

Meio digital – Contam que se perderam com as tarefas e os materiais entregues, e acham que o fato de ser tudo digital atrapalhou na realização das tarefas e na compreensão das informações.

Teoria x prática – Acham que houve muita teoria (“xôxa”). Gostariam de mais prática. Pedem curso para aprender a lidar com plataformas e ferramentas digitais, para “usar a internet”.

Política – Enfrentam dificuldades no contato com o público para mobilizar pela causa e levantar assinaturas porque as pessoas identificam a ação como sendo política.

Em fevereiro de 2022, após o fim da campanha, o grupo de WhatsApp segue ativo, porém com menor volume e frequência de postagens. Alguns dos participantes se envolvem com outros projetos apresentados, mas não necessariamente liderados, pela Minha Campinas. Uma oficina de podcast. Um curso de Comunicação Não Violenta. Cada um compartilha suas lutas e conquistas. Silene Cardoso e Flavia Enoca são das

mais ativas. Silene posta sobre o avanço na luta pela instalação no bairro de um Hospital ou uma UPA, causa apresentada e descartada no grupo para o exercício final. Flavia anuncia seu bazar solidário, posta fotos de ruas enlameadas no bairro e propõe novos temas para mobilizações. Ambas são entrevistadas para este trabalho em conversas individuais em janeiro de 2022.

5.5.2 Abaixo-assinado assinado ou hashtag?

Silene Cardoso dos Santos Souza tem 49 anos, faz faxina em residências e é uma liderança comunitária católica na região do Campo Belo, periferia de Campinas, São Paulo. Ela participa da primeira turma de formação de lideranças do seu bairro, parte da iniciativa Lideração, da ONG Minha Campinas. Ao longo da entrevista realizada em 13 de janeiro de 2022 via Google Meet, Silene conta como desperta para o ativismo e porque faz questão de afastar a ideia de se candidatar: “Mesmo sabendo quem eu sou e qual a minha mente, e meus ideais, e o que eu vou lutar, não tenho coragem. Eu tenho vergonha.”

Católica, Silene lembra dos filhos no bebê conforto ao seu lado nos encontros de casais na igreja. Por seis anos, assume a coordenação dos diversos grupos de trabalho na sua paróquia, quando é responsável por arrecadar verbas, contratar profissionais de manutenção, coordenar eventos e prestar contas.

Um dos filhos passa a estudar no Dom Bosco¹⁰⁶, projeto social mantido pela Escola Salesiana São José. Silene se movimenta e consegue levar para a comunidade um braço do projeto. “Porque tinha o liceu dos ricos, e eu falava que queria o liceu dos pobres”, diz ela. Quando recebe o anúncio de que o projeto será encerrado, Silene produz e manda imprimir folhetos para convocar uma manifestação. O diretor do Colégio liga para ela perguntando por que ia fazer uma manifestação na frente da prefeitura. “Eu falei que não ia na prefeitura, eu ia nele. Aí ele ficou preocupado”,

¹⁰⁶ Centro Profissional Dom Bosco (CPDB), mantido pela Escola Salesiana São José, que funciona em Campinas. Oferece cursos gratuitos profissionalizantes para adolescentes. <http://www.essj.com.br/cpdb/>, Acesso em 14 jan. 2022.

lembra. Como forma de compensação, é instalado no bairro o Instituto Padre Haroldo¹⁰⁷, instituição beneficente católica.

Quando 3 engenheiras trazem o projeto de reforma da Praça Dom Gilberto com a participação ativa dos moradores nas obras, Silene desconfia. “Não queria nem conversa”. Mas ela se envolve, a tal ponto de os meninos da comunidade, revoltados porque perdem temporariamente o campinho de futebol, verem nela a responsável, e decidem ameaçá-la de jogar pneus sobre seu quintal.

Mas a construção física e conceitual de uma nova praça envolve muitos. “Coletamos sonhos das pessoas, fizemos visitas nas casas, veio uma engenheira do Rio, uma de São Paulo e uma de Santos pela Feac¹⁰⁸. E aí a gente conseguiu uma praça fantástica, uma das melhores da região aqui”.

“Através da praça, eles começaram a acreditar. Porque eu também acreditei e comecei - 20 e poucos anos morando aqui - a convencer as pessoas. (...) O povo tava muito descrente disso. E a gente conseguiu conquistar isso de volta.”

A partir daí, Silene segue com um projeto pessoal de doação de cestas básicas que recolhe com diferentes instituições e pessoas físicas. Mantém grupos de WhatsApp para mobilizar uma rede de pessoas que vão em busca das famílias que mais precisam e as avisam para ir buscar as cestas na casa de Silene. Durante a pandemia, se envolve com um projeto da Feac, que conhece durante a reforma da praça. Ela e voluntários visitam as casas dos idosos do bairro e perguntam que tipo de trabalho manual gostam de fazer, compram os materiais e cada idoso produz um presente, que é dado no Natal a outro idoso, num amigo oculto virtual.

Inscrita no projeto Lideração, da Minha Campinas, Silene perde parte das aulas porque precisa apoiar a filha que está grávida e a mãe que está doente. Do curso, valoriza as conexões que fez: “Eu aprendi que tem umas meninas fera ali, viu? Eu aprendi que tem duas pessoas ali que eu gostaria da ajuda delas”. Mas não acha que o uso das ferramentas digitais seja eficaz para mobilização na sua comunidade. Destaca tanto a falta de dinheiro para a internet como a falta de intimidade com o uso dela. Para

¹⁰⁷ Instituto Padre Haroldo, instituição beneficente. Disponível em: <https://www.facebook.com/institutopadreharoldo/>. Acesso em 14 jan. 2022.

¹⁰⁸ A Fundação Feac é fruto de uma primeira doação de uma família da cidade, em 1964, e hoje sobrevive de doações. Atua dando suporte a diferentes instituições de assistência. Disponível em: <https://feac.org.br/quem-somos/nossa-historia/>. Acesso em 14 Jan. 2022.

Silene, o envolvimento da comunidade imaginando o espaço, gerindo as verbas e construindo a praça só foi possível porque a troca foi presencial.

O curso, para além de ensinar o uso das ferramentas, ensina a metodologia da Nossas. Algumas falas de Silene denotam o que ela traz desse aprendizado. Quando lamenta ter aberto de mão de brigar pela instalação de um hospital como mobilização-teste do curso, ela diz que a causa “era algo muito grandioso, de muita complexidade”. A simplicidade e a viabilidade em curto prazo da causa a ser eleita é um tema muito debatido no processo do curso. E é também a principal razão da derrubada, na votação final, da ideia de fazer uma campanha pela construção de um Hospital onde hoje há um posto de saúde.

Ela relata as mudanças que percebe em si e na relação com o poder público a partir das causas que abraçou e depois do programa Lideração. No encontro de avaliação realizado já na reta final do processo, em 22 de novembro, Silene diz que o curso para ela foi fantástico porque “me dá vontade de não desistir”. E conclui: “A nossa função é fazer o certo”.

Decidida a levar adiante a luta pelo Hospital, ao final do curso já está envolvida com a mobilização de parceiros que abram portas junto a atores capazes de atuar a favor da causa. Quer fazer parte da comissão do posto de saúde municipal. Descobre um terreno que diz pertencer à PUC e quer marcar uma reunião com a direção da universidade. “Se eu aprendi alguma coisa é nesse sentido: se você quer, vai atrás.”

Apesar de ter ouvido dos ativistas da Minha Campinas que suas atitudes são políticas, ela diz que tem vergonha só de pensar em se candidatar, uma sugestão constante de suas amigas. Política para ela está intrinsicamente associado a cargo público, eletivo ou não. Silene apresenta dois conceitos em sua fala, reflexo de seu olhar crítico sobre a política. **Real** é o mundo onde vive, o ambiente concreto. E **politicagem** é a forma como os políticos eleitos e o poder público agem sem comprometimento com a comunidade. Um se opõe ao outro. Quando defende a mobilização pela praça, comenta: “Comecei - 20 e poucos anos morando aqui - a convencer as pessoas aqui que é real, que eles podem acreditar, que não é politicagem, não é conversa de política.” E lembra do dia da inauguração da praça: “Nós fizemos tudo da praça. No dia da inauguração o prefeito veio, aí o vereador daqui veio, pegou o microfone e falou o tempo todo. Mas o vereador nunca pisou o pé aqui no processo todinho.”

Silene acredita que é possível promover mudanças sem cargos públicos, ou o que chama de título: “Eu acredito que as pessoas como eu, que tá fazendo alguma coisa assim, pode fazer a mudança. Sem título, sem interesse em ganhar”. Já Flávia diz para o marido: “amor, quem sabe daqui a uns dez anos...”. E ri nervosa quando perguntada se tem interesse em se candidatar a vereadora. “Eu acho que não encararia uma coisa agora porque (...) não sou conhecida (...) a ponto de conseguir tantos votos para ser eleita. Então ainda tem chão.”

Flávia Stefania da Silva Enoca tem 37 anos, é representante de vendas independente de lojas on-line, dona de um negócio de aluguel de decoração de festas, organizadora de um bazar mensal de doações, evangélica e liderança no bairro Singer 2, na região do Campo Belo. Ao lado de Silene, participa do programa Lideração em 2021.

Se Silene tem várias experiências de conquistas, e também de ameaças, Flávia só vivencia uma campanha antes de fazer o curso. Sua primeira experiência com causas acontece quando ainda mora no bairro Vila Vitória. Ela e outras cinco mulheres, numa conversa informal, decidem lutar pelo asfaltamento das ruas principais do bairro. A mesma causa eleita para a campanha-teste do grupo estudado no programa Lideração. Criam um grupo de WhatsApp e partem para a luta. “A gente fez panfletagem, a gente foi de casa em casa, (...) a gente fez uma manifestação na prefeitura, quase 200 pessoas, com faixas. (...) E não tinha nem toda essa prática que a Minha Campinas nos traz, né? Esses mecanismos, essas outras ações que a gente pode tomar sem ter que ir até uma manifestação.”

Esses mecanismos, as ações são as campanhas digitais, mas também os acessos virtuais a dados da prefeitura, os canais de reclamação, a abertura de pedidos on-line e outros. Flávia é uma entusiasta da tecnologia. “Fuçando. Eu sou muito de pesquisar na internet mesmo mecanismos que facilitam.” Mas no começo do Lideração, se pergunta de que forma toda aquela teoria metodológica seria usada. A entrevista com Flávia ocorre em 3 de janeiro de 2022, semanas depois da última reunião do grupo. Neste momento, ela revela uma mudança sobre o aprendizado ao longo do curso e o uso dos meios digitais: “não é só para campanhas futuras ou as que tivemos. Isso é para a minha vida”.

Ao longo da entrevista, revela o seu interesse pela tecnologia e pelas oportunidades que ela oferece. Após o Lideração, se inscreve na Oficina Digital

organizada pela Minha Campinas e administrada pela Ozipa Criativa¹⁰⁹. “Aprendi umas dez ferramentas lá que eu não sabia.”

Além das ferramentas digitais, Flávia conta que aprendeu metodologia de ativação e mobilização: “o curso trouxe essa visão para a gente: de saber enxergar o que tá mais fácil de... o que está mais simples da campanha para gente conseguir resolver. A questão da prioridade, a questão da oportunidade”.

“Eu consegui ter uma visão maior de mapeamento. (...) o curso me ajudou muito a aprender a divulgar (...) captar fundos. A parte da hierarquia da prefeitura, saber onde deve procurar. (...) E eu criei parcerias.”

Mas, assim como Silene, acha que o uso da tecnologia não atinge a todos. “Pensando na minha mãe. Ela tem 65 anos. (...) ela ainda usa só celular, WhatsApp e Facebook. A maioria ela não quer. Não é que vai ser difícil para ela. Ela não quer, ela não tem interesse.” Apesar da resistência, ensaia argumentos para convencer os moradores do bairro a aproveitarem o que chama de facilidades: “Gente, para que que a gente tem que ir na prefeitura? Vamos usar umas hashtag, vamos mandar e-mail no celular, na ferramenta rapidinho.”

Na sua página pessoal no Facebook, Flávia posta vídeos e fotos que mostram as mazelas do bairro. São ruas sem asfalto, chuva que provoca alagamento, lixo acumulado. Nos posts, marca o perfil do prefeito e de vereadores, usa hashtags com termos que facilitam a indexação e colaborem com o algoritmo. Usa as ferramentas que aprendeu, mesmo sem saber como funciona o programa. Ela diz acreditar na política como ferramenta de mudança. “Eu odiava político. Até que eu aprendi no curso que tudo isso que a gente fala é política, né? Então a gente tem que usar o lado bom de tudo isso para construir grandes coisas.”

Mesmo sonhando com um dia se candidatar a vereadora, faz questão de separar as suas atitudes do que Silene chama de politicagem: “Não é aquele político de votos, mas é discutir assuntos para melhoria de alguma coisa”. A experiência pessoal reforça a imagem negativa que tem do político tradicional: “E nessa última reunião que fomos na prefeitura, o secretário de infraestrutura falou exatamente. Usou essa fala: quem não chora não mama”.

¹⁰⁹ Disponível em: <https://www.ozipacriativa.com.br/>. Acesso em 21 fev. 2022.

Outro ponto em que Silene e Flavia concordam é na percepção de que a maioria das pessoas no seu entorno não se interessam em participar, em lutar pelos interesses da coletividade. “Eles não querem trazer para si a responsabilidade de lutar por um bairro melhor, de conservar o que você já tem.” Ela vê um caminho para conseguir resultados: “Um dos líderes que fazia parte nessa última manifestação, ele falava muito que os vereadores, os prefeitos, os deputados são nossos funcionários. Nós somos os chefes deles. Então temos que pôr eles para trabalhar”.

Silene e Flávia trocam mensagens pelo celular para combinar um encontro. Flávia recebeu doações de cestas de alimentos. Silene tem uma rede de voluntários para distribuí-las. Seja através de uma ferramenta simples como o WhatsApp, ou num site com disparador automático de e-mails como o sonhado por Flávia, elas usam as ferramentas que possuem para modificar a realidade de seu bairro. Flávia tem certeza de que com as ferramentas digitais, fica mais fácil. “Saber que você não precisa de grandes coisas, que você pode usar o que tem ali nas suas mãos para fazer a diferença.”

6 ANÁLISE COMPARATIVA

Castells (2013) defende que o legado de um movimento social é a mudança cultural que produz. “Legado” é uma palavra recorrentemente usada pelos entrevistados, assim como “Propósito”. São duas palavras carregadas de sentidos morais e que têm seu uso intensificado nas últimas décadas, tanto no meio ativista quanto no meio empresarial. Elas estão na borda do foco deste estudo, tangenciam o olhar objetivo que procuramos ter na investigação sobre os modos de operação do ativismo digital dos casos em análise e seus impactos sobre as instituições e as pessoas. Vamos deixá-las de lado nesta comparação.

Mudando o foco dentro da frase de Castells, nos interessa a mudança cultural que produz o movimento. Para analisar comparativamente cada um dos casos estudados sob a ótica da mudança, tomamos como base os depoimentos dos entrevistados. E agrupamos conforme explicitado no início do trabalho (página 36): o caso isolado da torcida Botafogo Antifascista; e os casos associados à ONG Meu Rio: Escola Municipal Friedenreich, Rede Nossas, Minha Jampa e Minha Campinas/Programa Lideração. No processo de estudo de cada caso, as entrevistas são base fundamental. Analisadas pela

metodologia da Grounded Theory, elas permitem um aprofundamento não só nas práticas – observadas e mapeadas nos capítulos dedicados a cada caso – mas também no impacto da adesão ao ativismo digital sobre a vida de cada entrevistado e no impacto do ativismo sobre as instituições.

A partir do ato de dissecar as entrevistas linha a linha e depois agrupá-las em temas comuns, nascem 6 categorias que permitem campos de comparação do processo de mudança cultural:

1. A Mudança Institucional;
2. Atuação em rede;
3. Política. Antes e depois do ativismo;
4. A construção do ativismo e da liderança;
5. O papel do meio digital;
6. Perspectivas pessoais sobre engajamento, propósito e mudança.

Analisamos a seguir cada categoria dividida em quadros temáticos com trechos dos depoimentos colhidos de ativistas dos casos estudados: Ivo Mineiro, da torcida Botafogo Antifascista; Guilherme Santos e Carolina Martins, da Escola Municipal Friedenreich; Jerlan Alves da Silva, Marne Thereza de Lisieux Silva e Lima, e Evanielly Sheyla Velozo Silva (que se apresenta como Vani), da Minha Jampa; e Silene Cardoso e Flávia Enoca, do programa Lideração, organizado pela Minha Campinas.

6.1 A mudança institucional

Seis instituições são analisadas ao longo desse estudo. O Meu Rio, a Rede Nossas, a Minha Campinas e a Minha Jampa, organizações irmãs, são peças introdutórias que servem de porta de acesso às pessoas ativistas. E são organizações criadas com o foco do ativismo digital no ambiente político. Já a torcida organizada Botafogo Antifascista e a Escola Municipal Friedenreich são impactadas pelo ativismo, catapultadas ao protagonismo à sua revelia, graças ao aparato digital. Esse processo típico do novo programa reconhecido e conceituado por Flusser é o foco da análise neste tópico.

Quadro 6 - Casos comparados – Mudança institucional

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich
(...) não era função da Botafogo Antifascista organizar o protesto, a manifestação oficial entre aspas pela morte da Marielle. Era uma função muito mais da família, do partido, da corrente interna do partido que Marielle fazia parte, e não da gente. (Ivo)	O responsável veio para nossa escola fazer matrícula e disse que nossa escola era de esquerda, uma escola que formava comunistas, que não iria deixar o seu filho ali. (...) A escola ficou com essa identidade. (Guilherme)
Muitas pessoas começaram a ver a Botafogo Antifascista como algum tipo de organização para fora do esporte, que nunca foi exatamente a nossa intenção. (Ivo)	Esse vínculo identitário está relacionado ao processo da escola. Porque quem passou por aquele processo adquiriu experiências que são únicas. E essas experiências muitos querem voltar a ter. (Guilherme)
Começaram a cobrar a gente sobre o nosso posicionamento em relação às eleições. (Ivo)	A Friedenreich virou um espaço de resistência. (Guilherme)
É isso: muitas pessoas curtem achando que é uma página de movimento de esquerda qualquer, só que a gente tem objetivos específicos. A gente nem quer ser tão grande. A gente quer ter um número considerável para poder fazer as reivindicações dentro dos jogos do Botafogo. (Ivo)	Uma vez passou uma pessoa dizendo que tinha um filho de 2 anos, disse que tinha estudado lá em 2009, e queria colocar o filho para estudar ali também. “Porque eu passei por aquele processo desde o início de incerteza de demolição, e eu adquiri experiências maravilhosas, experiências políticas, porque a escola saiu do seu muro para tentar de alguma forma proteger o coletivo.” (Guilherme)

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Quando o aleatório inscrito no programa das mídias sociais alavanca uma página de torcida de futebol autointitulada antifascista ao papel de mobilizador de manifestações políticas, ele atua de forma indelével mudando a instituição, sua atuação, a forma como é vista e a forma como seus participantes a veem. Quando uma escola municipal se torna alvo de disputa política amplificada pelas mídias sociais, ela deixa de ser apenas um local de ensino para se tornar um símbolo, positivo de resistência para uns, negativo de esquerdismo para outros.

O acaso na mobilização do público para as manifestações contra a morte da vereadora Marielle Franco no caso da página Botafogo Antifascista atua gerando ruído na rede social e subvertendo o papel original da página e até mesmo da rede social. Na campanha #EscolaNãoSeDestroi, é o conflito de intenções do poder público de um lado

e da comunidade escolar articulada pelo Meu Rio de outro que gera o engajamento voluntário e intencional. Primeiro, um engajamento circunscrito à comunidade. Uma forma importante de troca, porque fortalece e constrói aprendizagem, gera laços que são fundamentais e mantém a campanha viva. Depois, a campanha atrai pessoas que não têm relação com a escola, catapultada pela exposição na imprensa e na internet.

Essas trocas geram novas possibilidades de interação – com outras torcidas e campanhas de políticos para a Botafogo Antifascista e com ativismos do #NãoVaiTerCopa e outros equipamentos ameaçados de demolição, para a Escola, por exemplo; e com usuários das mídias sociais que se engajam numa defesa virtual. Essas são relações empáticas que se constroem tanto nas poucas horas em que se desenrola o evento da torcida quanto ao longo dos meses da campanha da Escola. O tempo aqui não é determinante. O que determina o volume de interação e mobilização é a capacidade de politização das imagens técnicas, o uso subversivo da ferramenta mídia social para catalisar interesses múltiplos do público e cocriar as ações com a comunidade virtual. Nesse espaço aberto no contrafluxo da produção frenética de imagens pode-se até imaginar a possibilidade, rara, da existência de uma breve relação EU-TU (Buber, 1979).

Porém essa conversa pública através dos meios digitais também gera espaço para uma onda de relações EU-ISSO. Escola e torcida são vistas por um outro público como objetos a serem atacados, com ameaças físicas, xingamentos virtuais e presenciais, reações a símbolos que são decalcados sobre elas pelo programa. O enfrentamento entre as posições que permitem uma visão heroica e uma visão vilanesca dessas instituições por parte do público acaba empurrando tanto a torcida quanto a escola para um novo lugar, uma nova identidade.

Quem provoca a mudança não é a instituição, mas o programa que dá ao público a possibilidade de agir como um fotógrafo que dança em torno do objeto. Dependendo da posição em que escolhe para si, o observador odeia ou ama a instituição. A escola e a torcida passam a agir em função dessas visões, que não são contraditórias, são as mesmas. O que muda, não é o que o usuário da rede vê nas instituições, mas a sua opinião a respeito do que vê. As palavras usadas pelos usuários vão se decalcando à identidade da torcida e da escola. Até que as próprias instituições assumem esses decalques como seus, eles os integram à sua institucionalidade, modificando-a.

6.2 Atuação em rede

Quadro 7 – Casos Comparados – Atuação em rede

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
A gente está pensando em fazer uma ação com os tricolores de esquerda. (Ivo)	As pessoas não acreditavam. A participação do Meu Rio foi fundamental para mostrar esses caminhos, para mostrar a importância da pressão popular, mas também por acreditar. Porque quando todo mundo fala que não é possível, e a gente não sabe como fazer, fica muito mais difícil. (Carolina)	A gente queria se mostrar como uma ferramenta, com uma plataforma para o cidadão comum, mas também para pessoas que já estavam organizados há muito tempo. (...) quando a gente vai trabalhar alguma campanha, a gente procura organizações, um grupo que a gente conhece que é bem atuante nessa causa. (Jerlan)	Hoje uma mulher me mandou uma mensagem dizendo que estava precisando de alimentos. E a Silene, do grupo, tem uma ONG que trabalha com cestas. E eu criei parceiras. Porque o Elves também participa de ONGs que dão cesta básica. (...) São parceiros para a vida toda. (Flavia)
	(...) os movimentos sociais, eles também acolhiam a nossa escola e compartilhavam as publicações do Meu Rio. (Guilherme)		Eu aprendi que tem umas meninas fera ali, viu? Eu aprendi que tem duas pessoas ali que eu gostaria da ajuda delas. (Silene)
	(...) apoiava algum ato do Júlio Delamare, do Célio de Barros. Então a gente se conhecia, a gente procurava estar no ato da Aldeia Maracanã. A gente estava sempre junto. Um apoiava o outro. (Carolina)		

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A conversa que atravessa o programa cria vínculos entre as instituições e as pessoas. Essa troca gera o que Marne chama de uma “Rede de Ação”: várias instituições e pessoas atuando com um mesmo objetivo. A Rede de Ação fortalece o âmbito

operacional, pois permite reunir saberes complementares, ampliar a capacidade de mobilização, atuar em diferentes ambientes.

Para além das questões práticas da operação, há também os ganhos intangíveis. Racionalmente ou instintivamente, nos casos analisados, os ativistas procuram parcerias externas capazes de construir uma rede de pertencimento que os apoia e traz conforto emocional, como lembrado por Carolina em relação ao Meu Rio.

O programa hoje está desenhado para que a conversa privada seja pública. Para que o diálogo feito de dois seja feito de muitos. Não é à toa que fazem sucesso os influenciadores que comentam jogos de videogame, ou que reagem a séries do streaming¹¹⁰. O papo do sofá virou papo de botequim, e é transmitido ao vivo.

Porém, as grandes marcas anunciantes ainda atuam nas mídias sociais como se estivéssemos no broadcast. Postam anúncios, promovem influenciadores, esperam comunicar em um único sentido e uma única direção. Mas a rede digital está construída de forma muito mais caótica e múltipla, onde vários falam ao mesmo tempo, vozes se sobrepõem, mensagens contraditórias circulam em diferentes bolhas e acabam se encontram através de nós fracos da rede.

A criação de uma rede de apoios é uma forma de aproveitar o desenho e a dinâmica do programa e de subverter a razão de ser comercial das redes digitais. É uma forma de estourar a bolha, conversar com diferentes públicos, ouvir diferentes opiniões. Quanto mais intenso o diálogo e a participação no ambiente digital, maior a possibilidade de surgirem soluções novas, porque a troca abre terreno para a cocriação, espaços onde a diversidade pode até gerar novas riquezas. É o oposto do conceito comercial da cauda longa¹¹¹.

¹¹⁰ A plataforma Twitch, que pertence à gigante Amazon, começou como uma rede baseada em vídeos dedicada à transmissão de informações sobre videogames. Os influenciadores digitais comentaristas nasceram ali e se expandiram para outras plataformas mais populares como o Youtube. E hoje são estrelas do mundo digital, como Gaules e Casemiro.

¹¹¹ O conceito cauda longa foi criado pelo jornalista especializado em marketing e publicidade Chris Anderson. Ele se refere à revolução causada pela internet nos modelos de negócios para públicos de nicho. Através da internet é possível manter até o mais incomum hábito de consumo. O que permite aos produtores e vendedores de produtos de nicho manter um volume de clientes rentável espalhado pelo globo, diferentemente da época em que as lojas físicas só alcançavam o público existente em sua região.

6.3 Política. Antes e depois do ativismo

Quadro 8 – Casos comparados – Os efeitos do ativismo

(continua)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
<p>A nossa bandeira é a democratização do esporte. (...) Uma meia-entrada R\$ 40,00 é um absurdo. Vai excluir o povo trabalhador que não consegue ir pro jogo com os filhos, com a família inteira. (...) Gritar coisas para a mãe do juiz, ou então para a torcida adversária (...) expõe uma parte da torcida que gostaria de ir lá apoiar o Botafogo, mas não se sente confortável naquele ambiente hostil. (Ivo)</p>	<p>Vou me posicionar politicamente também porque acho importante. A gente tem que colocar e falar que foi um interesse político e empresarial. Eu começo a pensar agora sobre aquele espaço geográfico, quanto interesse lucrativo, de quais formas eles poderiam aproveitar aquele espaço tirando uma escola. (...) o Estado, representado por agentes públicos, na época o governador Sérgio Cabral, tinham algum tipo de interesse ali que a gente não conseguia entender (Guilherme)</p>	<p>A forma como a política era no tempo de minha infância e adolescência, era uma coisa muito distante. (...) O marco do Bolsa Família para mim diz muito sobre aquelas pessoas saírem da porta desses políticos. (Marne)</p>	<p>Nós fizemos tudo da praça. No dia da inauguração o prefeito veio, aí o vereador daqui veio, pegou o microfone e falou o tempo todo. Mas o vereador nunca pisou o pé aqui no processo todinho. (Silene)</p>
<p>A gente só fica lá torcendo e não compactuando com algumas coisas com as quais a gente não concorda dentro dos estádios. (Ivo)</p>	<p>A partir do momento em que a gente começou a entender e a frequentar esses espaços, a gente começou a entender o posicionamento do legislativo. Aquilo não era uma coisa de fora, é nosso. (...) a gente pode e deve frequentar. (Carolina)</p>	<p>Na realidade, eu nunca soube exatamente o que era política. Acho que o que eu via como política era só partidária, vê corrupção, vê políticos envolvidos em esquemas, vê a coisa cara, inflação, essas palavras-chave, né? (Jerlan)</p>	<p>Através da praça, eles começaram a acreditar. Porque eu também acreditei e comecei - 20 e poucos anos morando aqui - a convencer as pessoas aqui que é real, que eles podem acreditar, que não é politicagem, não é conversa de política. (Silene)</p>

Quadro 8 – Casos comparados – Os efeitos do ativismo

(continua)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
<p>A gente recebeu uma mensagem dizendo "não misturo time com política". Aí a gente falou: "vamos misturar sim, futebol e política". (Ivo)</p>	<p>(...) uma parte dos pais, e até das crianças eu ousaria dizer, se apropriaram um pouco do que um vereador faz, do que é feito na Câmara, do que é feito na Alerj, a diferença entre vereador e deputado. (Carolina)</p>	<p>É algo que chegou para mim através dessa pauta ambiental. E aí, depois, eu vi que isso é uma coisa muito mais ampla, que tinham instituições, que tinha Câmara, que tinha Prefeitura, e que você vê a organização das coisas, tudo vai se conectando, tudo vai se ligando. E você meio que fica viciado naquilo ali. Tem esse encantamento muito grande. (Jerlan)</p>	<p>Eu odiava político. Até que eu aprendi no curso que tudo isso que a gente fala é política, né? (Flávia)</p>
<p>Existe esse grupo Torcedores pela Democracia que, em 2018, foi muito ativo. Teve uma manifestação muito grande entre o primeiro e o segundo turno, uma manifestação pró Haddad que tinha frente de todos os coletivos, o bloco das torcidas antifascistas estava muito grande.</p>	<p>Hoje, quando a gente conversa que a escola é política, é porque a gente aprendeu a ser político. (Guilherme)</p>	<p>Eu acho que todos os outros têm sua importância e seu impacto, mas eu acredito que no ativismo político eu consigo enxergar muitas possibilidades do potencial transformador. Na medida em que a gente consegue incidir numa determinada política, eu consigo ver que é possível uma mudança estrutural a partir disso. (Marne)</p>	<p>Eu aprendi que as pessoas falavam muito que nós somos os fiscais, nós vamos pôr aquelas pessoas para trabalhar. (Flávia)</p>
		<p>Política é viver em sociedade. Não é apontar erros, não é só apontar quem deve fazer o quê. Tem essa dimensão de você lidar com problemas, de você negociar, de estar disposto ao diálogo, inclusive com pessoas que você não imaginaria estar dialogando. Eu acho que ela pega todo mundo de surpresa. (Jerlan)</p>	

Quadro 8 – Casos comparados – Os efeitos do ativismo

(conclusão)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
		Acho que o meu propósito mudou muito nesses anos de contato direto com a política local. (...) Eu acho que o trabalho da Minha Jampa, juntando tanto essa criação de campanhas como também essa parte dos projetos que a gente acabou adotando como um pilar de atuação, se tornou muito importante para dar sentido a algumas coisas. (Vani)	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os ativistas da Minha Jampa são pessoas com envolvimento ou interesse em política anterior à sua atuação na ONG. Ao longo das entrevistas, Jerlan, Marne e Vani exploram seu interesse sobre política com a autora dessa dissertação. E chegam a revelar descobertas que acontecem ali, enquanto conversamos. Vani nasceu e cresceu em Bonito, interior de Pernambuco. Marne em Mamanguape, na Paraíba. As duas compartilham a experiência de ver o desaparecimento das filas de pedintes na porta dos vereadores após a criação do Bolsa Família. Vani diz que a mãe sempre frequentou manifestações políticas. E se surpreende: “eu nunca tinha feito essa ligação de como isso (*a participação da mãe*) tinha me influenciado a entrar em Ciências Sociais aqui e, num primeiro momento do curso, a me interessar por Ciências Políticas”.

Jerlan conta que acordou para a importância da política a partir de dois fatos: o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, e a convivência com as professoras na Faculdade de Química, onde esteve envolvido com pesquisas ligadas ao meio ambiente. E aí se dá conta de que a primeira causa abraçada pela Minha Jampa é justamente a defesa da Barreira do Cabo Branco, uma causa ambiental.

A equipe da Minha Jampa é franca em afirmar que seus interesses pessoais impactam na escolha das causas. Mas e como as causas impactam nas suas escolhas

peçoais? Vani responde: “Acho que o meu propósito mudou muito nesses anos de contato direto com a política local”.

Já os ativistas da Escola e do programa Lideração, da Minha Campinas, são pessoas empurradas para a atuação política. Já na Escola, eles reagem frente à ameaça de demolição. No caso de Silene e Flávia, é a posição vulnerável em que se encontram, num dos bairros mais pobres de Campinas, que as provocam, acrescido do fato de já serem lideranças em suas respectivas comunidades religiosas. O curso promovido pela Minha Campinas é uma forma de conquistar conhecimento, novas estratégias e rede de relacionamento.

Ao rememorar a forma de ver a política antes do exercício do ativismo e do curso, elas desenham uma imagem do político corrupto, preocupado só com seus interesses, que gera inflação, é inepto para a gestão pública, e está imerso em uma ordem regida por processos inacessíveis e desconhecidos. Ao longo do processo de construção do ativismo, percebem que é conquistado conhecimento sobre o funcionamento da máquina pública e uma percepção comum de que “tudo é política”. Ou, dançando para buscar outro ângulo para esta frase, como propõe Flusser, a política é de todos. Como diz Carolina: “Aquilo não era uma coisa de fora, é nosso”.

A política partidária, a política gestora do bem público, a política burocrata, a política corporativista, a política que vive do voto. São muitas políticas atacadas nas mídias sociais, é o sinal de uma instituição desgastada, que não dá conta mais da realidade plural, diversificada, que se move em rede.

Na época da fundação do Meu Rio, o surgimento de aplicativos, sites, ferramentas digitais que permitiriam integrar o eleitor à máquina decisória dos investimentos públicos, para propor e para fiscalizar, parecia ser uma solução para o descolamento da máquina governamental da realidade do eleitorado. Puro processo reformativo, que a própria máquina digeriu e anulou. Boa parte dessas ferramentas se tornaram meros produtores de novas imagens técnicas discursivas.

Entrar em contato com o dia a dia da máquina enferrujada muda a percepção da política de todos os entrevistados. Eles trazem em suas falas um olhar com o frescor da descoberta: “vamos misturar sim, futebol e política” (Ivo), “a gente aprendeu a ser político” (Guilherme), “nós vamos pôr aquelas pessoas para trabalhar” (Flávia). Os depoimentos apontam um desejo de que a máquina enferrujada dê conta dos objetivos

para a qual teria sido criada. Hoje ela não pode dar conta desses objetivos porque é uma instituição do período histórico, e vivemos num mundo pós-histórico.

Como fazer o vereador citado por Silene trabalhar pela comunidade se ele está preocupado em ir à comunidade gravar um vídeo com o discurso de inauguração da praça reformada pelas mãos e pelas ideias dos moradores? E subir o vídeo o mais rapidamente possível na sua rede social antes que outro conte outra história. O virtual é mais urgente que o presencial. A rede tem fome e precisa ser alimentada. A gestão pública demanda estudo, análise, aprofundamento. A imagem técnica demanda volume, rapidez e conhecimentos superficiais.

Entender o funcionamento da máquina enferrujada é fundamental para atuar sobre ela. Mas entender o funcionamento do dinâmico aparato gerador de imagens técnicas também é. Quando unem essas duas formas de conhecimento, os ativistas digitais podem até conquistar mudanças em suas localidades. Mas a máquina está enferrujada e não sabemos o que a substituirá. Ivo, Carolina, Guilherme, Marne, Vani, Jerlan, Flavia e Silene estão ajudando a moldar uma nova política, feita das traquitanas da velha máquina e das imagens do novo aparato.

6.4 A construção do ativismo e da liderança

Quadro 9 – Casos comparados – A construção do ativismo

(continua)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
Quando o evento começou a ter uma proporção que a gente nunca esperou e que a gente nunca imaginava que fosse atingir, aí a gente percebeu que era tarde demais e que a gente tinha que começar a organizar de fato como seria aquilo. (Ivo)	Na época a gente brincava que a gente só compartilhava entre a gente. Só a gente posta e compartilha. No início, bem no início, parecia que a gente estava falando para ninguém. (Carolina)	Eu tinha umas professoras muito boas. Elas começavam a despertar essa veia ativista, de tentar oferecer soluções para o governo, oferecer soluções para empresas, de a gente fazer a nossa parte como cidadão. Tentar achar o nosso lugar na cidade. (Jerlan)	O povo quer mas eles não querem fazer. Eles querem que alguém faça por eles. Alguns arregaçam as mangas e fazem. Mas a grande maioria quer que faça por eles. (Silene)

Quadro 9 – Casos comparados – A construção do ativismo

(continua)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
<p>Eu estava em casa vendo jogo. E aí eu soube que a Marielle tinha morrido. Eu fui falar com a minha irmã. (...) E aí fiquei no laptop organizando o evento com a minha irmã. (Ivo)</p>	<p>Uma vez eu estava parado no palácio do governador, em Laranjeiras, e parou um senhor com um carro muito bonito e me chamou de vagabundo. Ele falou que eu estava fazendo vagabundagem porque eu estava defendendo uma escola. (Guilherme)</p>	<p>Eu não estava interessada na política institucional. Eu estava interessada em como os grupos se organizavam para conseguir algumas melhorias para a cidade. Acho que tem muito a ver com a universidade, com a minha família, de onde eu venho, e da necessidade de conhecer João Pessoa de outro modo. (Vani)</p>	<p>As pessoas se isentam muito dessas responsabilidades. Eles não querem trazer para si a responsabilidade de lutar por um bairro melhor. (Flávia)</p>
<p>Aquela noite eu não dormi. Foi uma mistura de sentimentos muito esquisita. Porque primeiro foi um luto, uma coisa que ninguém esperava, um assassinato muito surpreendente. E aí, depois, toda a adrenalina e a responsabilidade de ter que fazer aquela parada que ninguém estava esperando. (Ivo)</p>	<p>Eu pelo menos tentava, não só com a conversa, mas também com a publicação, sempre dialogar. Compartilhava aquilo que eu estava vivendo. Então, “olha, gente, a escola é pública, a escola é nossa. A gente não está pedindo uma coisa absurda. É dinheiro público. Porque o edifício público que está em perfeito estado vai ser demolido e vai se gastar mais? Onde que nossos filhos vão ficar?” (Carolina)</p>	<p>A gente tem um olhar viciado, acostumado com algumas atrocidades, com alguns atropelos, vacinado em relação a isso. E aí, pessoas quando chegam novas e veem algumas coisas, é até bonito ver aquela indignação, aquela coisa genuína. (Jerlan)</p>	<p>Começamos na rua a conversar e viu que “não, gente, há tantos anos e isso não foi pra frente. Vamos juntar forças e correr, né?” (Flavia)</p>

Quadro 9 – Casos comparados – A construção do ativismo

(continua)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
A gente começou a receber muitas ameaças. “Vou te bater”. Coisas de agressão física mesmo. Eu apaguei meu Facebook, nessa época. (Ivo)	Não havia limite em jogar bomba, e avançar onde tivesse criança. Nem a polícia nem ninguém tinha melindre com relação a isso. Então a gente começou a perceber que era muito complicado a participação das crianças nesses atos. (Carolina)	Juntar a tecnologia, e juntar pessoas, juntar um público jovem legal e usar muita criatividade para causar impacto. Isso é uma coisa que brilha muito. (Jerlan)	Queriam tacar pneu aqui em casa. Hoje eles olham o campo, a praça, “Nossa, que lindo. Ficou fantástico”. (Silene)
Apesar de ser um movimento muito desorganizado, de vez em quando, aleatoriamente, tem umas coisas que alcançam um público que a gente não esperava. (Ivo)	Tive inclusive problema em casa porque meu marido tinha receio de que alguma coisa acontecesse. Apesar de ele acreditar, ele ficava um pouco receoso. E na época eu também passei por uma cirurgia, e acho que em um mês, é em um mês, eu voltei para a rua. (Carolina)		Coletamos sonhos das pessoas, fizemos visitas nas casas, veio uma engenheira do Rio, uma de São Paulo e uma de Santos pela Feac. E aí a gente conseguiu uma praça fantástica, uma das melhores da região aqui. (Silene)

Quadro 9 – Casos comparados – A construção do ativismo

(conclusão)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
	<p>Teve um ato que a gente fez na Prefeitura, nós levamos os alunos para o centro administrativo e fizemos uma aula coletiva sobre política, o que era política, o que era democracia, para os nossos alunos. Os guardas municipais se demonstravam muito agressivos, mas a gente não saiu da nossa manifestação e a gente continuou até o término do ato. E ali, para a gente, foi uma demonstração de força muito grande e apoio da sociedade. (Guilherme)</p>		<p>Eu descobri através do curso que eu posso sim me engajar na comissão do posto de saúde, e tentar chegar por reunião, por fora, e tentar trazer. (Silene)</p>
	<p>Em 2018, ou 2019, a gente ficou sem professor. E rapidamente essa publicação foi parar nas redes sociais e foi parar no jornal. Então os pais conseguiram se articular e levaram um problema que estava acontecendo na nossa escola para os jornais. E rapidamente apareceu um professor. (Guilherme)</p>		

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A reação de Ivo Mineiro ao ser engolfado pela onda de comentários e pedidos no Facebook é correr para o quarto da irmã e compartilhar com ela a gestão coletiva do evento. Ser ativista não é para amadores? É sim, também. O programa não distingue experts de iniciantes, o aleatório pode catapultar qualquer um para o protagonismo. O ativismo não é necessariamente uma escolha pessoal. Pode ser um evento aleatório que arremessa o indivíduo no centro de um acontecimento.

O ideário de herói solitário que está impregnado no nosso inconsciente exige um ativista em posição de batalha para enfrentar o gás lacrimogêneo, um hacker escondido num porão vivendo de shakes e batatas fritas e munido de códigos binários subversivos. Mas o ativista pode ser só alguém que precisa compartilhar o luto pela morte de Marielle, para só então enfrentar no laptop a avalanche que se abate sobre a página de torcida de futebol que administra.

No ativismo do mundo pós-histórico, ainda ecoa o ideal heroico do mundo histórico, como o jovem chinês que se coloca frente a um tanque na Praça Celestial¹¹². É uma atitude corajosa transformada em imagem técnica para alimentar a rede e gerar entretenimento para os entorpecidos. O modelo heroico está ultrapassado como possibilidade subversiva.

O ativismo não tem um formato predeterminado. O ativista não precisa ser um expert em tecnologia ou programação. Pode ser anônimo, pode ser solitário, ou não. É ativista a atitude das pessoas que subscrevem cartas de apoio, que compartilham posts, que clicam em ferramentas que disparam e-mails para decisores. Não tem romantismo, mas pode trazer mudanças.

A construção do ativismo pode ser consciente ou intuitiva, fruto de uma decisão pessoal ou uma resposta a uma pressão externa. O ativismo digital pode ser barulhento ou discreto, coletivo ou pessoal. O que os depoimentos trazem em comum é que, depois de entrar em contato com o ativismo e obter resultados concretos, esse é um conhecimento constituinte do indivíduo.

¹¹² O massacre da Praça da Paz Celestial aconteceu em junho de 1989. Estudantes faziam greve de fome na praça e manifestantes circulavam pelas ruas do entorno quando o exército chinês atacou. Em meio ao caos, as câmeras de redes de TV ocidentais capturaram a imagem de um jovem, de camiseta branca, se colocando frente a um tanque e barrando seu avanço pela praça.

E o aprendizado não morre com o indivíduo, sobrevive no coletivo. Anos depois do movimento de defesa da Friedenreich, Guilherme vê os pais e responsáveis da Escola se movimentando através das mídias sociais para conseguir um professor para uma vaga em aberto. Estes pais não são necessariamente aqueles da época da Copa, mas o que foi apreendido pela comunidade escolar está preservado. O ativismo através da internet é constituinte do ser coletivo desta comunidade escolar.

A atitude ativista exige a primeira pessoa: Eu sou ativista. O que se traduz em “trazer para si a responsabilidade” (Flávia). Como o ambiente pós-histórico é o ambiente da primeira pessoa, onde o que o EU faz é interessante - não importa a sua banalidade, desde que fotografado o ato ganha curtidas na rede -, esse protagonismo do ativista corre com fluidez pelos links da rede. Porém, esse não é um EU líder de outros pequenos EUs diluídos na multidão. É um EU coreógrafo e coreografado, capaz de se conectar em rede com outros EUs e buscar pontos em comum, promovendo ações temporárias de consenso.

6.5 O papel do meio digital

Quadro 10 - Casos Comparados – Como o digital intervém

(continua)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
<p>Eu só vi o evento e fiquei: “ué, mas, a gente não combinou isso, a gente não organizou isso”. Só que em minutos já tinha mais de mil pessoas confirmadas no evento. E foi isso. A gente meio que foi forçado a organizar aquilo. (Ivo)</p>	<p>Quando participei das manifestações da Friedenreich, o Meu Rio e a escola... os atos eram divulgados pela rede social. Os encontros eram marcados pela rede. E indo para a rua, eles eram acompanhados principalmente por pessoas que ficavam filmando os protestos, a Mídia Ninja. E quem não podia ir para a rua ficava na internet pressionando pelo Twitter, pelo e-mail. (Guilherme)</p>	<p>Eu achei muito massa. A gente poder utilizar a tecnologia para se aproximar o cidadão (Jerlan)</p>	<p>Não tinha nem toda essa prática que a Minha Campinas nos traz, né? Esses mecanismos, essas outras ações que a gente pode tomar sem ter que ir até uma manifestação. (Flávia)</p>
<p>Acho que qualquer coisa que fizesse um evento naquele momento teria repercussão, teria milhares de compartilhamentos, e centenas de milhares de confirmados. Acho que foi muito mais uma questão do tempo, do timing da coisa, do que de quem fez. (Ivo)</p>	<p>O Meu Rio veio mostrar um caminho que a gente não conhecia. Era um caminho muito novo na época, até então a gente não tinha essas ferramentas. (...) Essa forma de pressão foi válida e importante, permitiu, democratizou a forma de os pais participarem, e das crianças também se informarem, e tentarem entender o que estava acontecendo e também legou isso a elas. (Carolina)</p>	<p>A gente está falando de tecnologia, e tecnologia é uma coisa incrível, que tem muitas faces e camadas de atuação. (Jerlan)</p>	<p>Uma coisa que essa coisa da tecnologia, da divulgação, o curso me ajudou muito a aprender a divulgar, o mecanismo de divulgar. (Flávia)</p>

Quadro 10 - Casos Comparados – Como o digital intervém

(continua)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
<p>A gente tinha 1.500 curtidas antes do evento. No dia seguinte a gente tinha 10 mil curtidas. Mudou muito. A gente é uma página que começou sendo muito de nicho. Nicho do nicho. São botafoguenses, que já não são muitos, e de esquerda. (Ivo)</p>	<p>Então é uma dinâmica que não facilita a participação das pessoas. E o fato de as pessoas poderem entrar e pressionar virtualmente democratizou essa participação. Eram diferentes maneiras. (Carolina)</p>	<p>A gente nasce dessa ideia: ser uma ponte entre os pessoenses e a política, a política do dia a dia. A gente (...) quer traduzir o politiquês, mostrar que cidadania não é só apertar no botãozinho de assinar a petição. (...) Mas é uma porta, é um caminho (...) para quem está tão cansado, para quem não tem tempo porque tem que botar comida na mesa, para quem tem que trabalhar e pegar 4 ônibus por dia, isso já é alguma coisa. (Jerlan)</p>	<p>A gente quer abraçar as coisas mais difíceis. Mas o curso trouxe essa visão para a gente: de saber enxergar o que tá mais fácil. (Flávia)</p>
<p>Os nossos números são sempre muito turbulentos. Muitas descurtidas só que, ao mesmo tempo, tem muita curtida. Porque dentro da lógica do algoritmo, quanto mais gente curte as postagens, mais gente vê, em geral nossa página cresce. Tem sempre mais seguidores do que desseguidores. (Ivo)</p>	<p>Os movimentos de alguma forma tentavam ser articulados. Enquanto estava ocorrendo uma manifestação na rua, estava ocorrendo também na rede social. (Guilherme)</p>	<p>As redes sociais são um laboratório onde a gente pode fazer muitos testes. Mas é um espaço onde a gente pode expor o nosso ponto de vista, e onde a gente pode ir ajustando a narrativa. (...) as redes sociais para nós, ativistas, permite esses testes, esse laboratório para engajar as pessoas. (Jerlan)</p>	<p>Você pode fazer a diferença usando o digital. (Flávia)</p>

Quadro 10 - Casos Comparados – Como o digital intervém

(continua)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
<p>Depois da Marielle a gente tinha 10 mil curtidas. E aí, depois do período das eleições, que a gente teve muita descortida mas a gente ganhou mais, e a gente foi a 13 mil. Só que aí, depois desse vídeo, a gente chegou a 20 mil. 22 mil pessoas, que é o que a gente tem hoje em dia. Existem esses saltos depois que a gente explode em algum momento. (Ivo)</p>	<p>A partir do momento em que isso foi entrando nas redes sociais e sendo uma escalada, aí a imprensa começou a fazer a cobertura. (Carolina)</p>	<p>A internet e as redes sociais possibilitam esse mundo online de pressão. (...) Tem táticas que a gente sempre vai tentando, remodelado, seja ligando, seja mandando mensagens no WhatsApp, no e-mail, marcando em Stories (Instagram). São táticas muito efetivas. Porque hoje em dia, cada vez mais, os políticos entendem que aquilo ali é um canal muito importante com as suas plataformas, com seus, digamos, currais. (Jerlan)</p>	<p>A praça não tinha virado o que virou se não fosse presencial. Foi muito diferente, teve muita participação. Então a questão da participação é muito melhor pessoalmente. O comprometimento pessoalmente é muito maior. (Silene)</p>

Quadro 10 - Casos Comparados – Como o digital intervém

(continua)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
<p>Na época do evento da Marielle, era memes, e fotos do mais baixo nível que a gente não tinha o menor interesse em discutir. Até porque eram sempre fakes. Nunca era uma pessoa de verdade. Os posts eram todos curtidos por bot. (Ivo)</p>	<p>Quando a escola ia entrar de férias, (...) a gente tinha muito receio de que a escola fosse demolida, no escuro, na calada da noite. Houve a ideia de criar - que a gente amou - os Guardiões da Escola. Então foi colocada uma câmera e os guardiões ficavam de olho na câmera. (...) Então foram modos que as pessoas, trocando, foram encontrando, conseguir maneiras de participar, ser ouvidas, cobrar e fiscalizar. (Carolina)</p>	<p>Quando você gera esse nível de perturbação numa página de um político, quando você olha para os comentários e vê que eram pessoas apoiando e de repente aparecem comentários negativos, críticas, você perturba aquele sistema ali. Gera um incômodo nas pessoas. (...) Só que nunca, nunca, nunca ela vai conseguir substituir 100% o presencial. Não é só que precise ir para rua no sentido de manifestação. (...) Muitas vezes é essencial a gente ir antes da decisão ser tomada. Seja visitar o vereador, ir ao gabinete dele (...). Ir numa ouvidoria, protocolar uma reclamação em alguma parte. (Jerlan)</p>	<p>Aqui o povo não tem internet. O povo não tem computador. O povo tem celular, mas às vezes não tem dinheiro para pôr internet. E se tem internet, não sabe mexer, não sabe fazer, precisa que outra pessoa faça por ele. (Silene)</p>

Quadro 10 - Casos Comparados – Como o digital intervém

(conclusão)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
	A gente se sente muito mais seguro. Seguro por essa experiência de vitória. A gente já conseguiu ter uma vitória anteriormente, e esse acesso à internet não era tão falado quanto hoje. (...) Eu acredito que, se isso acontecer novamente, esse apoio viria de forma maior. (...) Os próprios responsáveis teriam mais acesso a essas redes sociais. (Guilherme)	É uma ferramenta que tem poder de transformação muito grande, muito avassalador e que consegue fazer isso às vezes num espaço curto de tempo. Às vezes, assustador. E falo isso de positivo e negativo, né? (Jerlan)	Eu acredito mais no abaixo-assinado assinado. (Silene)

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Numa ponta, Jerlan acredita no poder de transformação da comunicação mediada pelo aparato. Na outra, Silene acredita no “abaixo-assinado assinado”. Ambos baseiam suas opiniões a partir de vivências pessoais. Jerlan vê o impacto positivo da pressão que a Minha Jampa orchestra nas mídias sociais dos vereadores. São políticos que cada vez mais atuam para as câmeras e para os internautas, e que dependem dos votos desses seus eleitores-conectados. Já Silene convive com pessoas que não têm dinheiro para pagar o acesso à internet, e que se sentem apartadas do uso das tecnologias. Diferentes realidades de um mesmo país, parte de um quadro em que convivem as velhas e as novas instituições. É o submarino flusseriano emergindo no bloco de gelo.

Para Carolina, Guilherme, Jerlan, Marne, Vani e Flávia, é uma solução eficaz a lógica que inspirou a fundação do Meu Rio: dar acesso à política através da tecnologia para aqueles que não têm interesse ou condições em investir tempo e dinheiro para acompanhar o dia a dia da máquina pública. O conhecimento organizado e transformado em metodologia pela Rede Nossas conquista adeptos que vêm os resultados ao aplicá-la nas suas campanhas.

Para os pais da Friedenreich que não podem ir às casas legislativas em horário de trabalho, para as crianças que não podem correr riscos nas manifestações, a atuação on-line é uma forma de participar, e de amplificar a visibilidade da causa. Vivem um cabo de guerra em que na outra ponta da corda estão aqueles que têm domínio da máquina pública e acesso às verbas da iniciativa privada. Angariar a simpatia de aliados e conseguir que eles façam barulho nas mídias sociais e encham de e-mails as caixas postais dos vereadores e dos deputados estaduais é uma ação que não demanda máquina pública nem dinheiro.

Para Flávia e Silene, as plataformas digitais são uma forma de se conectar e de divulgar sua causa. Como o acesso à internet é caro e o uso de ferramentas elaboradas demanda conhecimento técnico, elas usam o WhatsApp para mobilizar, e o Facebook como plataforma de unificação de informações públicas sobre o pedido de asfaltar as ruas do bairro.

Para Ivo, o uso das mídias sociais é uma forma de a torcida ganhar corpo e ter relevância ao cobrar mudanças da direção do clube Botafogo. E é até o meio de encontrar outras pessoas que, como ele, vivem no “Nicho do nicho”, são “Botafoguenses e de esquerda”.

Os depoimentos revelam como os ativistas percebem os benefícios do uso do meio digital. O que eles não falam é que a tecnologia molda o seu ativismo. O aparato permite uma quantidade pré-programada de ações e resultados. Não é possível fazer circular na rede mensagens e imagens fora dos parâmetros do programa. O Instagram, por exemplo, só permite postagens com imagem, e exibe os textos no feed em formato reduzido às primeiras linhas. Para garantir que os amigos lerão os textos que desejam, os usuários do Instagram passam a postar imagens que reproduzem textos publicados no Twitter. Para postar texto no Instagram é preciso verter o texto em imagem.

O ambiente digital restringe as ações que podem ser desenhadas pelos ativistas ou que ocorrem aleatoriamente. E com isso definem o formato da mensagem, modificando a própria mensagem. Uma tática eficaz exige submissão às regras do aparato e uma atuação a partir de uma posição de dentro do aparato. O que torna o ativista uma parte integrante do próprio programa, uma peça da máquina. Ele atua contra, mas também alimenta e mantém o programa. Quanto mais bem sucedido o

ativista, mais mimetizado está com a rede. Como manter uma consciência subversiva nesta posição intrínseca é um desafio do novo revolucionário.

6.6 Perspectivas pessoais sobre engajamento, propósito e mudança

Quadro 11 – Casos Comparados – Como cada um vivencia o ativismo

(continua)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
Esse grupo de pessoas que se encontrou completamente ao acaso, por ter interesses comuns, completamente aleatórios também que é Botafogo, futebol mais especificamente, e política... a gente acabou criando relações, né? Principalmente depois de momentos muito conturbados, tensos, a conexão que você faz nesses momentos é muito forte, né? (Ivo)	Até tem uma professora que brincava, brinca até hoje, está aposentada, “olha eu estou disposta a me acorrentar a esse portão da escola. Porque eu não vou deixar eles chegarem aqui para demolir uma escola na justificativa de apoiar os grandes eventos”. E isso me marcou muito. (Guilherme)	A gente fica um pouco desmotivado com isso achando que a esperança não engaja. Mas, na real, a raiva estanca muito, para muito. Você fica “p da vida, você trava”. É preciso muito mais do que isso. É preciso esperança, ter fé de que as coisas vão melhorar. (Jerlan)	Se um dia surgir a oportunidade no meu coração primeiro, se for vontade de Deus, a gente começa a amadurecer a ideia. Mas hoje eu não tenho vontade (<i>de se candidatar</i>). (Flávia)

Quadro 21 – Casos Comparados – Como cada um vivencia o ativismo

(continua)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
<p>Mesmo no grupo maior existe um senso de comunidade muito forte. (Ivo)</p>	<p>Hoje minha filha tem 18 anos (...) ela atua na escola dela, é uma coisa que ela levou para a vida dela. (Carolina)</p>	<p>A comunicação é transversal em tudo aquilo que a gente faz, no ativismo. E ver que, se existem pessoas que se preocupam, e conseguem transmitir uma mensagem, e facilitar essa decodificação da mensagem, e têm uma preocupação estética, uma preocupação nas palavras... puxa, é uma coisa que é possível, não existe só políticos falando supercomplicado. Não existe só um jornal com manchete grande falando de inflação, falando de termos técnicos. Existem pessoas preocupadas. (Jerlan)</p>	<p>Minhas amigas falam para eu virar, me candidatar. Eu falo que eu não quero, nunca vou ser. Porque eu não acredito. Eu acredito que as pessoas como eu, que tá fazendo alguma coisa assim, pode fazer a mudança. Sem título, sem interesse em ganhar. (Silene)</p>

Quadro 11 – Casos Comparados – Como cada um vivencia o ativismo

(conclusão)

Botafogo Antifascista	Escola Friedenreich	Minha Jampa	Lideração
<p>E aí eu peguei as camisetas, dei a volta na Zona Sul, para entregar as camisetas todas de graça. Quer dizer, gastando o meu dinheiro para pagar trem, metrô, ônibus e tudo. Um esforço para ficar mandando mensagem, combinando ponto de encontro, e tudo isso de graça, sem receber nada. Só pelo carinho ao movimento. (Ivo)</p>	<p>Eu brincava que isso era o maior legado que a escola ia deixar, essa ideia, esse aprendizado de que a educação vale, de que a educação é importante, de que a história, a memória vale. De que isso não pode ser mensurado em termos de lucro. Seja para o Maracanã, para a Copa, para as Olimpíadas, porque isso passa. Mas a escola está lá. As memórias, as vivências, estão lá. O dinheiro público está lá. Não é um legado físico, é o que a gente carrega. (Carolina)</p>		<p>Até na hora da apresentação, é horrível isso, do Padre Haroldo trazendo ele para cá a gente percebe no olhar: “Ó, é ela. A Silene. É aquela lá”, sabe? Mas não positivamente. “Cuidado com ela”. (Silene)</p>
	<p>Somos mais de 1.500 escolas. Somos um grãozinho ali, mas é claro o que a gente passou a gente tenta deixar como um ensinamento para as outras mas também dizendo que, se isso acontecer novamente, o que nós temos muito, talvez a gente esteja muito mais articulado e preparado para lidar com o que aconteceu. (Guilherme)</p>		

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Para encerrar essa análise, abro espaço para um pouco de poesia. Abraço a proposta do fotógrafo de Flusser que dança em torno do objeto e abro a câmera para que os ativistas entrevistados falem sobre si, suas experiências de mudança e seus sonhos. São frases das entrevistas que colocam lado a lado perspectivas que dialogam.

Ao longo da pesquisa, eu me sinto olhando para um caleidoscópio. Às vezes, não consigo traduzir todas as imagens, dados, depoimentos. Mas são lindos, mesmo assim. Em outros momentos, me deixo ser levada e vejo novas ideias se formando e se transformando em descobertas. Os depoimentos dos entrevistados são o que de mais rico surge desse caleidoscópio.

Em Campinas, no Rio ou em João Pessoa, esses ativistas buscam dar um outro uso para as ferramentas digitais criadas para estimular o consumo. Buscam politizar as imagens técnicas num processo que subverte a transformação das palavras de ordem em hashtags, das manifestações nas ruas em vídeos editados com a música de sucesso, de bandeiras em memes.

O processo contínuo e acelerado de produção de imagens não abre pausas. Vivemos num fluxo que nos entorpece. E trabalhamos e produzimos cada vez mais para consumir cada vez mais. O encontro familiar em torno da refeição, o passeio turístico nas férias, o momento com os filhos na frente da TV. Tudo está regido sob a mesma lógica. Nós buscamos a imagem de referência para reproduzi-la, e aí geramos uma mesma imagem para ser compartilhada.

Os depoimentos dos ativistas falam de um esforço pessoal e coletivo para romper esse ciclo. Uma tentativa de dignificar a vida para além do consumo e da produção. Na leitura das falas de cada um deles, percebe-se que experimentar o ativismo já é em si um ato subversivo.

7 CONCLUSÃO

As mudanças históricas não ocorrem como um acender de luzes elétricas, ao tocar no interruptor. Convivem no mesmo tempo e espaço estruturas que perdem sua relevância e migram para as bordas, enquanto novas institucionalidades se consolidam no coração da sociedade. É o momento em que vivemos: a política tradicional perdeu

sua relevância frente ao processo voraz de produção de imagens, que está hoje na centralidade, mas não de forma cristalizada, e sim em um movimento de formação de um novo modo de ser político.

O “abaixo-assinado assinado” de Silene, a ativista de Campinas, ainda está vivo, porém é eficaz somente em pequena escala. Não é possível hoje fazer pressão sobre decisores políticos sem presença no meio digital. As imagens e os vídeos estão escanteando o “abaixo-assinado assinado”. A palavra escrita virou hashtag, uma versão imagética de si mesma.

Esta pesquisa nasce de uma pergunta: “Reagindo de forma lúdica à entropia do complexo homem-aparato, os ativistas digitais poderiam ser os novos revolucionários flusserianos, que estressam e subvertem o programa?”. Ao longo dessa pesquisa e ao fim de cada caso estudado, dedico um espaço para análises e reflexões. No capítulo 6, o processo de comparação dos depoimentos dos ativistas abre uma nova oportunidade de descobertas. Mas é aqui, agora, que tento organizar minhas conclusões de forma mais metódica, reunindo o que está diluído ao longo do texto, e provocando uma ebulição que permita emergir novas hipóteses.

Voltando ao caso Botafogo Antifascista: Como uma torcida de futebol de fora da centralidade da política conseguiu mobilizar milhares de pessoas para a manifestação contra o assassinato de Marielle? Para Flusser, no mundo histórico o aleatório está excluído. Já no mundo pós-histórico, como num jogo de dados em que as possibilidades estão limitadas pelo programa, o aleatório é inerente.

Quando falamos de mídias sociais, a alta densidade informacional gera um aumento na frequência dos fenômenos aleatórios. Do ponto de vista da política, isso quer dizer que se torna cada vez mais comum o surgimento de atores de fora da centralidade do poder. Seja mobilizando ativistas como a torcida Botafogo Antifascista. Ou emergindo como lideranças da política tradicional. É uma das razões de vermos cada vez mais youtubers candidatos a Deputado Federal, personagens inesperados ocupando cadeiras de presidente.

Esse processo do aleatório intrínseco à nossa sociedade pós-industrial é percebido e capturado por diferentes matizes da política tradicional, e transformado em

discurso. Donald Trump se posiciona como um antipolítico, Jair Bolsonaro adota bordões como “contra tudo isso que está aí”. Mas o aleatório não tem preferências eleitorais, ele circula na rede abrindo brechas e permitindo que fenômenos inesperados ainda nos surpreendam. O que deve acontecer mais e mais, conforme aumenta a velocidade da produção das imagens técnicas e o volume de dados em circulação.

É o aleatório que impulsiona a página Botafogo Antifascista ao protagonismo das mobilizações contra o assassinato de Marielle Franco. Esse ponto de inflexão – concentrado em poucas horas - muda não só a relevância da página como também intervém na identidade e na atuação dela. A torcida é impelida a se politizar para além do estádio de futebol, respondendo à expectativa de um público nas redes que olhava mais para o adjetivo Antifascista do que para o substantivo Botafogo.

Essa nova identidade ativista ganha corpo através dos comentários dos usuários que participam da cocriação do evento no Facebook, e se fortalece quando os próprios administradores passam a responder a essa pressão, atuando para atender a essa expectativa, no processo tão bem explicado por Larissa Adler Lomnitz (2009). Não é um processo isolado. A pressão da rede social presencial é uma constante na construção da nossa identidade. Com o meio digital, a pressão perde o rosto da vizinha fofqueira e ganha a face anônima dos seguidores. Com volume e fluxo intenso, a pressão digital é palpável e potente.

O impacto do coletivo molda a autoidentidade institucional da torcida Botafogo Antifascista. O mesmo acontece com a Escola Municipal Friedenreich. Ela se torna uma escola considerada esquerdista. O apoio de aliados digitais ao processo de resistência da comunidade escolar traz conforto para os ativistas. Mas este apoio, somado aos ataques em contrafluxo, também empurra os pais na direção dos palanques das manifestações de Junho de 2013, onde se sentem reconhecidos. A favor ou contra, todos concordam que a escola e a comunidade escolar ganham uma identidade de quem luta por sua sobrevivência de forma articulada no meio presencial e digital, contra a máquina pública e as empresas envolvidas com as obras da Copa do Mundo. Uma identidade esquerdista.

A pressão do coletivo digitalizado não se dá só sobre as instituições, mas também sobre as pessoas. Na análise dos depoimentos, fica patente a mudança da

percepção dos entrevistados sobre a política a partir da vivência ativista. Sua identidade e seu modo de ver o mundo são modificados. Marne, da Minha Campinas, revela que seu propósito muda a partir da atuação na ONG. Flávia, que via os políticos apenas como corruptos, já começa a pensar na hipótese de se candidatar a vereadora.

Imagens técnicas são criadas pelos ativistas digitais e, num movimento circular, elas também os formam. Na análise do processo de construção e disseminação da metodologia Rede Nossas, fica claro que, além de um propósito comum, os ativistas digitais precisam também acreditar na rede como ferramenta. E, no caso da Nossas, acreditar na própria metodologia desenvolvida. E essa crença passa a constituir a identidade ativista.

Também a forma de atuar no meio digital intervém nessa construção do EU ativista. O processo de comunicação no meio digital se dá de forma muito mais rápida do que no mundo presencial, e as mensagens se movem na rede em busca de um consenso transformado em imagem técnica, superficial e direta. Quanto mais eficaz esse processo de transformação em imagem técnica, mais a causa defendida pelo ativista circula na rede.

O aparato limita as possibilidades de atuação dentro dele, por ser um espaço programado. Para circular na rede, a mensagem precisa ser imagem técnica. Esqueçam o Manifesto Comunista, ninguém vai ler um programa de governo de 30 páginas. O meio digital provoca uma mudança radical: o debate político é substituído pelos memes. E o ativista bem-sucedido é o que passa a pensar em forma de imagens.

No lugar da verticalidade da liderança, se institui a participação em rede. Os movimentos dos ativistas digitais, consciente ou inconscientemente, acontecem dentro da lógica do programa: coreografados por muitos, num modelo sem líderes claramente identificáveis. Todos são partícipes e coautores, em maior ou menor escala. A substituição da linha pelo pixel, da escrita pela fotografia cria um ambiente horizontalizado, onde diferentes forças atuam, como um enxame de insetos que hora se move numa direção, hora em outra, numa dança onde é impossível distinguir o coreógrafo.

Sem hierarquia, todos são experts; e os *bots* ganham credibilidade nas redes. A autoria e o conhecimento são colocados em xeque e até o conceito de verdade derrete frente à potência do indivíduo munido de certezas e com acesso às mídias sociais. A percepção filosófica da *fake news* está posta na conversão do conhecimento em imagem técnica: se apertado um botão e toda a história da humanidade surge na tela, então basta outro apertar de botão para que toda a história da humanidade seja reescrita (FLUSSER, 2008).

Mas existe um elemento, muito humano, que cria interferência no programa. Ao longo desta pesquisa, fica explícita a importância do diálogo buberiano. Como diz Ströhl (2007), Flusser acredita que o diálogo gera um comprometimento entre as partes. Criar uma troca real em um ambiente virtual é raro. Mas quando o diálogo se impõe sobre o discurso, ele traz ao ativista o reconhecimento que o expert já teve. Os pais da Freidenreich se sentem validados pelo apoio nas redes. A colaboração virtual constrói a manifestação contra o assassinato de Marielle Franco.

A cocriação entre ativistas e público atravessa todos os casos analisados. A mudança do broadcast para a rede abre essa porta para a criação coletiva e anônima. A política acontece nos corredores do Congresso Nacional, mas também nas redes sociais com a pressão coreografada no Twitter. O que acontece no Twitter repercute no Congresso Nacional. O modo tradicional de fazer política está sendo escanteado para as bordas da sociedade, enquanto a produção serial de imagens passa a ocupar a centralidade.

O meio é a mensagem. As imagens técnicas atuam sobre nosso modo de comunicar e até sobre nosso modo de pensar. O diálogo é um ruído que os ativistas digitais introduzem no complexo homem-aparato. Esta pesquisadora defende que os artistas revolucionários de Flusser podem ser – também – esses novos ativistas que atuam de dentro e sobre o programa. Não o renegam, mas o aceitam e o alimentam com imagens técnicas carregadas de valores e assim, subversivamente, as politizam.

Raramente conseguem quebrar a entropia da produção frenética de imagens e que alimenta o entorpecido. Porém, ao estressar o programa explorando suas possibilidades pré-programadas, ao abrir um espaço de colaboração criativa, ao provocar conversas na horizontalidade das redes podem estar criando oportunidades

para o surgimento do diálogo. E o diálogo autêntico dentro do complexo homem-aparato é subversivo.

O resultado dessa mudança do universo político não está posto, mas em construção. O ativismo digital ainda engatinha. Flusser é uma excelente companhia para quem quer estudar e acompanhar o porvir. Ele não é um vidente, e sim um cartógrafo que mapeia o espírito humano no contexto da nova sociedade pós-industrial e pós-histórica. E, sem mapas, perdidos estamos.

O que vi ao longo desse estudo foi um esforço de pessoas carregadas de boas intenções tentando mudar o sentido e o uso do meio digital. Atuando de dentro do complexo homem-aparato, de uma forma subversiva. Tentando furar o espaço programado para o discurso, buscando criar caminhos para o diálogo. Ou, como diz Flusser, buscando injetar valores, politizar as imagens. Os ativistas digitais podem sim ser os artistas revolucionários de Flusser, que desejam criar uma sociedade digna de homens.

Terão sucesso? Eles, e nós, estamos vivendo um período de mudanças que não sabemos onde nos leva. Nos apoiar na filosofia de Flusser para compreender esse processo pode ser uma boa medida para enxergarmos o futuro e atuarmos sobre ele, indo além do conhecimento técnico, numérico, que vem sendo construído sobre a relação da política com o ambiente digital. Proponho vestir os óculos do Flusser para ver a mudança para além dos dados e dos números.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G., 2009. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. 1 ed. Chapecó, Argos.

ANDREONI, M., 2012. Demolição de colégio deixa pais preocupados. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 de novembro de 2012. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/rio/demolicao-de-colegio-deixa-pais-preocupados-6667824>.

Acesso em: 17 mar. 2021.

BAIO, C. O jogo de Vilém Flusser: pistas para uma estética 'sem chão'. *Conferência Do Conceito à Imagem - A cultura da mídia pós-Vilém Flusser*, 309-334, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Editora Edufrn. Organização Michael Hanke e Élmáno Ricarte. 2015.

BALCEIRO, R. B. *A inteligência empresarial: um modelo de gestão para Organizações virtuais aplicado às micro e pequenas empresas*. COPPE/UFRJ, D.Sc., Engenharia de Produção, 2004.

BARABÁSI, A. L. Network theory - The emergence of the creative enterprise. *Science*, v. 308, n. 5722, pp. 639-641. 2005.

BARTHOLO, R. Desatando a imaginação: breves notas sobre ética e crítica no mundo contemporâneo, *Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade*, v. 22, n. 39, pp. 139-150, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.v22.n39>. Acesso em: 17 mar. 2021.

BIRCHALL. *UK protesters topple statue of slave trader Edward Colston in Bristol*. CNN, June 8, 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/06/07/europe/edward-colston-statue-bristol/index.html>. Acesso em: 18 jul. 2020.

BOTAFOGO ANTIFASCISTA. *Página Facebook*. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/botafogootifas/>. Acesso em: 25 mai. 2018.

BRASIL. Ministério da mulher, da família e dos Direitos Humanos. Portal Notícias. *Governo brasileiro e Nações Unidas recomendam diretrizes nacionais para procedimentos de investigação, processo e julgamento de crimes feminicidas*. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias-spm/noticias/governo-brasileiro-e-nacoes-unidas-recomendam-diretrizes-nacionais-para-procedimentos-de-investigacao-processo-e-julgamento-de-crimes-feminicidas>. Acesso em: 26 mai. 2022.

BUBER, M. *Eu e tu*. São Paulo: Editora Moraes, 1979.

CASTELLS, M. A Network Theory of Power, *International Journal of Communication*, v. 5, pp. 773-787, 2011.

CASTELLS, M. *Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet*, 1 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2013.

CAUCHICK M. P. A.; SOUZA, R. O método do estudo de caso na Engenharia de Produção. In: Cauchik Miguel, P. A. (eds), *Metodologia de Pesquisa em Engenharia de Produção e Gestão de Operações*, 2 ed., Rio de Janeiro: Elsevier, ABEPRO, 2010.

CESEC. Centro de Estudos de Segurança e Cidadania. *Site Oficial*. [s.d.]. Disponível em: <https://cesecseguranca.com.br/o-cesec/>. Acesso em: 25 mai. 2022.

CHARMAZ, K. *Constructing Grounded Theory - A Practical Guide through Qualitative Analysis*. 1. ed. London: SAGE Publications, 2006.

CHARMAZ, K. The Power and Potential of Grounded Theory. *Medical Sociology online*, v. 6, n. 3, p. 2–15, 2012.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. *Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual*. 10. ed. Rio de Janeiro: Elsevier Ltd, 2003.

DOIDGE, M. The birthplace of Italian communism: political identity and action amongst Livorno fans, *Soccer and Society*, v. 14, n. 2, pp. 246-261, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14660970.2013.776471>. Acesso em: 4 mar. 2020.

ECO, U. “UR-FASCISM”, *The New York Review of Books*, Nova York, 22 de Junho de 1995. Disponível em: <https://www.nybooks.com/articles/1995/06/22/ur-fascism/>. Acesso em: 8 ago. 2020.

EARL, J., KIMPORT, K. *Digitally: Enabled Social Change: Activism in the Internet Age*. Cambridge: The MIT Press. 2011.

EMPLIFI CZECH REPUBLIC a.s. Congratulations to Brazil: The 2nd Biggest Country On Facebook!, *Social Bakers*, n.d., 3 de maio de 2012. Disponível em <https://www.socialbakers.com/blog/529-congratulations-to-brazil-the-2nd-biggest-country-on-facebook>. Acesso em: 2 mai. 2021.

EMPLIFI CZECH REPUBLIC a.s..10 FASTEST Growing Countries on Facebook in 2012, *Social Bakers*, n.d., 23 de Janeiro de 2013. Disponível em <https://www.socialbakers.com/blog/1290-10-fastest-growing-countries-on-facebook-in-2012>. Acesso em: 02 mai. 2021.

FOLHA DE SÃO PAULO. “ESSE é o cara”, afirma Obama, sobre Lula. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 de abril de 2009. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,esse-e-o-cara-afirma-obama-sobre-lula,349250>. Acesso em: 10 dez. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. Um em cada cinco brasileiros torce para o Flamengo, aponta Datafolha. *Folha de São Paulo*, 17 de setembro de 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/09/um-em-cada-cinco-brasileiros-torce-para-o-flamengo-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 14 abr. 2020.

FLUSSER, V. *Filosofia da Caixa Preta*. 1 ed. São Paulo, Editora Hucitec, 1985.

FLUSSER, V. (Apresentador), *Television Image and Political Space*. Filmado em 7 de abril de 1990, em Budapest. Vídeo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zhkqQxhlg4E>. Acesso em: 22 mar. 2020.

FLUSSER, V. *Writings*. (STRÖHL, A., org). 1 ed. Minnesota, University of Minnesota Press, 2002.

FLUSSER, V. *O Universo das Imagens Técnicas. Elogio da Superficialidade*. 1 ed. São Paulo, Annablume, 2008.

FLUSSER, V. *Comunicologia - Reflexões sobre o futuro*. 1 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2015.

FLUSSER, V. *O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação*. 1 ed. São Paulo, Ubu Editora, 2018a.

FLUSSER, V. Sobre Edmund Husserl. *Flusser Studies*, v. 26 (Nov.), 2018b. Disponível em: <https://www.flusserstudies.net/archive/flusser-studies-26-november-2018>. Acesso em: 8 ago. 2020.

G1. Rio de Janeiro. Alerj aprova Lei da Ficha Limpa para alto escalão da administração pública. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/12/alerj-aprova-lei-da-ficha-limpa-para-alto-escalao-da-administracao-publica.html>. Acesso em: 25 mai. 2022.

GARVIN, D. A.; NAYAK, P. R.; MAIRA, A. N.; BRAGAR, J. L. Aprender a Aprender. *Revista HSM Management*. São Paulo: HSM do Brasil, pp. 58-64, no. 9. julho-agosto, 1998.

GERBAUDO, P. *Tweets and The Streets: Social Media and Contemporary Activism*, 2 ed. London, Pluto Press, 2012.

GERBAUDO, P. Social media and populism: an elective affinity? *Media, Culture and Society*, v. 40, n. 5, p. 745–753, 2018.

GOMES, G. S. *A importância dos registros documentais para a (re)construção da identidade dos sujeitos da Escola Municipal Friedenreich*. 2019. Tese de Conclusão de Curso de Graduação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, Escola de Arquivologia, Rio de Janeiro, Brasil.

HANKE, M. M. Pós-História e Pós-Modernidade. Dois conceitos-chave da filosofia da cultura crítica de Vilém Flusser e sua análise contemporânea da mídia e das imagens técnicas, *Galáxia*, v. 29 (Jan), pp 96-109, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120223>. Acesso em: 18 mai. 2020.

INEP. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. 2021. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=7687636>. Acesso em: 02 fev. 2021.

IKEDA, A. A.; BIANCHI, E. M. P. G. Considerações sobre usos e aplicações da Grounded Theory em Administração, *Revista de Administração FACES Journal*, v. 8, n. 2, art. 30, p. 107-122, 2009.

JOYCE, M. *Digital Activism Decoded: the New Mechanics of Change*, 1. Ed., Nova York, International Debate Education Association, 2010.

LOMNITZ, L. *Redes Sociais, Cultura e Poder*, 1 ed., Rio de Janeiro, Programa de Engenharia de Produção da Coppe/UFRJ, 2009.

MAGRI, D., Torcidas antifascistas se multiplicam nas arquibancadas do futebol brasileiro, *El País*, São Paulo, 25 de dezembro de 2019. Disponível em <https://brasil.elpais.com/esportes/2019-12-25/torcidas-antifascistas-se-multiplicam-nas-arquibancadas-do-futebol-brasileiro.html>. Acesso em: 5 mar. 2020.

MARIELLEFRANCO. *Site Marielle Franco*. Disponível em: <https://www.mariellefranco.com.br/>. Acesso em: 25 mai. 2022.

MARINATTO, L. Vereadora Marielle Franco é assassinada a tiros no Estácio. *O Globo*, 14 de março de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/vereadora-marielle-franco-assassinada-tiros-no-estacio-22491063>. Acesso em: 5 mar. 2020.

MEU RIO. *Post publicado em 31 de outubro de 2012*. Disponível em: <https://www.facebook.com/meurio/photos/a.494423043923606/494423130590264>. Acesso em: 12 dez. 2020.

MINHA JAMPA. *Balanço financeiro – Julho 2018 – Julho 2019*. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1juRYnIqyDiA6wyLO666dtJ14p6eAFUVN/view?usp=s_haring. Acesso em: 18 mai. 2021.

MITU, B.; VEGA, D. O. C. Digital Activism: A Contemporary Overview. *Revue Des Sciences Politiques*, v. 44, n. Outubro, p. 103–112, 2014.

MCKEON, R.T., GITOMER D.H. Social Media, Political Mobilization, and HighStakes Testing, *Frontiers in Education*, v. 4 (Jun), 2019. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/feduc.2019.00055/full>. Acesso em: 10 mar. 2020.

NETTO, A. “Esse é o cara”, afirma Obama, sobre Lula. *Jornal Estadão*. Caderno Economia. 2009. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,esse-e-o-cara-afirma-obama-sobre-lula,349250>. Acesso em: 25 mai. 2022.

NOSSAS. *Manual de mobilização*. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1YjLCTUVCO3KhilS6AyHGAIJLCIPGmYuV/view?usp=sharing>. Acesso em: 30 out. 2021.

O DIA. *Protesto virtual tenta impedir reajuste da tarifa de trens em fevereiro*. Rio de Janeiro. 2021. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2021/01/6071687-protesto--virtual-tenta-impedir--reajuste-da-tarifa--de-trens-em-fevereiro.html>. Acesso em: 25 mai. 2022.

PAZZI JR., M. Rio é escolhido como cidade-sede da olimpíada de 2016. *Jornal Estadão*. Caderno Esportes. 2009. Disponível em:

<https://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,rio-e-escolhido-como-cidade-sede-da-olimpiada-de-2016,444804>. Acesso em: 25 mai. 2022.

PEREIRA, M. C., DUARTE, F. M., BARTHOLO, R., *et al.* The Sixth Rung. *Flusser Studies*, v. 22 (Dez) , 2016. Disponível em

<http://www.flusserstudies.net/archive/flusser-studies-22-%E2%80%93-december-2016-special-three-part-issue>. Acesso em: 15 mar. 2020.

RIO DE JANEIRO (município). *Projeto de Lei 469 de 3 de novembro de 2009. tomba, por interesse educacional e social, a Escola Municipal Friedenreich, no complexo do Maracanã*. Disponível em:

http://www.camara.rj.gov.br/spl/spl_tramit_proj_assunto.php?id=18115. Acesso em: 26 mai. 2022.

SAMPAIO, L. É pelo R\$ 1,20: alta de 25% na passagem de trem provoca protestos.

Casa Fluminense. 2021. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods11/e-pelo-r-120-alta-de-25-na-passagem-de-trem-provoca-protestos/#:~:text=%C3%89%20pelo%20R%24%201%2C20,trem%20provoca%20protestos%20%2D%20Projeto%20Colabora&text=Acabar%20com%20a%20pobreza%20e m,formas%2C%20em%20todos%20os%20lugares>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SANTAELLA, L. Flusser: Um Pensador Visionário. *Flusser Studies*, v. 15 (Mai) , 2013. Disponível em: <https://www.flusserstudies.net/archive/flusser-studies-15-may-2013>. Acesso em: 15 jun. 2020.

SHIRKY, C. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

STRÖHL, A. Introduction. In: Flusser, V., *Writings*, 1 ed, capítulo 1, Minnesota, Estados Unidos, University of Minnesota Press, 2002.

STRÖHL, A. iApparatus or How the Culture of Personalised Media Creates Millions of iOperators, *Scan, Journal of media, arts and culture*, v. 4, n. 3 (Dez), 2007. Disponível em: http://scan.net.au/scan/journal/display.php?journal_id=104. Acesso em: 28 ago. 2019.

SUSSMAN, N. Brazil's Seed of Protest, *New York Times*, vídeo, 22 de julho de 2013. Disponível em: <https://www.nytimes.com/video/world/americas/100000002346125/brazils-seeds-of-protest.html?searchResultPosition=1>. Acesso em: 14 abr. 2020.

TAKEUCHI, H.; NONAKA, I. *Gestão do Conhecimento*. 1. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

TRATNIK, P. Art as Acting Against the Program of the Apparatus, *Flusser Studies*, v. 22 (Dec), pp. 1-10, 2016. Disponível em: <http://www.flusserstudies.net/node/615>. Acesso em: 8 ago. 2020.

THE NEW YORK TIMES. *Brazil Seeds of Protest*. 2013. Disponível em: <https://www.nytimes.com/video/world/americas/100000002346125/brazils-seeds-of-protest.html?searchResultPosition=1>. Acesso em: 25 mai. 2022.

VICINO, T. J., FAHLBERG, A. The politics of contested urban space: The 2013 protest movement in Brazil, *Journal of Urban Affairs*, v. 39, n. 7, pp. 1001-1016, 2017.

Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07352166.2017.1323545>. Acesso em: 19 jul. 2020.

WOJNOWSKI, K. Telematic freedom and information paradox, *Flusser Studies*, v. 23, 2017. Disponível em: <http://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/wojnowski-konrad-telematic-freedom-and-information-paradox.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

WEBARCHIVE. Assine a carta de apoio aos pais e alunos da escola Friedenreich.

Disponível em:

https://web.archive.org/web/20121101022101/http://meurio.org.br/assine_embaixo/escola-nao-se-destroi. Acesso em: 12 dez. 2020.

YIN, R. K. *Case study research, design and method*. 4 ed. Londres, Sage Publications Ltda, 2009.

ANEXO A - CARTA DE APOIO À ESCOLA MUNICIPAL FRIEDENREICH

Carta de apoio à Escola (acesso em 1-11-2012, através do site: https://web.archive.org/web/20121101022101/http://meurio.org.br/assine_embaixo/escola-nao-se-destroi)

EDUCAÇÃO FAZ TODA DIFERENÇA

ASSINE A CARTA DE APOIO AOS PAIS E ALUNOS DA ESCOLA FRIEDENREICH!

(Primeira coluna)

6160 pessoas assinaram esta petição – Meta 7000.

Esta semana, o Meu Rio recebeu o seguinte apelo:

“Meu nome é Beatriz Ehlers, tenho 11 anos, e quando crescer eu quero ser arquiteta. Eu estudo na Escola Municipal Friedenreich, que é a 4ª melhor escola do Rio mas o Governo quer demolir ela e construir uma quadra para o Maracanã. Eu amo a minha escola e todos os alunos, professores e pais também amam ela! Foi aqui que eu aprendi a ler, escrever, usar computador, filmar e editar vídeos e principalmente a respeitar as outras pessoas. Nossa escola é diferente, é um exemplo! Nós pedimos a todos os cariocas e todas as escolas do Rio que assinem a carta de apoio e nos ajudem a impedir que a nossa escola seja demolida. Meus pais, eu e outros alunos vamos entregar essa carta diretamente para quem pode impedir que a escola seja demolida durante um encontro no dia 08 de Novembro.”

Conversando com os pais da Bia, descobrimos que ela é uma das melhores alunas da Escola Municipal Friedenreich, considerada a 4ª melhor do município. Infelizmente o Governo planeja botar a escola da Bia abaixo e construir uma quadra antes de entregar o complexo Maracanã para ser administrado pela iniciativa privada.

Felizmente, ainda dá tempo de alterar o edital de concessão do Maracanã e evitar que a escola seja demolida, interrompendo um projeto pedagógico que se construiu em 20 anos. Só temos que convencer o Secretário da Casa Civil, Regis Fichtner, a fazer as mudanças.

Fichtner estará presente em uma audiência pública no dia 8 de novembro, justamente para discutir a política de concessão do Maracanã. Os alunos, pais e professores da Escola Municipal Friedenreich estarão presentes. Eles estão muito unidos, mas ainda estão desamparados e precisam de toda a ajuda dos cariocas. Não vamos deixar que eles entrem nessa audiência pública sozinhos! Pra juntar a sua voz à deles, assine a carta de apoio!

p.s: antes de conhecermos a Bia, a história da escola já havia sido enviada pra nossa equipe por uma mãe de aluno, Márcia Fernandes. Ela nos contou que justificativas diferentes já foram dadas para a demolição: primeiro, era para construir um estacionamento, agora é para as quadras. Márcia já resiste à demolição há dois anos, e não vai parar agora. Junte-se a ela aqui.

Porque o Meu Rio entrou nessa campanha?

O Meu Rio sempre defende processos participativos e transparentes nas políticas públicas, e nesse caso nenhum dos dois princípios foi respeitado. Não apenas os pais e alunos descobriram pela imprensa que sua escola seria demolida, como a decisão foi anunciada antes de consulta com a comunidade escolar e em desacordo com a própria Secretaria Municipal de Educação. Além disso, a experiência nos mostra que promessas de "vamos construir outro antes de destruir esse" não funcionam, vide o exemplo do Autódromo, que está sendo demolido antes que os equipamentos novos sejam construídos. Em se tratando do futuro das crianças cariocas, não podemos correr esse risco.

Meta: 20000

17562 pessoas assinaram esta petição.

Atualização:

Graças à nossa mobilização, os pais e alunos da Escola Municipal Friedenreich não entraram na audiência pública da última quinta-feira sozinhos. Com eles, havia a força de mais de 16 mil cariocas. Nós fizemos tanta pressão no Governo Estadual que o Secretário da Casa Civil passou a bola para a Prefeitura, que ainda precisa ceder o terreno da escola para o Estado.

Mas as aulas estão acabando e até agora os pais não tem nenhuma garantia legal de que seus filhos poderão continuar na escola com segurança.

Vamos formar uma legião de guardiões para proteger a Friedenreich ao primeiro sinal de demolição. Montamos uma base que traz imagens da escola em tempo real, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Se a Prefeitura e o Governo resolverem demolir a Friedenreich sem aviso prévio, o Meu Rio enviará um SMS para todos os guardiões convocando-os para uma mobilização na própria escola. Nenhum trator se aproximará da escola enquanto o Governo e a Prefeitura não garantirem legalmente um destino adequado para os alunos da Friedenreich.

Participe: deguarda.meurio.org.br

(Segunda coluna)

Queridos pais, alunos e professores da Escola Municipal Friedenreich,

Gostaria de juntar a minha voz às suas. Vamos mostrar ao Secretário da Casa Civil que os cariocas não aceitarão a demolição da Escola Municipal Friedenreich!

Assine Via Facebook ou preencha o formulário abaixo:

Nome *

Sobrenome *

E-mail *

Zona

Deixa aqui a sua mensagem opcional para os pais e alunos da escola. É só se quiser, tá ;)

O Meu Rio protege a sua privacidade e o manterá informado sobre esta e outras campanhas.

COMENTÁRIOS RECENTES

Pedimos encarecidamente, em nome das crianças e do futuro desses pequenos cidadãos, que repensem a demolição desta escola. - Ana Maria Silva

Absurdo suprimir uma escola, em um País/Cidade tão carente de educação. Estou com a escola Municipal Friedenreich e todas as escolas do Brasil. Digo NÃO e NÃO à demolição da escola. - Paulo Renato Loques

Aos alunos da Escola Municipal Friedenreich, assino na esperança que haja consciência dos governantes da nossa cidade afim de que preservem a escola e mais do que isso que a tornem exemplo de que o ensino numa escola pública volte a ser melhor do que nas escolas particulares, como era no meu tempo. Com muito orgulho sempre estudei em escola pública numa época em que só os melhores eram seus alunos. Que a escola pública volte a ser sinônimo de ensino de excelencia. Estou com vcs nessa luta! - Walkyria Galvão

ANEXO B - E-MAIL ENVIADO PELA EQUIPE DO MEU RIO NO DIA 30 DE NOVEMBRO DE 2012

Precisamos de você entre o trator e a escola!

De: Daniela - Meu Rio (daniela@meurio.org.br)

Para: belem_pessoal@yahoo.com.br

Data: sexta-feira, 30 de novembro de 2012 08:08 BRST

Para visualizar nossa campanha em seu navegador, [clique aqui](#).



Amigo do Rio,

Há 20 dias o Meu Rio lançou uma campanha para impedir que a Escola Municipal Friedenreich, a 4ª melhor do Rio, seja demolida para dar lugar a uma quadra de aquecimento do Maracanã. Com uma mobilização incrível e o apoio de mais de 17.000 cariocas, conseguimos chamar a atenção da mídia e dos governantes. **Porém, hoje, dia 30, é o último dia de matrícula de alunos nas escolas municipais do Rio e os pais dos alunos da Friedenreich ainda não têm nenhuma garantia legal, do Governo ou da Prefeitura, de que seus filhos seriam de fato dirigidas a um local adequado antes de uma demolição.**

Para decidir se deixam seus filhos na Friedenreich, os pais apoiaram a convocação de uma audiência pública

Faça parte da legião de Guardiões da Friedenreich e impeça a demolição da escola!

O Governo e a Prefeitura do Rio querem derrubar a Escola Municipal Friedenreich a qualquer custo e ainda não deram aos pais nenhuma garantia legal de que seus filhos

sobre o destino da escola na Câmara dos Vereadores. **Mas a audiência pública foi cancelada porque ninguém da Prefeitura ou do Governo do Estado confirmou presença.**

Está claro que não podemos contar com nossos governantes para garantir o sono dos pais e alunos da Friedenreich. Mas podemos contar com você! **Vamos criar uma legião de guardiões que se comprometem a fazer uma barreira de proteção à escola ao primeiro sinal de demolição. Junte-se a essa mobilização e seja um dos guardiões da Friedenreich:**

deguarda.meurio.org.br/

Montamos uma base online com transmissão de vídeo, em tempo real, na frente da escola e todos os guardiões poderão vigiar a Friedenreich 24h por dia. Se os tratores chegarem, todos serão alertados por SMS pela equipe do Meu Rio.

Vamos espalhar essa iniciativa o mais rápido possível! Quanto mais guardiões tivermos, mais medo o Governo terá de autorizar uma demolição durante as férias e sem garantias legais para os alunos.

Nossa mobilização já uniu milhares de cariocas, e está funcionando! Na tarde de terça-feira o Ministério Público comunicou que entrou com uma ação civil pública contra o Governo e a Prefeitura para impedir a demolição da escola. Segundo a promotora do caso, Bianca Mota de Moraes, **“A confirmação da demolição ocorreu às vésperas**

terão local adequado para estudar em 2013. Vamos formar uma legião de guardiões para proteger a Friedenreich ao primeiro sinal de demolição.

do encerramento das matrículas para 2013. [...] não há uma nova localização onde os pais possam matricular seus filhos. Não é apresentado qualquer destino concreto, com prazo e endereço definidos para as novas instalações, o que inviabiliza a matrícula e coloca em risco o direito à educação dos estudantes”.

Essa é a segunda ação que o MP promove para evitar a demolição da Friedenreich. A primeira foi arquivada porque a Secretaria Estadual de Obras emitiu um documento mentiroso afirmando que a escola não seria afetada pelas obras do Maracanã. Um mês depois, o Secretário da Casa Civil Régis Fichtner confirmou os planos de demolição da escola. Ou seja: a Secretária de Obras deliberadamente levou os pais a acreditarem que a escola não seria demolida, tentando afastar a atuação do MP.

Agora, o Governo afirma que um novo espaço para a escola, em São Cristóvão, já teria sido assegurado. Mas o Exército, dono do tal espaço, nega que ele tenha sido cedido. Além disso, vários alunos da Friedenreich com deficiência motora não poderiam ir para essa nova escola por problemas de acessibilidade.

Chegou a hora de mostrar ao Governo que essas tentativas de eliminar as bases de apoio dos pais e alunos não vão funcionar. Se os tratores chegarem para demolir a Friedenreich durante as férias, os cariocas estarão lá para impedir a destruição da 10ª melhor escola do país:

deguarda.meurio.org.br/

Com esperança,
Equipe do Meu Rio, pais e alunos da Escola Municipal Friedenreich.

FONTES:

- [Ministério Público propõe ação para evitar demolição da escola, depois de ter arquivado a primeira por ação da Secretaria de Obras](#)

- [Rede Municipal aumenta prazo de inscrições para o dia 30 de novembro](#)

- [Carta aberta dos pais da E.M. Friedenreich](#)

- [Carta aberta dos profissionais da E.M. Friedenreich](#)

- [Declaração do Exército desmentindo a Prefeitura](#)

Para deixar de receber a nossa campanha, [clique aqui](#)